Diário de Lisboa

ANO 63.º N.º 21 161
Maio 1983
Segunda-feira

20$00

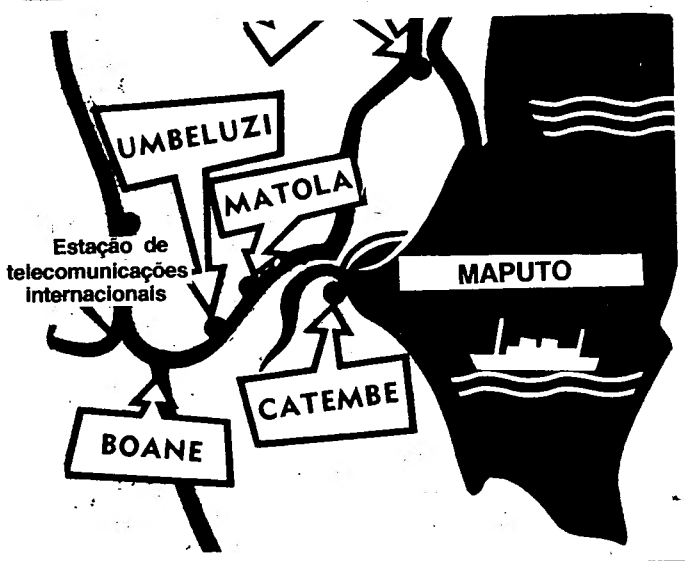
23

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

A capital moçambicana sem ligações desde esta manhã

"Raid" aéreo sul-africano a 12 quilómetros do Maputo

Os bombardeamentos sul-africanos terão ocorrido, segundo relatos da agência, na área da Matola, a 12 quilómetros de Maputo. O corte das comunicações telefónicas e de telex comMoçambique, desde esta madrugada, leva a crer que a área da Boane, a cerca de 20 quilómetros da capital, e onde se situa um importante quartel do exército moçambicano, poderá igualmente ter sido atingida, bem como a estação de telecomunicações alguns quilómetros depois de Boane, na principal via de acesso rodoviário à fronteira com a África do Sul. Outra basde militar moçambicana situa-se na margem sul da baía de Maputo, a pouca distância da vila de Catembe



● Destruída pela aviação sul-africana base de mísseis da Matola e mais cinco locais não discriminados ● As últimas informações recebidas em Lisboa falam de 42 mortos

A Força Aérea sul-africana bombardeou esta manhã, às 5 h 15 m tmG, 7 h 15 m de Lisboa, o subúrbio de Matola, situado a cerca de 12 quilómetros de Maputo, e mais cinco outros alvos não especificados. Segundo testemunhas oculares, cinco ou seis aviões coadjuvados por helicópteros de Pretória, bombardearam a zona onde, segundo o ministro sul-africano da Defesa, Magnus Malan, o Congresso Nacional Africano dispunha de um quartel-general e de um campo de treinos. De acordo com as últimas informações oriundas de Maputo, antes do corte das comunicações telefónicas, que ocorreu às 8 h 15 m de Lisboa, este «raid» terá feito quarenta e dois mortos, incluindo uma dezena de civis. Entretanto, contactada a sede da ANC em Lusaka, o encarregado das relações externas do movimento, Tahbo Mbeki, declarou à AFP que as afirmações de Magnus Malan relativamente à existência de bases da ANC nos arredores de Maputo são falsas. Aquele porta-voz afirmou que o Congresso Nacional Africano apenas possui um entreposto de alimentos e vestuário destinados aos refugiados sul-africanos de Matola. Por outro lado, uma fonte moçambicana confirmou à AFP a existência, naquela localidade, de uma base de mísseis das Forças Armadas moçambicanas que, segundo Pretória, terá sido atingida durante o ataque.

Pags. centrais

Carminda morreu por aborto

Parteira ouve sentença na Boa-Hora

Pág. 24

Milhares de fogos sem comprador

Construção civil à beira da falência apresenta pacote ao novo Governo

Pág. 11

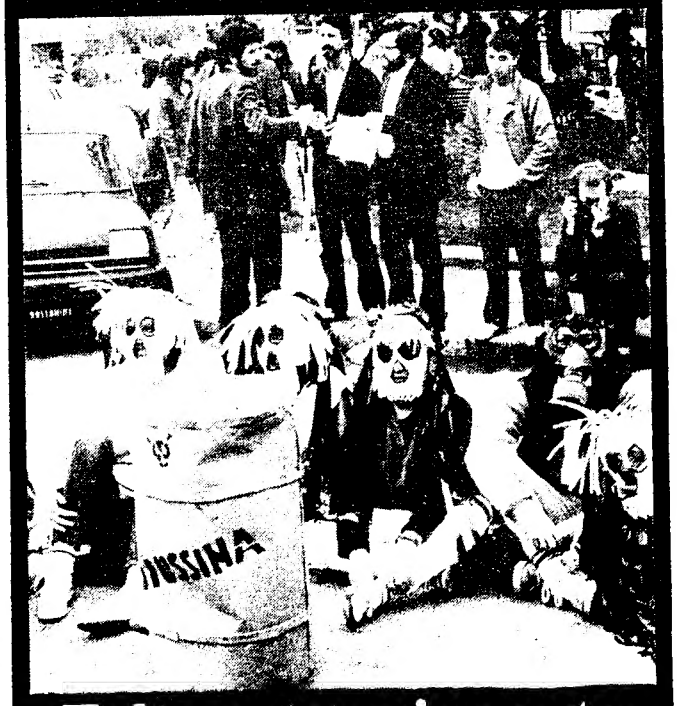
Benfica no trono do futebol

Portimão: o mar ficou vermelho

O impressionante **tiraço** de Carlos Manuel que deu o título nacional de futebol ao Benfica, duas semanas antes do corte da meta, foi comemorado em todos os tons: no palco relvado entre risos e lágrimas, com champanhe e Eriksson em ombros na cabina rubra do estádio do Portimão, ontem um imenso mar vermelho.

Pág. 16

No Sete Ponto Sete



Falta o terceiro acto do caso de Seveso

Os bidons de dioxina foram finalmente encontrados em França, mas o «caso» não está encerrado. A opinião pública europeia pede contas à multinacional suíça Hoffmann-La Roche, e quer saber se ela vai conseguir inocentar-se perante a justiça.

Na foto: quando o processo de Seveso começou no Tribunal de Monza, jovens manifestantes exigiram o boicote aos produtos da multinacional.

Os imperativos do desarmamento

Beja Santos

EM 19 de Abril a Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa apreciou um projecto de resolução apresentado pela comissão das questões económicas e do desenvolvimento sobre a evolução do comércio internacional. O estado geral do comércio internacional espelha a crise mundial. Vale a pena, a tal propósito, destacar os seguintes dados:

– o volume do comércio internacional estagnou em 1981 e diminuiu em 1982;

– o sistema comercial internacional tende a tornar-se menos liberal e mais proteccionista, orientando-se cada vez mais para a sectorização e bilateralização, em detrimento dos acordos globais;

– o mundo orienta-se na divisão entre um grupo de países industrializados confrontados com graves problemas de desemprego e de subutilização de capacidades de produção e um grupo que integra a maior parte dos países em vias de desenvolvimento, importadores potenciais de produtos dos países industrializados, mas que não têm meios para os adquirir em razão do seu enorme endividamento, da deterioração dos seus termos de troca e da diminuição da ajuda pública no desenvolvimento;

– o proteccionismo conduz no longo termo à esclerose económica, ao abaixamento do nível de vida às tensões internacionais crescentes.

DENTRO das recomendações sugeridas ao Conselho da Europa, a comissão das questões económicas e do desenvolvimento dá particular ênfase às seguintes iniciativas: intensificação da multilateralização; criação, a nível nacional, de órgãos independentes que reunam os parceiros sociais e os consumidores, e cuja missão seria estabelecer as causas económicas dos problemas com os quais estão confrontadas as empresas que reclamam medidas de protecção; conduzir políticas de ajustamento estrutural visando encorajar as empresas não competitivas no plano internacional a racionalizar progressivamente os seus métodos de produção; a organizar regularmente, no seio da OCDE, do GATT, da CNUCED e de outras instituições competentes, consultas amplas sobre as políticas de ajustamento estrutural e os diferentes objectivos nacionais em matéria da produção de tecnologia e de investimentos, tendo em conta os objectivos de desenvolvimento e do comércio dos países em vias de desenvolvimento.

São propostas decorrentes da gravíssima tensão internacional e do alucinante superarmamentismo.

São propostas para combater a crise e fazer avançar o crescimento global e generalizado. Uma crise que entronca indisfarçavelmente no armamentismo e na aceleração de despesas e encargos militares. Mas a retoma do comércio internacional só é viável quando se atenuar o conflito político EUA-URSS. O dilema é: ou desenvolvimento ou armamento. E porquê?

É do senso comum que a corrida aos armamentos implica um contínuo e crescente desvio de materiais e de recursos humanos escassos. Estamos do Decénio da Água. O plano das Nações Unidas prevê que no período de 1981-90 todos os habitantes tenham água potável e instalações sanitárias adequadas. Segundo estimativas do Banco Mundial, este plano será exequível desde que se disponha do montante diário de 80 milhões de dólares, durante 10 anos. É pouco provável que venham a conseguir-se estes 80 milhões de dólares diários; no entanto gastamos em armamentos, como facto natural e sem discussões, cerca de vinte vezes mais, ou seja, 1 bilião e 400 milhões de dólares. Mais de 1 milhão de dólares por minutos em armas de extermínio... Os números têm a sua eloquência. Os gastos militares mundiais são umas 19 vezes superiores aos da ajuda oficial para o desenvolvimento proporcionada pelos Estados que pertencem à OCDE, em termos financeiros.

AS distorções na distribuição do rendimento agravam-se. Também os países socialistas da Europa de Leste foram obrigados a reduzir o seu crescimento – a taxa média do crescimento do produto foi planeada em 1981 em 3,2% mas apenas atingiu 1,9% no seu conjunto.

Inegavelmente que as maiores vítimas da tensão internacional e inerente crise económica são os países em vias de desenvolvimento: mais de 50% do total da população destes países estão a lutar por comida, habitação e vestuário, e são forçados a entrar na competição dos armamentos por razões de equilíbrio e correlação de forças regionais, esbanjando uma parte substancial dos seus rendimentos. O facto mais saliente dos últimos anos é que 75% do comércio mundial em armamentos foi dirigido para o Terceiro Mundo. Conforme o relatório da CNUCED (Conferência das Nações Unidas para o Comércio e o Desenvolvimento) referente a 1982. «A compra de armamento ao estrangeiro nos anos 70 reduziu a capacidade dos países em desenvolvimento não exportadores de petróleo para importar maquinaria, equipamento e outras mercadorias indispensáveis para o seu progresso económico-social. O armamentismo afectou as restrições nas trocas com o exterior e contribuiu para o aumento da dívida externa destes países».

E as dívidas não perdoam: a dívida externa dos países em desenvolvimento cresceu 20% em média anual entre 1976/82 (a dívida ultrapassou os 500 biliões de dólares em 82); também a dívida interna nos EUA aumentou 40% entre 79 e 82, excedendo nesta data os 1100 biliões de dólares – aqui brota um pesadelo inflacionista.

A desagregação política e económica é por de mais evidente em todos os pontos do planeta. Os riscos do confronto global são cada vez maiores; deterioram-se todos os dias as relações Leste-Oeste; criam-se forças de intervenção rápida, aumenta o tráfego armamentista. Pulverizam-se os centros do poder nuclear. Há 30 anos atrás só existiam duas potências, nucleares hoje já são cinco e dentro de cinco ou dez anos teremos trinta ou quarenta potências nucleares. A prática das duas maiores potências nucleares em prosseguir a escalada armamentista, por alegadas razões de segurança dos respectivos países ou dos blocos em que se inserem, pode incitar terceiros países, hipotecados ou não às respectivas zonas de influência, a tentar entrar no clube nuclear discutindo também a evolução do processo do desarmamento. Nessa altura, o consenso que devia ter sido alcançado pelos dois actuais contendores, em condições muito mais complexas seria negociado a três ou mais (veja-se, por exemplo, a questão da «opção zero» e da «Opção zero real», ligadas à questão dos euromísseis em que o armamento nuclear francês e britânico é já forma de discórdia entre os EUA e a URSS.

A Europa é o grande armazém de armas nucleares. Segundo a documentação divulgada pela RDA, tendo em conta o número de vectores de armas nucleares de médio alcance (entre 1000 e 4500 km), a NATO dispõe de 986 vectores nucleares e a URSS de 975, assim distribuídos:

EUA – 723 aviões portadores de armas nucleares em aeroportos e porta-aviões nas águas costeiras da Europa (172 F-111, 65 FB-111A, 246F-4, 240 A-6 e A-7);

Grã-Bretanha – 64 mísseis com base no mar, bem como bombardeiros;

França – 98 mísseis com base em terra e no mar, bem como bombardeiros;

URSS – mísseis com base em terra, dos tipos «SS4», «SS5» e «SS20», bem como bombardeiros de médio alcance da série TU e 18 mísseis com base no mar.

Um outro aspecto calamitoso da corrida armamentista é a interdependência cada vez mais estreita entre a corrida armamentista e as distorções na tecnologia das indústrias civis. Retomando o relatório da CNUCED, «A produção de armas e outro material tem muitas vezes origens nas indústrias mais modernas e tecnologicamente avançadas como, por exemplo, na indústria transformadora, de máquinas de construção, aeroespacial, electrónica, construção naval ou na indústria automóvel. Esta realidade tem um impacto negativo sobre o progresso tecnológico e económico, em geral, dos países produtores, na medida que a oferta de potencial tecnológico é limitada e que aquelas indústrias têm um importante papel a desempenhar na produção de bens de investimento. É no campo da ciência e da tecnologia que o desvio de recursos para fins militares é maior.

Estimativas recentes indicam que mais de 20-25% das actividades mundiais no campo da ciência e da investigação estão directamente orientadas para fins militares. A intensidade de investigação do produto militar médio é cerca de 20 vezes maior do que a de um produto manufacturado não-militar médio».

Não vale a pena continuar com as referências ao trinómio fatal crise-penúria-armamentismo.

É imprescindível o regresso à «détente», desta vez em bases estáveis para se tirar a economia do atoleiro, de modo a reformular o sistema financeiro mundial e a lançar os fundamentos da solidariedade e cooperação internacionais, a par do fomento de medidas de confiança política.

Ora os princípios do «détente» de há muito que foram expressos e mantêm a sua validade. Efectivamente, na Declaração de Moscovo (Dezembro de 1972, aquando da visita do presidente Nixon), esses princípios foram definidos por Kissinger, abrangendo quatro áreas específicas: – diálogo político; – acordos de cooperação; – reforço dos laços económicos; – relações estratégicas.

Toda a comunidade internacional se deverá empenhar nesta política, única alternativa para uma paz duradoura e que esconjura de vez a ameaça do cataclismo termonuclear.

Os problemas do desarmamento estão claramente referenciados. São problemas de duas ordens: técnicos e políticos. Por definição, a regulamentação dos armamentos é uma medida incompleta, pois que ela deixa subsistir um potencial militar que pode ser elevado.

POR conseguinte, o desarmamento deverá culminar na chamada solução final que não é mais que o desarmamento geral e completo que implica a destruição de todos os «stocks» de armas, e a liquidação, inclusive, de todas as forças armadas, o que faz supor um sistema internacional de segurança colectiva para todos os Estados.

Pois que se comece pelo congelamento dos armamentos, por um pacto de não agressão, comece-se pela institucionalização de confiança nas relações entre os dois blocos. Depois, alcançar a meta da segurança Interestados constitui um elemento inseparável da paz.

Avance-se na regulamentação dos armamentos estratégicos; aceite-se universalmente não desenvolver jamais meios de extermínio de massas; eliminem-se os focos de confrontação militar na Europa Central.

De uma vez por todas, erradique-se o espectro da autodestruição. É esta a maior mensagem que os pacifistas portugueses vão levar à Assembleia Mundial para a Paz e Pela Vida, Contra a Guerra Nuclear.

Em nome de relações justas entre povos; em nome do espírito de Helsínquia; pelo respeito a dois terços da Humanidade que sofrem o impacto da exploração adveniente pela corrida desenfreada aos armamentos. A Terra só reclama Vida, nada mais.

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE SEGUROS DO SUL E ILHAS

II CONGRESSO

MEMBRO DA UGT

CONGRESSO

2ª CONVOCATÓRIA

Em conformidade com os Estatutos e nos termos gerais de Direito, convoco, em 2ª Convocatória, o II Congresso Ordinário do STSSI para os dias 7 e 8 de Junho do corrente, pelas 9 horas, no Hotel Altis, em Lisboa.

Em qualquer caso os trabalhos iniciar-se-ão uma hora depois com todos os delegados que estiverem presentes.

Ainda de acordo com os Estatutos mando o Secretariado proceder à publicação desta Convocatória pela forma indicada no nº 6 do Artº 11º dos Estatutos.

A Ordem dos Trabalhos será a seguinte:

I - Eleição da Mesa do Congresso
II - Saudações
III - Discussão e Apreciação do Regimento do Congresso
IV - Apresentação do Relatório do Secretariado do Triénio 1980/83
V - Discussão e Aprovação das Teses Apresentadas
VI - Discussão e Aprovação da Política Sindical para o Próximo Triénio
VII - Discussão e aprovação do Regulamento de Tendências
VIII - Eleições Estatutárias
a) Secretariado
b) Conselho Geral
c) Conselho Disciplinar
d) Conselho Fiscalizador de Contas
e) Comissões Consultivas Profissionais e Interprofisssonais
IX - Encerramento

O Presidente do Conselho Geral

(Jaime Sampaio Louro)

Lisboa, 25 de Maio de 1983

Largo do Intendente Pina Manique, 35, P - 1198 Lisboa Codex Portugal Telefs. 5188836-5181735-5184

Sociologia urbana dos espaços verdes

As "zonas verdes" e a lei do menor esforço

A «lei do menor esforço», se bem nos lembra, foi-nos apresentada quando ainda íamos na primeira adolescência. Na sua fase primária. Na primeira juventude. Não devendo, por isso, supor-se que, tendo já passado dezenas de anos sobre ela, admitíssemos estarmos, agora, em uma segunda e atrasada fase pós-meninice. Nesse longínquo tempo, foi, através do estudo da gramática da língua portuguesa, que tomámos, segundo cremos, o primeiro contacto com essa regra, económica, de pensamento e acção. A lei do menor esforço, aplicada ou adaptada à geometria, por exemplo, poderia, com Euclides, enunciar esta outra descoberta: a mais curta distância entre dois pontos é a linha recta. O menor esforço para transpor um espaço quadrado, de um vértice dele a outro oposto, é o de cruzá-lo pela diagonal, que é, pois a linha recta, ou segmento dela, que une esses dois vértices.

A prova do que afirmamos que que os figurantes da nossa gravura expressivamente insinuam, é dada pela imagem de uma «zona verde» de Lisboa, bem (!) degradada, como também, lamentavelmente, se ilustra. Urbanizar, quanto a nós, não é unicamente alindar plantas desenhadas, estabelecendo equilíbrio ou contraste na intensidade dos traços ou no colorido das formas definidas, em gosto pictórico apurado de apresentação figurada do plano concebido. Uma peça desenhada e/ou colorida, não é um fim em si mesma. O desenho é um meio. A realidade final obtida através do plano é que vai responder pelo êxito ambiental da concepção. O resultado, que teve como ponto de partida o esquecimento, aqui, da lei do menor esforço de que se aproveitam peões para transpor espaços públicos, está evidenciado suficientemente na foto que nos acompanha. **A placa de** relva, neste cruzamento de ruas, da esquina de uma delas à da outra, nunca deveria ser quadrada. Mas, aproximar-se, quanto possível, e geométrica e urbanisticamente, da forma que os peões, soberanos e últimos utentes do urbanismo, vieram, na melhor técnica de traçados, a dar-lhe. Restaurar esta «zona verde», e quando o orçamento camarário estiver à altura de poder atender estes «apetites», não seria, pois, quanto a nós, reconduzir a placa de relva à sua configuração original, por força de direitos de autor. Então como? E quem é (são) o (s) director(es) ou chefe(s) de serviço ou de repartição, da CML, responsável(eis) pela aceitação e pela execução (irreflectida, permita-se-nos) do plano que levou ao aspecto confrangedor desta «zona verde» ou deste pedaço

Continua na pág. 6

política de A a Z

Uma batalha perdida ou em vias de perdição

Se o sucesso eleitoral ofereceu ao Partido Socialista, com a responsabilidade das negociações para a formação de novo governo, a iniciativa da «mudança», as delongas para a constituição desse governo que venha substituir a equipa demissionária, o arrastado ritmo das negociações, o segredo negocial, quebraram o impulso da «mudança», esfriaram entusiasmos, desmobilizaram vontades, desencantaram. O governo que aí vem, diminuído à partida pelos secretos compromissos e combinações, como escreveu Augusto Abelaira: «... mesmo antes de existir está já a perder uma batalha, a batalha da esperança».

Não se podia prever que Mário Soares praticasse este erro. O de não ter preparado a exploração da vitória. E não colhe aqui argumentar que era outra a vitória que pretendia, que visava alcançar a «maioria absoluta» na Assembleia da República. Se o admitirmos, estamos a partir do princípio que, desconhecendo o País que se propõe governar, Mário Soares se confiava à esperança da reprodução mecânica, em Portugal, do que se passara em Espanha. Reprodução mecânica para a qual escasseavam, entre nós, as condições: as subjectivas e as objectivas.

Mas o erro de quebrar o impulso de «mudança» é, cremos, filho de outros erros. Mário Soares alienou, com declarações produzidas na RTP e durante a campanha eleitoral, a própria capacidade negocial. Dentro do seu partido não soubera constituir uma «equipa de governo sombra» credível. O conflito entre as «100 medidas para 100 dias» e a realidade sobre a qual elas deviam actuar, era apenas menor do que a contradição entre o «programa socialista» (em suas audácias corrigido, em suas arestas desbastado) e a orientação político-económica defendida pela «troika» dirigente do PPD-PSD. Deixou-se embaraçar na supersticiosa escolha de um «mago das finanças». Uma vez mais – nesta longa espera – a **política** *foi enredada nas malhas do* **tecnocratismo.** *E as subtilezas da «partilha do Poder» ganharam papel determinante relativamente à definição das «urgências de salvação pública».*

O conformismo, ou o desinteresse, com que os cidadãos que foram chamados às urnas, assistem à sequência do acto eleitoral, assinala, e caracteriza, um dos momentos mais negativos do «novo curso político». Chamemos assim ao processo de democratização, árduo e contraditório, iniciado a 25 de Abril de 1974.

Antes de estar constituído – antes mesmo de claramente sabermos como e quando estará constituído – o governo perdeu uma «batalha». Perdeu o impulso popular, a autoridade para transmitir ao povo a dinâmica da «mudança».

Não tenhamos qualquer dúvida que uma coisa são os cálculos políticos, que uma coisa é a «aritmética parlamentar», o jogo repousante das «maiorias parlamentares», a mitologia da «estabilidade», coerente ou incoerente, e outra coisa é o elemento psicológico: uma «política de mudança».

O eleitorado socialista – PS, ASDI, UEDS – votou «mudança». A solução governativa de compromisso é «uma continuidade». Na melhor das hipóteses, será «uma continuidade» moderada, temperada pela presença de alguns socialistas no governo e nas administrações.

Mas o segredo negocial – contrário à concepção de «democracia transparente» – vem acentuar o desinteresse público, vem esfriar o entusiasmo, agravar o pendor para a desmobilização popular.

Uma política democrática de recuperação nacional não poderá arrancar nas secretárias das repartições, na mesa do Conselho de Ministros, na tribuna da Assembleia da República. Uma política democrática de recuperação nacional, uma política para enfrentar a crise e que se processe com a inteligência e a energia necessárias para vencer a crise, terá que ter uma dinâmica própria, que ser vitalizada pela adesão popular, que despertar o activismo do tecido social. Terá que ser nacional porque é popular.

Até 1985 – até às eleições presidenciais que constituem já um motivo de negociação – é longo o caminho político que estamos obrigados a percorrer. Tempo curto para sair dos abismos da «crise nacional». Tempo longo, suficientemente longo, para que uma experiência simplista de governação, na qual a «base aritmética» é superior à «base política», se revele improcedente. Há quem deseje e aguarde a prova pública dessa improcedência. O dr. João Salgueiro não se escusou a vaticinar o falhanço. Outros, fazem votos pelo desastre.

Quem suportará os mais graves custos políticos será o Partido Socialista. Se falhar na «combinação» – como falhou o entendimento com o CDS – terá que se conformar com o «isolamento». Se falhar na governação sofrerá a penalidade do desgaste eleitoral.

E o problema que se levanta desde já – porque a política exige a previsão – é o de sabermos, no caso do falhanço da experiência em que o Partido Socialista, contra o sentido do voto popular, se decidiu empenhar, quem vai ganhar o espaço eleitoral que o Partido Socialista perderá. Pois não é verdade que o voto socialista é beneficiado e prejudicado, alternadamente, por flutuações da confiança política e por reflexos de «voto útil»?

A consistência da «área APU» – a não se verificar qualquer deslocação de votantes por agora imprevisível – é um dado. Contribui para que pensemos num desenvolvimento sociopolítico que estreita o Partido Socialista entre o «centro-direita» a «área eleitoral APU» e a restante «esquerda». São 23 a 25 por cento do eleitorado. A captação socialista nestas zonas eleitorais ficará reduzida com a experiência governativa que se aproxima.

E depois? O falhanço governativo conduz a uma falência política. A falência dos partidos. O que é grave. Porque se a vida dos partidos não esgota a Democracia; a Democracia pode esgotar-se com a morte dos partidos que pretendem ter a propriedade do governo.

Decresce mais uma vez no Brasil o rendimento per capita

Arnaldo Cesar/IPS

O brasileiro ficou mais pobre em 82. O rendimento «per capita» do país caiu 1,1 por cento em relação ao ano anterior, fixando-se em 2361 dólares.

Esta constatação faz parte de um relatório do Banco Central, divulgado há dias. Para chegar a estes números, levou-se em consideração a população do Brasil, estimada em 125,1 milhões de pessoas e o Produto Interno Bruto que foi da ordem de 53,1 triliões de cruzeiros (aproximadamente 296 biliões de dólares).

A Fundação Getúlio Vargas (órgão especializado em calcular índices do custo de vida) acha que com a queda de 1,1 por cento no rendimento«per capita» dos brasileiros em 82, a taxa acumulada de empobrecimento no período 80/81/82 é de 5,4 por cento em comparação a igual período da década passada.

Aliás, ao longo dos anos 70, o rendimento «per capita» do Brasil apresentou sempre índices positivos. O crescimento médio, naquela década, foi de seis por cento. Nos anos 60 foi de 3,3 por cento e nos anos 50 esteve em 3,5 por cento.

Os dados do relatório do Banco Central, na verdade, são trouxeram grandes surpresas, não é segredo para ninguém que o país, vive um dos períodos mais difíceis de toda a sua história económica, a sua dívida externa atinge a casa dos 90 biliões de dólares e o número de desempregados é superior a 5 milhões de trabalhadores.

O Produto Interno Bruto, em 1982, segundo os dados oficiais, cresceu entre 1 e 1,7 por cento. Um número insignificante se for levado em conta que na última década o crescimento médio do PIB foi da ordem de 6,8 por cento.

A agricultura, escalada pelos tecnocratas do governo como a grande solução para os problemas económicos do Brasil nos anos 80 não tem tido desempenho dos melhores. Em 81 ela cresceu quase 7 por cento. Mas em 82 sofreu uma queda de 2,5 por cento.

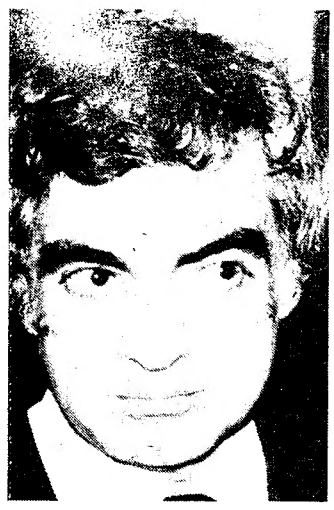
As expectativas são de que ela voltará a crescer em 83, graças às boas safras de soja e café. Mas tudo dependerá do compor-

Continua na pág. 6

ponto a ponto

O CEMGFA, general Melo Egídio, encontra-se desde ontem em Londres para uma visita oficial à Grã-Bretanha e à Bélgica.

O chefe do Estado-Maior da Armada, almirante Sousa Leitão, presidiu ao juramento de bandeira de 800 recrutas da primeira incorporação de 83, no 1.º Grupo de Escolas em Vila Franca de Xira. Sousa Leitão estará nos Açores em Julho, para participar nas cerimónias comemorativas do Dia da Marinha.



RUI VILAR acaba de ser eleito presidente da assembleia geral da SEDES para o biénio 1983-84. Fazem parte dos corpos gerentes da referida organização, entre outros, Morais Leitão, **João Salgueiro,** Artur Santos Silva, Sousa Gomes, Ataíde Ferreira, Crisóstomo Teixeira, Chaves Rosa, Fernando Melo Antunes, Guilherme Oliveira Martins, Vasco Valdez e Isabel Loff.

A renovação do contrato para a exploração da zona de jogo do Algarve até 31 de Dezembro de 2003 foi já assinada por Nandim de Carvalho, aguardando-se para breve a publicação na folha oficial. Esta decisão causou surpresa nos municípios da região, que reclamam por não terem sido auscultados sobre as contrapartidas para as populações das respectivas áreas.

A Televisão soviética apresentou sábado um documentário sobre o Algarve num dos seus programas de maior audiência, «O Clube dos Cineviajantes».

O filme foi realizado por Vladislav Tchernukha, correspondente da TV soviética em Portugal, tendo como operador Anatoli Khian, e esta foi a segunda vez que passou nos pequenos «écrans» da URSS.

A primeira apresentação foi em Março deste ano e a repetição deve-se ao interesse que então despertou.

«O Clube dos Cineviajantes», de carácter científico, leva aos espectadores imagens das mais diversas regiões do mundo, descrevendo os aspectos histórico, político-económico e geográfico.

Portugal ofereceu à Guiné-Bissau 50 toneladas de sardir em conserva, tendo a entrega sido formalizada em Bis pelo embaixador de Portugal.

Duas outras ofertas portuguesas foram entregues rec temente em Bissau.

A Biblioteca Nacional de Lisboa ofereceu livros ao Ir tuto Nacional de Investigação Científica da Guiné-Bissa Secretaria de Estado da Cooperação e Desenvol financiou a compra de livros portugueses para a Es cional de Educação Física, de Bissau.

Apelo da reunião preparatória da Assembleia Mundial da Paz

Unamo-nos para manter Portugal livre de armas nucleares

Em nome da Vida, unamo-nos para manter a Pátria Portuguesa livre de armas nucleares e fazer de Portugal uma força ao serviço da Paz no concerto das Nações de todo o Mundo – este, em síntese, o apelo aprovado no sábado, em Lisboa, pelos participantes no Encontro Nacional Preparatório da Assembleia Mundial pela Paz e a Vida, Contra a Guerra Nuclear, que se realizará de 21 a 26 de Junho em Praga.

Com a presença de cerca de 400 pessoas que ao longo do dia estiveram no cinema Europa, entre as quais se incluíam representantes de 10 Câmaras Municipais, 36 sindicatos e 68 associações cívicas, religiosas e culturais, o Encontro constituiu uma vigorosa denúncia dos perigos da guerra nuclear e das graves suspeitas que existem quanto à possibilidade de acordos ou compromissos de actuais e futuros governantes do nosso país virem a autorizar – ou já foi autorizada – a utilização do território português para o trânsito, instalação ou estacionamento de armas nucleares.

Para além do apelo lançado a todos quantos *sentem seus os anseios para um futuro de Paz,* os participantes no Encontro aprovaram os critérios da composição da delegação portuguesa que se deslocará à Assembleia Mundial da Paz em Praga. O marechal Costa Gomes chefiará essa delegação que incluirá personalidades políticas, militares e religiosas, escritores, artistas, cientistas, deputados, autarcas, jornalistas, sindicalistas, professores, médicos, juristas, engenheiros, economistas e desportistas. Representantes de associações cívicas e religiosas, de colectividades populares, de jovens e de mulheres farão parte igualmente dessa delegação de cerca de 50 membros, que incluirá naturalmente elementos do CPPC, do MNANPC-/Movimento Nacional Não às Armas Nucleares em Portugal) e das diversas Comissões de Paz espalhadas pelo país.

A esperança de impedir o holocausto nuclear – diz o apelo aprovado no sábado – *reside no desenvolvimento rápido do movimento de opinião pública contra a instalação de novos mísseis e contra a corrida às armas nucleares, a favor da Paz e do Desarmamento.*

Lembrando que *1983 é um ano crucial para o futuro e a sobrevivência da Europa e da Humanidade,* os subscritores do apelo afirmam:

A aceleração da corrida aos armamentos, e em particular às armas nucleares, fazem pesar ameaças cada vez maiores sobre a Paz mundial. Os planos de instalação, ainda este ano, de novos mísseis nucleares de médio alcance na Europa, agravam consideravelmente tais ameaças. (...) Nunca, como hoje, foi tão grande o perigo de uma guerra nuclear que, aparentemente «limitada» no seu início, acabaria por destruir a Europa e a Humanidade. A falsa concepção de guerra nuclear 'limitada' causa profunda inquietação aos povos europeu e do mundo que aspiram à Paz como bem supremo.

Por outro lado, o documento sublinha que *a eventualidade de Portugal vir a ser abrangido pela instalação de um sistema de mísseis nucleares, ou de servir de passagem e apoio à Força de Intervenção Rápida, implicando o armazenamento ou trânsito de armas nucleares, transformaria, o nosso país em alvo preferencial em caso de conflito. Todos os portugueses, homens e mulheres amantes da Paz e patriotas, devem mobilizar-se desde já, crescentemente, para impedir que tão grande perigo venha jamais a concretizar-se. É a própria sobrevivência de Portugal que está ameaçada. É o primeiro dos direitos humanos, o direito à vida, que está em causa.*

Por tudo isto, o apelo: «Pela Paz e pela Vida, contra a guerra nuclear, que todos os homens e mulheres se unam, independentemente das suas convicções ideológicas, políticas ou religiosas».

Carlos Candal, destacado membro do Partido Socialista, presidiu à sessão. Couberam-lhe as primeiras palavras. Lembrou que falar da paz é como falar do direito à vida, **é sobretudo falar da liberdade, da dignidade, da condição humana.** Sublinhou a importância de todos quantos ali se encontravam estarem **solidários e activos na defesa desses valores.** Referiu o momento histórico que a Europa vive, Portugal, obviamente, incluído. **É sabido o projecto de instalação de euromísseis. São suspeitados os projectos de nuclearização do nosso país com armas da NATO e dos EUA** – alertou. E falou então de Beja, das notícias que têm vindo a público de um modo disperso, dos receios que existem. E acrescentou: **A situação política portuguesa é perigosa em termos de concessões ao armamentismo internacional. Economicamente estamos muito debilitados – e como se sabe os organismos debilitados ficam mais frágeis, têm menos possibilidades de resistir. Ora esse é um dos perigos do actual momento português: cedermos às pressões, em troca de algumas vantagens económicas, no sentido de entrarmos activamente nessa coisa do armamento nuclear.**

Como viria a acontecer com outras oradores, Carlos Candal lembrou depois a importância da opinião pública, a necessidade e a urgência de levar ao maior número de pessoas a consciência do perigo da guerra nuclear e do envolvimento do nosso País, com todas as consequências daí provenientes.

O marechal Costa Gomes interveio de seguida. Escutado com muita atenção, asseverou que **nunca depois da II Guerra Mundial foram tão graves as tensões em todo o mundo e muito particularmente entre as duas superpotências – os EUA e a URSS». De seguida, traçou uma panorâmica da situação mundial, referindo as tensões e conflitos – e tantos são – mais importantes que se não forem resolvidos podem alargar-se regionalmente ou originar uma conflagração mundial.** Após ter sublinhado que **apesar de não haver combates é na Europa que a situação é mais perigosa,** Costa Gomesa firmou que o desanuviamento **que com tanto custo se tinha obtido na Conferência de Helsínquia,** tende a desaparecer, **criando no espírito de milhões de seres humanos a ansiedade, o medo, a angústia e o sofrimento.** Por outro lado, disse, verifica-se que nunca como nos últimos dois anos **houve tantas e tão grandiosas manifstações a favor da Paz.** Por fim, e depois de ter afirmado que **a verdadeira paz e segurança na Europa impõe que se chegue a um acordo sobre os mísseis de alcance médio que evite a implantação na Europa dos mísseis Pershing 2 e Cruisers,** terminou lançando uma advertência: **Portúgal deve envidar todos os esforços para ser considerado uma zona desnuclearizada (...).Confio que cada indivíduo com o sentimeno de responsabilidade que lhe advém do perigo nuclear possa agir em colaboração com os seus semelhantes, para que seja detida a corrida aos armamentos, se inicie o complexo processo do desarmamento, e sejam mais eficazmente combatidas a fome e a doença que dizimam anualmente milhões de pessoas, especialmente crianças.**

Na mesa que dirigiu os trabalhos deste encontro, estiveram, entre outros, José Cardoso Pires, Silas Cerqueira, Leonor Santa Rita, Emídio Martins (LOC), Vítor Garrido, Araújo Sequeira, Carlos Silva, Delgado Rodrigues, José Martins Ramos, Dieter Dellinguer e Luís Ramos (da Comissão de Juventude do Movimento Não às Armas Nucleares). No final foram aprovadas, por aclamação, três moções sobre o Médio Oriente, África Austral e América Latina. Todas no mesmo sentido: não à guerra, sim à Paz. Uma outra moção, foi inteirinha, para a Base de Beja. Há que evitar todas as «tentações» de a tornar em ponto de passagem, ou de armazenamento, de armas nucleares. Daquelas que a Força de Intervenção Rápida dos EUA utilizam. Ou de quaisquer outras. A Assembleia Municipal de Beja, com a unanimidade de todas as forças políticas aí representadas, já decretou todo o concelho como «zona desnuclearizada». Há que fazer respeitar a vontade das populações.

Base de Beja — um alerta

«Não à Força de Intervenção Rápida em Beja, contra as armas nucleares», é o lema de uma série de iniciativas que se vão desenrolar naquela cidade alentejana de 9 a 12 de Junho.

Carreira Marques, presidente da Câmara de Beja, e Dieter Dillinger, reuniram-se de um modo informal com os poucos jornalistas presentes no encontro do cinema Europa para lhes explicar o que se está a passar na Base Aérea N.º 11, em Beja. Uma base com 14 quilómetros de perímetro, com magníficas instalações militares construídas pelos alemães e que tem estado ao longo dos anos «*muito desaproveitada em relação à capacidade de que dispõe*».

Carreira Marques foi claro: ninguém acredita que os alemães tenham investido tanto naquela base apenas para treino do seu pessoal — primeiro com os Star Fighters, agora com os Alfa Jet, que neste momento são à volta de 20. Inclusivamente há um bairro residencial, cuja construção nunca passou de uma primeira fase, e que mesmo assim não está, nem de perto nem de longe, completamente ocupada. Para além disso há dois anos que a Câmara e a Força Aérea Portuguesa concluíram negociações para permuta de terrenos — a Câmara cederia à Força Aérea terrenos que dispõe junto da Base e a FAP cederia à CMB terrenos que dispõe junto do bairro residencial e que bem precisos são à edilidade para aí construir habitações. Tudo está pronto e falta apenas a publicação no «Diário da República». A coisa, porém, emperrou e, ao que consta, não vai para a frente, uma vez que há projectos, secretos, por enquanto, para que o bairro militar se expanda. E o curioso é que o contrato com os alemães expirará dentro de poucos anos. É aí que entram as suspeitas dos acordos com a NATO e com os EUA, que olham para Beja como uma espécie de base de reserva estratégica. No caso dos *yankees* o problema é ainda mais complexo: por ali poderão passar os seus homens da Força de Intervenção Rápida, com as suas armas nucleares, a caminho do Médio Oriente ou de outros pontos do globo. Dieter Dillinger esclareceu: estrategicamente é aconselhável — dizem os peritos da NATO — ter um arco de armas nucleares que partiria da Escócia, teria a rectaguarda em Beja e terminaria na Sicília.

O que veio a público a propósito das negociações das Lajes (e do desejo manifestado pelos americanos de nelas incluírem facilidades para utilização da Base de Beja) veio alertar os menos distraídos para o que se poderá estar a passar. As autoridades portuguesas mantêm-se num estranho e condenável mutismo. Ou então negam pura e simplesmente a existência de compromissos ou acordos. Mas a população de Beja, extremamente sensível a esta questão, quer tudo em pratos limpos. E o povo português também. Daí a importância das jornadas contra as armas nucleares e contra a Força de Intervenção Rápida em Beja, que decorrerão naquela cidade alentejana de 9 a 12 de Junho. O alerta aí fica.

Álvaro Cunhal

"Indispensável participação dos comunistas

«É indispensável a participação do PCP no Governo!» A afirmação surgiu ontem mais uma vez da boca de Álvaro Cunhal, secretário-geral do Partido Comunista Português. Foi feita em Baleizão, durante o 29.º aniversário do assassínio da ceifeira alentejana Catarina Eufémia.

Mário Soares prepara-se para «levar pela mão» para um novo Governo «os partidos reaccionários que foram derrotados pela luta do povo». Álvaro Cunhal não se cansou ontem de denunciar a política que vem sendo seguida pelo PS.

Para o secretário-geral comunista, existiriam hoje condições «para termos na AR a base para a formação de um Governo verdadeiramente democrático». Só que, no entender de Álvaro Cunhal, os dirigentes do PS não estão «verdadeiramente interessados numa alternativa democrática».

O Governo PS/PSD prepara-se para realizar uma política «contra os interesses fundamentais do nosso povo e do nosso País», disse ainda Álvaro Cunhal, que declarou logo a seguir: «Tal como o Governo AD, qualquer Governo que siga a mesma política irá também abaixo.»

Apelo aos verdadeiros democratas

Referindo-se à Reforma Agrária, Álvaro Cunhal declarou que esta «realização histórica» foi alvo de várias ofensivas: «Começaram com o Governo PS sozinho e atingiram aspectos verdadeiramente criminosos com os Governos do PSD e do CDS», sublinhou.

Voltando à situação política, o secretário-geral do PCP disse acreditar que «a maioria daqueles que votou PS, pensando que votava contra a AD, reconhece hoje que tínhamos razão e estão dispostos a unirem-se com todos os verdadeiros democratas».

Reafirmando a disposição do seu partido em lutar contra a política da direita, Álvaro Cunhal frisou uma vez mais que «a participação do PCP no Governo é condição necesssária para a resolução dos problemas nacionais».

Álvaro Cunhal no Porto: o que o PS quer...

Porto, 23 — «O secretário-geral do PS (Mário Soares) não quer uma solução de esquerda, não quer sequer uma solução democrática» para a saída da crise que o País atravessa conduzida pelos «sucessivos Governos nos últimos anos». A afirmação é de Álvaro Cunhal, na sua intervenção de sábado passado, no Palácio de Cristal, durante a Festa de Maio, organizada pelo PCP.

O líder comunista referira-se antes à carta que o seu partido enviara ao PS «propondo um encontro sem quaisquer condições prévias, com vista a se examinar a possibilidade de uma alternativa democrática».

A resposta negativa do PS, disse a seguir Álvaro Cunhal, veio confirmar «alguma coisa de muito sério e de muito grave: que o secretário-geral do PS não quer uma solução de esquerda, não quer sequer uma solução democrática. Quer sim (e isso já o estava a negociar antes da eleições) aliar-se à direita, aliar-se ao PSD e talvez também ao CDS, para que seja prosseguida, no essencial, a política reaccionária da 'AD', que os trabalhadores e as massas populares combateram, condenaram e derrotaram».

Aliás, Álvaro Cunhal havia sublinhado antes que «já depois das eleições, os factos têm comprovado inteiramente as análises, as previsões e as advertências do PCP», isto é, «que o PSD e o CDS estavam irremediavelmente condenados a ficar numa maioria e num governo, se o PS viesse a dar-lhes a mão e a estabelecer uma aliança ou uma coligação com eles».

Álvaro Cunhal sublinhou, depois: «O País apareceu, perante as eleições, divido em duas partes fundamentais, distintas e opostas: aqueles que queriam que a AD... e a sua política, continuassem, e aqueles que queriam que fosse posto fim a essa política, e que a AD e os partidos que a compunham fossem corridos do poder».

E mais adiante: «Os resultados eleitorais demonstraram, de forma irrefutável, que a maioria esmagadora do eleitorado votou contra a AD, contra o PSD, contra o CDS e contra a política destes partidos». Assim, frisou em seguida, «a maioria dos eleitores que votaram no PS» fizeram-no «para votarem contra a AD», mas «o secretário-geral e outros dirigentes do PS passam por cima de tais factos » e, presentemente, «estão formando uma coligação para prosseguir, nas linhas fundamentais, a mesma política que o povo português, incluindo o eleitorado do PS, condenou, combateu e derrotou».

«O CDS (que, na previsão de Álvaro Cunhal, se prepara para se associar à coligação), vai dizendo que está «disposto» a «dialogar» (com o PSD e o PS), sobre «todas as soluções concretas que (...) possam implicar (...) um entendimento mais vasto do que simples maioria». «Vai avançando à sorrelfa – adiantou o líder comunista, a disponibilidade para negociar com o PSD e o PS uma nova revisão da Constituição. E um dirigente do CDS é, ainda, mais claro: ao fim e ao cabo, eles vão fazer o que de fundamental nos interessa, sem que a gente se desgaste»...

Sobre esta questão, o secretário-geral do PCP adiantou: «Estamos certos de que, na luta contra a formação do Governo PS/PSD – alargado ou não ao CDS – não nos encontramos só nós, comunistas, como democratas que connosco participaram na APU, mas se encontra, também, numerosos membros e eleitores do PS.

O líder comunista referiu-se, depois, às expressões utilizadas pelo PSD («economia de mercado»), pelo CDS («uma economia social de mercado») e pelo PS, como o CDS («economia social de mercado»), para afirmar que «estas expressões, à primeira vista tão inocentes», apenas significam uma coisa: «a restauração do capitalismo monopolista». Em relação à posição do CDS, do PSD e do PS, sobre o chamado «pacote laboral», Álvaro Cunhal, afirmou que a linha fundamental daqueles partidos é a mesma. Aliás, como sublinhou, a seguir, esse «pacote laboral» é o mesmo que o CDS e PSD se preparavam para «fazer aprovar pela maioria que tinham (como AD) na AR, ou seja, «novas leis sobre a contratação colectiva, sobre os contratos a prazo, sobre os despedimentos, sobre férias e ausências, sobre o direito à greve». Quanto ao PS, adiantou, Mário Soares numa carta aos empresários da CIP dizia que o seu partido «está pronto a introduzir, na legislação laboral, disposições que assegurem a operacionalidade ao funcionamento das empresas e permitam o relançamento da sua actividade». Comentando: «Para bom entendedor, meia palavra basta. E quando basta meia palavra, o dr. Mário Soares, diz a palavra inteira».

Depois de afirmar que o «pacto social» é uma imposiçó condenada ao fracasso, Álvaro Cunhal disse que «não haverá um tal «pacto» no nosso país, porque o movimento operário unido em torno da CGTP é invencível, porque em Portugal se vive à luz das liberdades democráticas conquistadas com o 25 de Abril». E, a propósito, lembrou uma anedota que se conta: «A aliança que se está a cozinhar é PS/PSD. Sabeis o que querem dizer estas letras? PS – Pacto Social. PSD – Para Ser Derrotado»

Soares: esta semana Primeiro-Ministro

Acordo está pronto a assinar

Ministro das Finanças virá do "Espírito Santo"?

Mário Soares, que ao princípio da tarde estava reunido com o Presidente da República, poderá ser indigitado nas próximas horas como o próximo Primeiro-Ministro. Com a publicação, talvez amanhã, no «Diário da República» dos resultados eleitorais, desencadeia-se todo o processo constitucional : a Assembleia da República poderá reunir ainda esta semana.

Entretanto, ultimam-se os últimos pormenores do acordo entre o PS e o PSD. Os socialistas já entregaram um projecto de acordo aos populares-democráticos, que este fim-de-semana percorreram todo o País em defesa da «coligação governamental». Um Conselho Nacional poderá ser marcado para o próximo dia 28, tal como tem sido anunciado.

«O PS de Mário Soares e o PSD de Mota Pinto chegarão a entender-se» afirmava em mais uma entrevista a um jornal estrangeiro, o Presidente da República. O general Ramalho Eanes devia aludir às actuais lideranças dos dois partidos e não ao «PS e PSD».

Tal como temos vindo a afirmar, Mota Pinto será o vice-Primeiro-Ministro enquanto Almeida Santos será ministro de Estado. O Presidente da República já teve acesso ao eventual acordo entre os dois partidos. Uma «redução drástica» no número de secretarias de Estado será também um dos objectivos a alcançar na constituição do próximo Governo.

«Combate à corrupção» é uma das exigências que encontra «eco» nos dois partidos. É praticamente certo que nenhum dos nomes «sonantes» que participaram nos Governos AD integrarão o próximo Executivo, Ângelo Correia, que principiou por ser adverso ao «bloco central» e é hoje um entusiasta do «governo de centro-esquerda» poderá ser o próximo líder do Grupo Parlamentar.

A assinatura do acordo governamental só deverá ocorrer depois da reunião dos sociais-democratas. Eugénio Nobre, dirigente social-democrata, que poderá integrar o próximo Governo, afirmava em Castelo Branco que «uma maior flexibilidade no domínio das leis laborais» já tinha sido conseguido ao longo das negociações.

Cerca de uma dúzia de páginas, redigidas pelos negociadores do PS, com sugestões dos sociais-democratas, constituem o texto do acordo que define os «princípios programáticos que inspiram o programa do próximo Governo». Nesse documento explica-se também, a constituição do Executivo.

Finanças: à espera do Espírito Santo

Mário Soares aguarda ainda a resposta do dr. Francisco Veloso para eventual ministro das Finanças. O secretário-geral do PS e Hernâni Lopes, cada um por seu lado, já desmentiram que o embaixador em Bruxelas fosse o titular das Finanças, aguardando-se a resposta do director do Espírito Santo.

Teremos Governo em 10 de Junho? «Não é improvável» – respondeu-nos uma fonte de informação do PS. Quanto ao preenchimento das pastas ministeriais e, para além dos nomes, já dados como certos, a dúvida está ainda em saber se Jaime Gama integrará o Governo ou ficará a liderar o PS. Lembre-se que Mário Soares já anunciou que, a partir do próximo Congresso, o «PS deverá passar sem ele» e Jaime Gama poderá ser candidato a secretário-geral.

Embora apontando a existência de outras soluções

Ramalho Eanes acredita no entendimento PS-PSD

Mesmo que o PS e o PSD não chegassem a entender-se – no que não acredita – Ramalho Eanes considera que a «democracia encontraria outras soluções». O Presidente da República, numa extensa entrevista ao jornal espanhol «La Vanguardia», faz questão, no entanto, em sublinhar que os socialistas e os sociais-democratas «têm todas as condições para poder governar» e que o «PS de Mário Soares e o PSD de Mota Pinto chegarão a entender-se». «Um fracasso radicalizaria as posições» – afirma ainda Eanes.

A entrevista – mais uma da já vasta série que o Presidente vem concedendo a jornais estrangeiros – foi publicada na edição dominical de «La Vanguardia» ocupando praticamente duas páginas. Durou três horas e foi conduzida pelo subdirector do jornal, Jaime Arias, e pelo redactor Alberto Dias Rueda.

Eanes criticou os partidos da coligação AD, dizendo que «esses dois partidos actuam como se não tivessem estado no poder nos últimos anos». Sobre o Partido Comunista afirma que «os comunistas têm muita importância neste país e creio que o PC não deve ser fechado num «ghetto». É necessário fazer com que se comprometam na política, que entrem no jogo democrático».

Interrogado sobre a possibilidade de a «solução» surgir através de um «novo partido», que poderia nascer do recentemente criado «Movimento para o Aprofundamento da Democracia», Ramalho Eanes, «deixou escapar um sorriso», comentam os jornalistas, e disse: «Não tenho nada a ver com esse movimento, ainda que me pareça interessante».

Ramalho Eanes acrescentou: «Quero deixar claro que ninguém me perguntou a minha opinião sobre o nascimento desse grupo e não desejo que o meu nome se integre na sua trajectória».

Para Ramalho Eanes, «a criação desse movimento é, talvez, uma resposta a uma certa frustração popular em relação aos partidos políticos», acrescentando a seguir que «em todo o caso, creio que os partidos políticos portugueses existentes são suficientes».

Sobre o seu futuro político, Eanes disse que «as decisões políticas deste tipo são impossíveis de pensar a tão longo prazo» e acrescentou: «tenho uns compromissos muito determinados com o meu país e com a democracia e só posso dizer que quando chegar o momento actuarei em consequência».

Na entrevista, o Presidente afirmou que trabalha continuamente para que as Forças Armadas portuguesas não se sintam marginalizadas e declarou que «o facto de Portugal pertencer à NATO e as relações com os Estados Unidos contribuem para aumentar o profissionalismo das Forças Armadas e a sua adequação aos fins que lhes são próprios».

O Presidente declarou que a questão dos euromísseis não deve chegar a afectar directamente os portugueses e que por motivos militares e estratégicos eles não serão instalados em Portugal.

Depois de defender a intensificação das relações luso-espanholas, o Chefe do Estado comentou que os caminhos da Espanha e de Portugal em relação à África e à América Latina devem ser «complementares e não competitivos». «Seria interessante uma acção conjunta nesse sentido mais do que uma rivalidade».

Sobre a hipótese de uma espécie de Federação Ibérica, Ramalho Eanes respondeu: «É um longo caminho, mas não impossível, e de momento convém que resolvamos os nossos problemas comuns».

CAMPO PEQUENO

Grupo A - maiores 6 anos

AVISO

ASSINATURA E MARCAÇÃO DE LUGARES PARA A TEMPORADA DE 1983

A nova gerência da SOCIEDADE CAMPO PEQUENO desejando facilitar a aquisição de bilhetes para os espectáculos tauromáquicos da temporada de 1983, com a garantia de um mínimo de 14 espectáculos a iniciar no próximo dia 1 de Junho com o mano-a-mano

ÁLVARO DOMECQ
JOÃO MOURA

decidiu duas modalidades para opção dos Senhores espectadores:

ASSINATURA — bilhete válido para toda a temporada com preço único; a adquirir nas bilheteiras, de 19 a 25 de Maio das 10 às 12 e das 14 às 19 horas.

MARCAÇÃO DE LUGARES — mediante o pagamento no início da temporada, de uma importância de acordo com o lugar desejado, o Senhor espectador poderá ter à sua disposição sempre o mesmo lugar, desde que o levante na bilheteira até às 12 horas do dia da corrida.

A gerência dá prioridade na escolha de lugares aos Senhores ex-accionistas, desde que se dirijam urgentemente à Empresa.

MINISTÉRIO DA CULTURA E COORDENAÇÃO CIENTÍFICA

I FESTIVAL INTERNACIONAL DE MÚSICA DE LISBOA

TEATRO MUNICIPAL DE S. LUIZ

DAGOBERTO LINHARES, guitarra
Segunda, 23 – 18.30
Obras de SANZ, PAGANINI, TORROBA; VILLA LOBOS, GRANADOS. SAVIO.

BETHO DAVEZAC, guitarra
HELENA VIEIRA, soprano
JOSÉ ADELINO TACANHO, guitarra
Terça, 24 — 18.30
Obras de SMITH-BRINDLE, VILLA LOBOS, L. BROUWER, GISMONTI.
Obras de GIULIANI SORS, CASTELNUOVO-TEDESCO.

NELA MAISSA, piano
Terça, 24 — 21.30
CLEMENTI, Sonata op. 40, n.º 2
BOMTEMPO, Sonata op. 9, n.º 1
LOPES GRAÇA, Sonata n.º 6 (1.ª audição absoluta)

Bilhetes à venda e programas detalhados nas bilheteiras do:
Teatro S. Luiz (das 14,00h às 20,00h). Fundação Gulbenkian (das 13,00h às 20,00h).
Coliseu dos Recreios (das 13,00h às 19,00 h).
Informações: Palácio Foz.

Goa: onde a língua portuguesa morre um pouco todos os dias

Cheguei ao aeroporto de Babolim, em Goa, num princípio de tarde de uma segunda-feira quente e cheia de sol. Enquanto esperava pela bagagem, dezenas de motoristas de táxi, acotovelando-se, faziam sinais à entrada da sala de desembarque, tentando captar a atenção de potenciais clientes.

Já no interior de um táxi antigo mas razoavelmente conservado, descobri que aquele homem de meia-idade que ia ao volante sabia ainda falar português. Contou-me histórias de um passado não muito longínquo e sorriu quando, no final da corrida, me disse o preço:

São 120 rupias, senhor.

Foi esse o primeiro vestígio que encontrei da passagem de Portugal por tão longínquas terras.

GOS é bonita de verdade. São as praias de areias finas e cálidas, o mar suave de água morna, as palmeiras exóticas de sussurro acolhedor, as casas, muitas delas com beirais, e, sobretudo, as igrejas antigas, quase sempre azuis e brancas. Pangim, a capital – agora chamada de Panagi – é uma pequena cidade nas margens do Mandovi, que não terá mais de 90 000 habitantes, fazendo lembrar de algum modo Portimão sem prédios altos.

E aí, nessa Pangim prenhe de memórias, os sinais da passagem dos portugueses encontram-se a cada esquina: desde os nomes de ruas lembrando antepassados nossos, até aos letreiros das casas comerciais, é um mundo de recordações para quem chega ido de Lisboa. Um português que, passados vinte e três anos da libertação de Goa – porque foi disso que se tratou – tenha a dita de lá dar uma saltada, ainda pode cortar o cabelo na Barbearia Real, beber um copo no Silveira's Bar, passear no autocarro «Menino Jesus» e, se for caso disso, mandar imprimir um cartão na Tipografia Boa Sorte.

Mas se um português pode encontrar tudo isto – e não será muito – coisas há que, infelizmente, não tem possibilidade de ver. Um exemplo? Se percorrer as escassas livrarias não verá um único livro ou revista na nossa língua. E essa é uma falta que se torna em queixa sentida na boca dos goeses que um dia estiveram muito ligados a Portugal:

Se o senhor puder – disseram-nos – *escreva no seu jornal que o Governo e as autoridades portuguesas deviam mostrar-se mais interessadas em preservar a Língua portuguesa por estas bandas. Pelo menos podiam arranjar maneira de enviar para Goa um exemplar de cada livro que se publica em Portugal. Temos cá associações de carácter cultural e isso dava uma grande ajuda.*

E as queixas, juro-vos, não terminavam aí. Pelo contrário: começavam.

O melhor momento

A língua foi o maior e o melhor monumento que vocês deixaram por cá – disse-mo repetidamente o velho António de Meneses, um goês que nunca veio a Portugal mas que se sente ligado, umbilicalmente, ao nosso País. Vê-se, nos seus olhos pequeninos e cansados, uma saudade enorme deste rectângulo longínquo que ele conhece apenas de memórias contadas. É um entusiasta da língua de Camões, fala do tempo em que foi correspondente do «Diário Popular» e dos jornais, em Português, que ali dirigiu enquanto teve forças.

Hoje os jovens nada sabem de Portugal. Nem o português falam. Foram vinte anos que se perderam e que dificilmente poderão ser recuperados. Tenho para mim que o português, no futuro, em Goa, vai ser apenas para investigadores – desabafou numa conversa longa, em sua casa, com o Mandovi, silencioso, como testemunha.

Claro: todos os goeses, e são muitos, que um dia estiveram de algum modo ligados ao nosso País, acusam as autoridades portuguesas daquela época de não terem percebido a marcha da História. Preto no branco afirmam: foram os de Lisboa os responsáveis pelo que aconteceu. Em 61 e nos anos posteriores. Hoje, o Português, que óbvia e naturalmente deixou de ser ensinado nas escolas primárias, nem sequer segunda língua é no ensino secundário. O francês, desgraçadamente, tomou o seu lugar perante a passividade das autoridades de Lisboa.

Em Pondicherry, numa ex-colónia francesa na Índia, a situação é completamente diferente. O francês continua a ser ensinado, as tradições e os vínculos culturais mantêm-se, e todos percebem que isso é que está certo. Só que os franceses saíram de lá através do diálogo, da negociação, a bem. E nós fomos expulsos pela força – disseram-me, em desabafos repetidos, goeses com quem pude conversar naqueles dias inesquecíveis que vivi em Pangim.

...Mas seria erro grave não sublinhar igualmente que depois de Abril, muito pouco se tem feito. As relações diplomáticas reataram-se, assinaram-se acordos, fizeram-se pomposas declarações, mas a verdade é que tudo ou quase tudo está por fazer.

Por exemplo, a criação de um Instituto de Português, o envio dos tais livros, o intercâmbio de caravanas culturais e artísticas (e tanto que insistiram vários goeses na necessidade, para captar camadas jovens, da promoção de espectáculos com artistas ligeiros portugueses). Isto para não falar no apoio que, apesar de tudo, as autoriddes portuguesas poderiam prestar aos dois jornais em Língua portuguesa que se publicam em Goa: o «Heraldo» e «A Voz de Goa», este um semanário que apareceu em Março último, testemunhando de uma forma gritante que naquelas longes terras há ainda quem tente remar contra a maré.

O salto

Goa tem um governador nomeado por Nova Deli e uma Assembleia de 30 membros eleita localmente de cinco em cinco anos. O governo, saído igualmente de eleições, pertence actualmente ao Partido do Congresso, da senhora Gandhi, e alberga no seu seio alguns ministros, incluindo o ministro-chefe, que falam português e nalguns casos têm até família em Portugal. Apesar disso neste momento é apenas um «Território da União» e não um estado federado, como os outros estados da Índia — mas os goeses lutam por isso e em breve esperam ter esse estatuto. Com uma particularidade: esperam que as promessas de Neru — ele disse que as tradições e a indentidade cultural de Goa seriam respeitadas — sejam levadas à prática, nomeadamente agora que é o partido da filha de Neru que está no poder.

Curiosamente, sem compararmos Goa com a generalidade dos outros estados indianos, não é difícil ver que ali se vive melhor, que as carências não são tão grandes, que constitui um pólo de atracção para populações de estados vizinhos. Portugal tem algum mérito nesse estado de coisas — mas a verdade é que desde que de lá saímos muito foi feito em Goa, a ponto de não haver uma única voz discordante quanto ao desenvolvimento registado nestes últimos 20 anos. Estradas, escolas, casas, industrialização — o salto foi real. E enorme.

O problema é que daqui a algum tempo haverá em Goa menos goeses do que não-goeses, tal é ritmo da vinda de pessoas de outras regiões que aqui procuram trabalho — disseram ainda, em português, muitos goeses.

E isso já se vê, por exemplo, na perda de peso da Igreja católica no estado de Goa: dos seus habitantes, que rondam o milhão, os católicos já serão menos de 35 por cento, como garantiu o padre jesuíta Vasco Rego, reitor da Basílica de Bom Jesus, na Velha Goa, uma pequena cidade, hoje quase fantasma, a poucos quilómetros de Pangim.

Camões, firme

Mas, o que é a Velha Goa? De acordo com um pequeno livro escrito por António de Meneses (ofereceu-me um exemplar, com dedicatória e tudo...) Velha Goa é «uma legenda dourada, carregada de História, cidade que nos fins do século XVI, em pleno apogeu, se fizera grande e imponente e, vista do rio, oferecia a beleza do seu casario branco e rosa, espalhado parte sobre os montes e parte sobre terra plana, com as manchas verde-escuras de luxuriante vegetação das suas hortas e pomares. Cidade com os seus conventos e mosteiros, palácios e castelos, cidade beijada pelo Mandovi, rio esse por onde iam e vinham ricas frotas do Japão, carregadas de prata, barcos da China que traziam ouro e sedas, do Pegu lindos rubis, de Muzulpatão, adoráveis diamantes. E mais, os cavalos da Arábia, os elefantes de Jafanapatão, as alcatifas da Pérsia. Cidade Santa — «Roma do Oriente» — cidade que guarda as Sagradas Relíquias de São Francisco Xavier, o Doutor de Paris, o «Grande de Espanha, o Goencho Saib».

Mas isso é passado. Hoje é apenas um conjunto de magníficos edifícios religiosos, bem conservados, que vêm dos séculos XVI e XVII — uma Basílica, uma Catedral, a Igreja de São Francisco de Assis, o Convento de Santa Mónica e o Convento de São Caetano. Meia destruída lá está, também, a Torre de Santo Agostinho, inclinada, fazendo lembrar Pisa.

Porém, para um português, o que mais diz é a estátua de Camões que, orgulhosa, lá continua no meio das igrejas e conventos. Uma estátua que hoje precisa de ser guardada durante a noite, pois há cerca de dois anos um pequeno grupo de extrema-direita — Raxtria Sevek Samaj, assim se chama — pôs uma bomba a seus pés, tendo causado alguns estragos. As ameaças continuam, mas Camões pouco se importa e ali continua, firme, com a legenda seguinte: **Camões, o Génio da Pátria pelo Mundo em Pedaços Repartida. Oferta de Portugal da Índia à Índia de Portugal. Iniciativa do "Diário Popular" 1960.**

Na verdade, um espectáculo. Um espectáculo montado mesmo a tempo. Um ano depois e já não seria possível marcar a presença do poeta numa terra que ele tanto amou.

Ribeiro Cardoso

As "zonas verdes" e a lei do menor esforço

Continuação da pág. 2

de **urbanismo de prancheta** ou de **cartaz de exposição?** Teria sido aqui, e em outros exemplos, utilizada a «lei do menor esforço»... mas na apreciação e aprovação do projecto de que derivou a prova de que nos servimos?

E quanto à Exma. Vereação actual (e anteriores, até à inicialmente responsável) o que pensam, permita-se-nos, disto e dos carreiros de peões e de cabras que atravessam relvados da Praça de Espanha? E o que pensam dos «espaços verdes» da Av. dos EUA? E dos de «Olivais» e «Chelas», aqui, provavelmente, por não terem os planos de traçados de relvados tido em atenção a futura ou alterada localização de paragens de autocarros ou as posições, em relação a elas, das portas dos prédios dos utentes desses e doutros transportes, públicos e privados?

Com o devido respeito, interessado munícipe.

Rendimento per capita

Continuação da pág. 3

tamento do mercado internacional de grãos que há mais de três anos está em baixa, em consequência das boas safras também colhidas pelos Estados Unidos.

O sector industrial um dos mais atingidos pela crise económica enfrentada pelo Brasil, por incrível que pareça apresentou um índice positivo em 82. Cresceu, segundo o relatório do Banco Central, 1,2 por cento, depois de ter sofrido uma queda de 5,4 por cento em 1981.

Finalmente o sector comercial manteve-se estacionário nestes três primeiros anos de 80. Tem conseguido manter um índice de crescimento da ordem de 3,7 por cento. Isso porque num período de inflação de quase 10 por cento ao mês, os consumidores tentam aplicar o pouco dinheiro que lhes sobra comprando qualquer coisa.

O empobrecimento dos brasileiros não se reflecte apenas no rendimento «per capita». As condições de vida, nas grandes metrópoles como: Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte e Recife, são cada vez piores.

No Rio de Janeiro, a recém-criada Secretaria do Trabalho e Habitação estima que o número de favelas cresce média de 10 a 15 por cento ao ano. São pessoas desempregadas que não tendo como pagar aluguer são obrigadas a irem viver nas favelas.

A população favelada do Rio de Janeiro é da ordem de 1,5 a 2 milhões de pessoas (a população total da cidade é de 6 milhões de habitantes). Em São Paulo os números são parecidos. Os favelados lá atingem os 3 milhões de pessoas para uma população de 13 milhões de habitantes.

O consumo de alimentos também vem caindo nestes últimos três anos. Impedidos de consumir mais pelos aumentos frequentes de preços os brasileiros estão racionalizando ao máximo as suas despesas com alimentação. A ponto do consumo de carne, por exemplo, estar abaixo dos índices recomendados pela Organização Mundial de Saúde.

O recomendável é um consumo médio anual «per capita» da ordem de 50 quilos. Segundo a Fundação Getúlio Vargas, hoje, no Brasil não se come 40 quilos de carne «per capita»-/ano.

Nas eleições reteve os resultados

Cortegaça reacende caso da Repartição de Finanças

O presidente do município de Ovar, Fernando Raimundo Rodrigues (PSD), foi acusado de «apadrinhar a instalação em Esmoriz de uma segunda Repartição de Finanças».

A acusação foi feita pelo autarca Mário Laranjeira (PSD) durante uma Assembleia Municipal em que se discutiu o contencioso em torno dessa repartição que a freguesia de cortegaça pretende para si.

Raimundo Rodrigues responde que «enquanto a Junta de Freguesia de Esmoriz trabalhou com afinco para obter uma nova Repartição de Finanças, a congénere de Cortegaça não fez o mesmo».

«Esta só acordou», disse, «depois do decreto de 14 de Abril, que atribuiu a repartição a Esmoriz, para reagir com a retenção, em seu poder, dos resultados das eleições de 25 de Abril».

A Assembleia Municipal deliberou, sob proposta do PSD, «protestar contra a metodologia empregue pelo poder central no que concerne à instalação da Repartição de Finanças».

«O poder local deve ser ouvido antes de ser proferido qualquer despacho de conteúdo e teor semelhantes ao que gerou toda esta polémica» – diz a proposta.

Moções do PS e da Junta de Freguesia de Cortegaça no sentido de ser sustido o despacho de 14 de Abril até estudo do assunto pelos órgãos autárquicos locais, foram rejeitadas pela Assembleia.

Autarquia licita em leilão de empresa

A Assembleia Municipal de Castanheira de Pêra, anunciou que a câmara local participará na licitação de uma empresa têxtil que vai a leilão, no dia 25.

A decisão foi tomada por unanimidade e a empresa em questão, conhecida por Pereiro, vai ser errematada num processo de dívidas à Caixa de Lanifícios.

A Assembleia Municipal decidiu, ainda, sensibilizar a população de Castanheira de Pêra para que impeça, por todos os meios, que se perca mais uma fábrica de produção e de fonte de trabalho e riqueza.

A empresa tem cerca de oito dezenas de trabalhadores.

Alunos do Secundário exigem reforma do sistema educativo

Cerca de duas dezenas de associações de estudantes do ensino secundário de vários pontos do País reivindicaram em Coimbra «uma profunda reforma do sistema educativo».

Reunidas em encontro nacional, exigiram que aquela reforma tenha em conta os princípios democráticos definidos na Constituição, bem como a sua adequação ao processo de desenvolvimento e industrialização do País.

Em moção aprovada, as associações de estudantes consideram que a reforma do sistema educativo deve contemplar, nomeadamente, a democratização do acesso ao ensino e a mudança de vida na escola, em ordem — afirmam — a conferir-lhe «uma dimensão humana que permita a aquisição de hábitos de conveniência democrática».

Foi exigida, por outro lado, a legalização das associações de estudantes, mediante a homologação do estatuto do estudante e ainda o seu reconhecimento como parceiro social, pelo Ministério da Educação.

Deliberaram ainda desenvolver esforços para a criação de uma Federação Nacional das Associações de Estudantes do Ensino Secundário, constituir uniões distritais ou regionais e criar associações nas escolas onde ainda as não haja.

Governo versus professores

Salgueiro não aprova diploma Pinheiro anula reunião

Os Sindicatos dos Professores constituintes da Federação Nacional vão solicitar uma audiência ao ministro das Finanças por causa do processamento das fases.

Salgueiro ter-se-á oposto à apreciação em Conselho de Ministros do projecto de diploma do ME que determinava, para efeito de progressão nas fases, a inclusão do tempo de serviço prestado pelos docentes entre a data de congelamento das fases (por ordem de Sottomayor Cardia) – 7 de Maio de 1976 – e o termo da profissionalização.

Esta medida, acordada entre os Sindicatos e o Ministério da Educação, iria terminar com a injustiça em que se encontram milhares de professores.

Salgueiro ter-se-á oposto à apreciação do projecto de diploma, alegando que implicava encargos financeiros para o ano económico corrente, o que os sindicatos contestam e pretendem esclarecer junto do ministro.

O secretário de Estado da Educação e Administração Escolar anulou uma reunião marcada para o passado dia 19, com dirigentes sindicais dos professores. O encontro tinha por fim apreciar a forma como está a ser ministrado o curso de complemento de formação para os docentes de trabalhos manuais e do décimo segundo grupo.

A forma como o curso está a ser lançado pelo ME tem levantado vários protestos, incluindo os seminários presenciais.

Também a prova escrita de avaliação que agora se exige àqueles professores tem sido contestada. «Não serão as Universidades de Aveiro e do Minho que têm poder para tanto, em desrespeito flagrante pela lei», afirma a propósito o Sindicato dos Professores da Grande Lisboa em comunicado.

Os dirigentes sindicais criticam o facto de o secretário de Estado ter anulado a reunião e não ter marcado outra data para o encontro.

Preparatória de Santa Comba Dão

Recebemos do conselho directivo da Escola Preparatória de Santa Comba Dão um esclarecimento a propósito duma informação por nós colhida no «Diário de Coimbra» e inserta numa notícia sobre Construções Escolares, publicada pelo «DL» no dia 16. Esclarece aquele CD não ter afirmado que em Janeiro de 82 iriam reprovar 70 por cento dos alunos e adianta que a percentagem de reprovações naquela escola em 81/82 foi de 26,3 por cento.

comunicação social

Governo (socialista) grego adopta medidas destinadas à crise na Imprensa

O governo socialista grego acaba de adoptar uma série de medidas destinadas antes de mais nada a restaurar as regras da concorrência na Imprensa diária, especialmente em Atenas, onde catorze títulos travam uma batalha feroz para atrair os leitores.

A monotonia da paginação e o facto dos matutinos e vespertinos serem postos à venda com pequeno intervalo prejudicava a Imprensa da manhã.

Com efeito, a da tarde chamava mais a atenção do público pelo grande número de fotografias que inseria e cinco vezes mais páginas, particularmente recheadas de informação variada.

Desde meados de Abril que todos os diários foram obrigados a limitar-se a um máximo de 90 páginas semanais, Rádio e Televisão estão proibidas de fazer publicidade dos diários de Atenas e de Salónica, como sucedia até então.

Além disso, nos termos destas medidas, as distribuidoras são obrigadas a respeitar as horas de saída efectivas dos jornais através do país, sob pena de pesadas sanções. Por outro lado, o governo estipulou que os jornais com menos de dez páginas não podem ser vendidos por mais de 10 dracmas, e todos os outros a 20.

Recorda-se que os jornais, perante o aumento do custo do papel, tinham começado há mais de dois anos, a diversificarem os seus preços.

Ao adoptar tais medidas, o governo frisou que pretendia «preservar o pluralismo das ideias e combater monopólios». Contudo, há quem critique a «ingerência» governamental, afirmando que o poder parece desejar fiscalizar todas as actividades dos diários, que são na sua maioria mais ou menos opostos ao governo socialista — dez diários de oposição são conservadores ou comunistas contra socialistas ou próximos da esquerda liberal.

Contudo, apesar desta crise, em 11 de Abril surgiu mais um jornal da tarde em Atenas, o «Elefteros Typos».

Morte de um jornalista

Realiza-se amanhã, às 10 e 30, da Igreja dos Jerónimos para o cemitério de Carnaxide, o funeral do jornalista Guilherme do Carmo Santos, de 55 anos, ontem falecido subitamente em Lisboa.

Natural de Luanda, Guilhereme Santos iniciou a sua actividade no Rádio Clube de Luanda, e, em 1968, entrou para os quadros da então Emissora Nacional.

Trabalhou também, como jornalista, aos microfones de Macau e Goa.

Presentemente, Guilherme do Carmo Santos era coordenador do núcleo desportivo da Rádio Comercial.

"DL" em tribunal

Continua por toda esta semana, a partir das 9 e 30 de segunda-feira, o julgamento do director do «Diário de Lisboa», no 8.º Juízo Correcional. O processo, em que é assistente o general Ribeiro Faria (que presidiu à Comissão de Extinção da PIDE) tem a julgá-lo o juiz de direito dr. José Vaz dos Santos Carvalho, sendo o magistrado do Ministério Público o dr. Carlos Manuel Morgadinho Gago. No dia 22 de Março passado decorreu a primeira audiência, durante a qual foi ouvido o dr. António Ruella Ramos. Nos próximos dias serão ouvidas as testemunhas, sendo as de defesa os srs. dr. Piteira Santos, dr. João Ribeiro Mendes e José Eduardo Rebelo, respectivamente director-adjunto, chefe da redacção e subchefe da redacção do «DL», dr. Jorge Galamba Marques, director comercial da Renascença Gráfica, e o dr. Fernando Assis Pacheco, que foi chefe de redacção do «Diário de Lisboa» e é actualmente da direcção do «Sete». O advogado do director do «DL» é o sr. dr. José Sousa Carrusca, e o do assistente, o dr. Ernesto Moura Coutinho.

Lá vai Briiiilho!...

Um soalho de madeira, bem encerado, como um espelho!

Você gosta?

Nós também.

Por isso, tratamos com cuidado todos os nossos produtos.

Cuidado quer dizer: uma boa cera, com a qualidade SOCINCA.

... E SOCINCA quer dizer: mais de 30 anos de experiência no fabrico de ceras, inteiramente nacionais, que se encontram à venda em qualquer ponto do país.

Agora você também já sabe quem é a SOCINCA.

O seu soalho merece os cuidados de uma boa cera, para ficar bem briiiiiilhante!

Aceite um conselho de especialista:

Escolha experiência.

Escolha produtos SOCINCA.

SOCINCA
SOCIEDADE INDUSTRIAL E COMERCIAL DE PRODUTOS QUÍMICOS LDA
Valejas Carnaxide

LETRA design

de ontem para hoje

Três mortos na Ganda dos Olivais

UM automóvel que se despistou, na madrugada de sábado, entre Leiria e Figueira da Foz, embateu contra um pinheiro tendo morrido três dos quatro ocupantes.

O condutor, Henrique Augusto de Jesus de 29 anos, residente em Carreira (Leiria) sofreu morte imediata no local do acidente — Ganda dos Olivais.

Os irmãos Rui e Gracinda Azinheiro, de 20 anos, residentes em Pinheiro (Monte Redondo) faleceram horas mais tarde, no Hospital Central dos Covões (Coimbra).

Neste hospital ficou internada, em estado grave, a jovem Anabela de Jesus Caseiro Pedro.

Três mortos no caminho de Tondela

Três mortos e 14 feridos é o balanço de um acidente de viação registado às quatro horas de sábado, no lugar de Adiça, a três quilómetros de Tondela, distrito de Viseu.

Uma furgoneta despistou-se e ficou destruída contra uma árvore com as 17 pessoas que transportava entaladas entre as chapas retrocidas.

Morreram no desastre o condutor, António Correia Pereira, Maria do Carmo Vieira Morgado e Ilda da Costa, que residiam nas aldeias de Sever, Vila Chã e Paço, concelho de Moimenta da Beira (Viseu).

Dois automóveis no Mondego

Dois automóveis caíram ao rio Mondego, e os seus ocupantes sofreram ligeiros ferimentos.

As viaturas caíram numa zona conhecida por Vala da Cidreira a uma distância entre elas de cerca de 300 metros.

Os bombeiros acorreram para o local com barcos salva-vidas e guindastes.

Os ocupantes abandonaram as viaturas pelos próprios meios. Os carros ficaram destruídos.

Nó de Leiria já fez meia centena de mortos

Um indivíduo morreu na sexta-feira à tarde num acidente de viação em Leiria, na variante de acesso à Estrada Nacional Número Um.

António Silva Guedes, 58 anos, conduzia um automóvel ligeiro quando, ao entrar na estrada Lisboa-Porto, foi colhido violentamente por um veículo misto que transportava os guitarristas da fadista Amália Rodrigues.

No mesmo local, e desde 1977, morreram já mais de 50 pessoas, em acidentes semelhantes, facto que levou a população da zona fazer um abaixo-assinado exigindo das autoridades a alteração daquele traçado rodoviário.

Jovem violada no Porto

Uma rapariga ainda jovem (tem 25 anos) foi violada, roubada e agredida ao princípio da madrugada de anteontem, quando se encontrava na cabina de uma camioneta, na companhia do respectivo condutor, que não deverá ser alheio ao sucedido.

Segundo a queixa apresentada na PSP pela vítima, foram três os indivíduos que na Rua do Godim surgiram de rompante e a violentaram, roubaram e atiraram para fora do veículo que depois desapareceu em direcção à Rua de Justino Teixeira.

Novo bispo auxiliar do Porto

O Papa João Paulo II nomeou o padre João Miranda Teixeira para bispo auxiliar da diocese do Porto. O novo prelado tem 47 anos e é natural da Freguesia de S. Mamede de Vila Verde (Felgueiras).

Presentemente ocupava o cargo de vice-reitor do seminário do Bom Pastor, em Ermesinde. A sua ordenação episcopal deverá ocorrer no último sábado ou domingo de Junho.

Aniversário dos bombeiros de Braga

Os Bombeiros Voluntários de Braga (BVB) vão comemorar em 29 de Maio o 106.º aniversário da sua fundação.

Actualmente, a associação tem cerca de 6000 sócios. O comandante Xavier Ferreira disse que vai lançar uma campanha em todo o concelho para angariar mais 4000 associados.

A corporação tenciona adquirir novo material de combate a incêndios e vai inaugurar, no dia 29, um carro de nevoeiro e uma ambulância.

Jovem aparece morta num lameiro

Num lameiro das proximidades de Torre D. Chama, Mirandela, foi encontrado na madrugada de sexta-feira o cadáver da estudante Armamdina Bauca Castanheira, de 18 anos, ali residente.

As autoridades crêem que a morte da jovem, que tinha desaparecido na tarde de segunda-feira de casa de seus pais, não teve origem criminosa.

Comandos em exercícios na Beira

Cerca de 600 militares do Regimento de Comandos da Amadora participam nos exercícios militares que decorrem na Beira Baixa — anunciou, na sexta-feira, a unidade.

Os exercícios, promovidos por aquela unidade, constam de marchas na zona compreendida entre a serra da Estrela, rio Tejo, fronteira com Espanha e serra do Mouradal.

As manobras, a que foi dado o nome de código de «Lince-83», destinam-se a «comprovar o grau de operacionalidade dos militares» terminando no dia 26 de Maio.

Estão ainda envolvidos nesta actividade cerca de uma centena de viaturas.

Com a presença do tenente-coronel Vítor Alves

Sessão solene evocou criação da APE

A evocação do encerramento da Sociedade Portuguesa de Escritores, ocorrido a 25 de Maio de 1965, dominou a sessão comemorativa da criação da Associação Portuguesa de Escritores (APE), realizada no passado sábado.

A sessão solene, que foi presidida pelo tenente-coronel Vítor Alves, em representação do Presidente da República (que não pode estar presente), realizou-se na Casa do Alentejo, e na mesma sala onde foram, em 1973, debatidos os projectos de estatutos da APE.

Durante o acto comemorativo, intervieram Manuel Ferreira, actual presidente da APE, Joel Serrão, que leu uma comunicação de Jacinto Prado Coelho (presidente da Associação em 1965), Alexandre Babo e Alexandre Pinheiro Torres.

A tónica das intervenções incidiu sobre o período (1965) em que a antecessora da APE, Sociedade Portuguesa de Autores, foi assaltada e posteriormente encerrada por determinação do então ministro da Educação, Galvão Teles. Os oradores referiram pormenorizadamente o motivo (atribuição do Grande Prémio da Novelística a Luandino Vieira, pela sua obra intitulada «Luuanda») que esteve na origem do encerramento da SPE.

A Associação Portuguesa de Escritores, que foi fundada em Abril de 1973, surge oito anos após o desaparecimento da Sociedade e na consequência de «uma profunda aspiração da classe».

No entanto, as suas origens remontam a 1954, data em que os escritores Aquilino Ribeiro e Ferreira de Castro decidem convocar uma «reunião ampla de escritores» com vista à criação de um organismo representativo da classe. Em 1956 João de Barros, Aquilino Ribeiro e António Sérgio são eleitos para a direcção da Sociedade. Desde essa data e até ao presente, os escritores portugueses têm sempre contado, excepto entre 1965 e 1973, com uma entidade aglutinadora dos homens de Letras.

A Asssociação institui anualmente vários prémios (Grande Prémio de Romance e Novela, Prémio Revelação, Prémio para Originais de Autores Portugueses, etc.) e publica a revista «Loreto 13».

As comemorações, que se prolongarão ao longo do corrente ano, incluirão a projecção de filmes e uma campanha de sensibilização em torno da profissão de escritor.

Na sessão comemorativa dos dez anos da APE, António Alçada Baptista representou o ministro da Cultura, Lucas Pires.

Mensagem do «Dia do Autor»

A luta do autor, hoje, é pela «integração na sociedade como ser livre e responsável», e pelo «pleno reconhecimento dos seus direitos e deveres», recusando «um estatuto de marginalidade», afirma Luís Francisco Rebello, na mensagem do «Dia do Autor Português», ontem divulgada.

A escolha daquela data para assinalar o «Dia do Autor», fica a dever-se à circunstância da Sociedade Portuguesa de Autores ter sido fundada naquele dia, há 25 anos.

Na luta que desenvolve, diz Francisco Rebello, o autor «já não está solitário mas solidário com todos os trabalhadores intelectuais – Pavese (Cesare Pavese, escritor italiano), chamava-lhes os «operários do espírito» – representados pelos seus organismos de classe».

O dramaturgo rebate, noutro passo, a «ideia falaciosa» que a «mitologia romântica pôs a circular» e que apresenta o artista como «um ser solitário e desgraçado, em luta contra o Mundo que lhe é hostil e arrancando da própria adversidade o estímulo para a criação artística».

Pelo contrário, argumenta, «o inimigo do autor não é «o Mundo», entidade abstracta e metafísica, através da qual se explicava tudo e coisa nenhuma, mas sim as forças concretas que procuram oprimi-lo e subjugá-lo».

Evocando a «censura despótica» que, durante 48 anos, se abateu sobre os autores portugueses, e a que o 25 de Abril pôs termo, Francisco Rebello alude a «outras ameaças» que «não deixaram de pairar» e que são «acaso mais subtis, mas nem por isso menos insidiosas». Os prós e os contras do «processo tecnológico» para os autores são, a seguir, analisados pelo presidente da Direcção da SPA. Francisco Rebello observa que se, por um lado, os autores têm, graças a esse progresso, «a possibilidade de atingir camadas de público cada vez mais amplas e diversificadas», por outro, ficam «na imediata dependência dos detentores desses meios de produção, pondo, assim, em risco, a sua autonomia». «São esses produtores – denuncia – que, intencionalmente, relegam os autores para um obscuro segundo plano para, assim, os poderem utilizar – e às suas obras – em seu maior benefício».

«Reconheça-se, então – pede o presidente da SPA – que todo o atentado contra o autor e os seus direitos, atenta contra a criação intelectual e, portanto, contra a cultura». Observa, ainda, que, «sempre que o direito de autor é negado, desrespeitado ou diminuído, é a cultura que se nega, se desrespeita, se diminui». «É uma sociedade que não defende a sua cultura, condena-se a si própria, porque, ao fazê-lo, está a deixar que se perca a sua identidade», adverte, ainda, o presidente da SPA.

Organizadas pelo GEFAC

Jornadas de Cultura Popular começam amanhã em Coimbra

Organizadas pelo Grupo de Etnografia e Folclore da Academia de Coimbra (GEFAC), iniciam-se amanhã em Coimbra as Terceiras Jornadas de Cultura Popular, prolongando-se até 1 de Junho. A iniciativa realiza-se de dois em dois anos, com o objectivo de alertar para a preservação do património cultural popular português.

Para a direcção do GEFAC, a cultura popular portuguesa corre o risco de perder a sua identidade, pelo que – dizem os seus membros – «é necessário um trabalho de pesquisa e recolha que preserve aquele património com a sua pureza e autenticidade».

As jornadas terão o momento alto na quinta-feira, com a realização de um espectáculo no Teatro Gil Vicente, durante o qual o cantor e compositor José Afonso receberá a medalha de ouro da cidade de Coimbta. O espectáculo em que participarão entre outros, os organismos autónomos da AAC e a Brigada Victor Jara, é promovido pelo GEFAC Câmara Municipal de Coimbra e direcção-geral da Associação Académica.

Os membros da actual direcção do GEFAC disseram à ANOP que «a homenagem ao Zeca surge porque ele representa o expoente máximo na interpretação da música popular portuguesa».

Sublinharam também que para o GEFAC, a homenagem a José Afonso é, por outro lado, «o reconhecimento devido a um homem que soube elevar a música tradicional portuguesa a uma dignidade que até ali, não tinha, dentro de uma perspectiva cultural correcta, a de uma forma sublime».

As Jornadas iniciam-se amanhã no Teatro de Gil Vicente com a actuação de Pedro Caldeira Cabral e Vitorino, seguindo-se quarta-feira um espectáculo do GEFAC no mesmo local.

Sexta-feira, Carlos Paredes e Fernando Alvim, actuarão no Teatro Sousa Bastos e sábado, dois grupos farão demonstrações sobre o jogo do pau, no jardim da Sereia, seguindo-se um debate sobre a matéria, orientado por Jorge Crespo. À noite, actuarão grupos corais alentejanos, e domingo serão representadas peças de teatro popular, mirandês, intercaladas com a actuação de um grupo de pauliteiros.

No dia 30, segunda-feira, terão lugar demonstrações da rusga minhota, seguindo-se um colóquio sobre este orientado por Lousa Henriques, no Teatro Sousa Bastos. Os dois últimos dias das Jornadas serão preenchidos com espectáculos a cargo do grupo Trovante.

No âmbito das Jornadas, estarão em destaque não só a música e as danças tradicionais, mas também o teatro, os trajos populares, a etnografia e os instrumentos musicais e de trabalho.

Uma exposição de instrumentos ligados à lavoura e à pastorícia vai estar patente ao público de 27 de Junho a 6 de Julho, no Edifício Chiado em Coimbra, no que que constitui a segunda fase das Terceiras Jornadas de Cultura Popular.

A mostra que tem o apoio do Museu de Etnologia de Lisboa, incluirá objectos de todos os pontos do País, com destaque para Trás-os-Montes e Minho. Um dos momentos mais curiosos das Jornadas terá lugar no domingo, com a representação de uma peça de teatro popular mirandês que já não era representada há cerca de vinte anos. Trata-se da peça «O Capote ou um Dia de Inverno», cuja representação estará a cargo de populares da localidade de São Martinho de Angueira, do concelho de Miranda do Douro.

Está ainda prevista a publicação de uma obra com cerca de quarenta peças de teatro popular de Trás-os-Montes recolhidas pelo GEFAC durante vários anos.

Após apresamento em Marrocos

Pesqueiro afunda-se no regresso a Setúbal

O pesqueiro «Ludi», da praça de Setúbal, afundou-se, ontem, quando regressava de Marrocos, tendo sido salvos todos os tripulantes – disse, à ANOP, o armador.

O «Ludi», de 130 toneladas, fora apresado por Marrocos, em 19 de Janeiro último, quando pescava naquelas águas, e partiu de Agadir na sexta-feira, depois do armador pagar a multa de 85 000 dólares.

O naufrágio do pesqueiro foi comunicado às 13 e 15 para a Rádio Naval de Sagres, pela Rádio Naval de Cádis (Espanha) – revelou, à ANOP, Ricardo Chora, proprietário do barco e sócio da empresa armadora Sadiconser.

A mensagem acrescentava que todos os três tripulantes do «Ludi» se encontram a salvo a bordo do barco espanhol «Morator» que navega rumo a Cádis.

Os tripulantes são todos de Setúbal, sabendo-se, apenas, o nome do mestre, António Baptista.

Ricardo Chora disse que se deslocou a Agadir e que pagara a multa exigida para a libertação do barco, na quinta-feira passada. O «Ludi» deixou o porto marroquino, na sexta-feira.

O barco dedicava-se à pesca à linha, com uma tripulação de 30 homens. Depois de apresado, a maior parte dos pescadores regressara a Portugal, ficando a bordo apenas o mestre, o motorista e o ajudante de motorista, agora salvos.

Desconhecem-se, por enquanto, as causas do naufrágio.

No sábado em Lisboa

Pouco mais de 300 bancários formaram novo sindicato

Por 317 votos contra sete, com 12 brancos e um nulo foi aprovada no sábado a constituição do Sindicato Nacional dos Quadros e Técnicos Bancários.

Segundo o presidente da Comissão Directiva, a votação registada na assembleia constituinte é suficiente para a aprovação da nova organização.

Eduardo Costa afirmou que a disposição da lei sindical, que implica a necessidade da presença de 10 por cento dos potenciais filiados para a constituição de uma nova organização sindical, está ultrapassada por um parecer da Procuradoria Geral da República, datado de 1979, e por um acórdão do Tribunal da Relação do Porto, que considera aquela disposição inconstitucional.

O presidente da Comissão Directiva acrescentou que o Ministério do Trabalho está obrigado a reconhecer a constituição do sindicato agora formado devido a esse precedente jurídico.

A assembleia constituinte registou cerca de 400 presenças, tendo-se deslocado a Lisboa, para nela participarem, bancários do Norte, do Centro e do Sul do País, que trabalham tanto na banca nacionalizada como em estabelecimentos privados estrangeiros.

A Comissão Directiva do Sindicato Nacional dos Quadros e Técnicos Bancários nomeada pela comissão instaladora, é constituída por 17 membros efectivos sendo 4 da região norte, 3 da região centro e 10 da região sul.

A comissão é presidida por Eduardo Costa, tendo como vice-presidente Oliveira Simões, como tesoureiro Vítor Emanuel e como secretários, Isabel Miranda e Paulo Martins.

O mandato da Comissão Directiva terminará na data em que tomarem posse os primeiros corpos gerentes do sindicato.

Um elemento da Comissão disse à ANOP que o processo deverá estar terminado em Outubro/Novembro deste ano.

Fiasco

Entretanto, a direcção do Sindicato dos Bancários do Sul considerou ter sido «um fiasco» a tentativa de constituição do Sindicato Nacional dos Quadros e Técnicos Bancários.

Em comunicado, aquela direcção sindical comenta o facto de terem participado na assembleia constituinte «apenas 337 bancários».

Segundo o Sindicato dos Bancários do Sul «não foram preenchidos os requisitos legais» que obrigariam à presença de dez por cento dos trabalhadores abrangidos pelo novo sindicato, ou seja, pelo menos, 2000 bancários.

«A direcção do Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas — prossegue a nota — congratula-se com a maturidade e bom-senso dos quadros e técnicos bancários que, ao não comparecerem à referida assembleia constituinte, inviabilizaram esse projecto que não serve os interesses dos bancários, designadamente dos quadros técnicos».

Minas da Panasqueira continuam paralisadas

Goraram-se as negociações entre os representantes dos trabalhadores das Minas da Panasqueira e a direcção da mina que no final da semana passada reuniu nas instalações do Ministério do Trabalho, na Covilhã.

Segundo um dirigente sindical, não houve qualquer nova proposta da parte da empresa e a direcção da mina afirmou não ter poderes negociais.

Por outro lado, os trabalhadores continuam a não autorizar a saída do minério «enquanto se mantiver a situação ilegal de **lock-out**», declarou um dirigente do Sindicato dos Mineiros do Norte.

Para tal, os cerca de 800 trabalhadores que aderiram à paralisação organizaram piquetes de vigilância para impedir o escoamento do minério, tendo cercado um camião que se dirigia, na quinta-feira, às minas para carregar mineral.

A comissão intersindical disse estar já em preparação no Serviço de Contencioso o processo criminal contra a Beralt Tin and Volfram de Portugal que acusa de promover o **lock-out** na Panasqueira.

A adesão à greve, que tem por base reivindicações salariais e sociais, é de 98 por cento — informou o mesmo sindicalista.

Os sindicatos consideram que a direcção da empresa na Panasqueira «já não tem poderes para negociar o que cabe só à administração em Lisboa».

Os trabalhadores pretendem aumentos salariais de 25 por cento e melhoria da assistência médica, serviço de refeitório, alojamentos e assistência hospitalar gratuita entre outras reivindicações.

A empresa, por seu lado, contrapõe aumentos de 15 por cento a partir de Abril.

Subsector do calçado e afins

Impasse nas negociações do ACT

PORTO, 23 — A Federação dos Sindicatos do Sector Têxtil e os Sindicatos do Calçado realizaram já duas reuniões de negociação com a associação patronal deste subsector. Segundo informação daquela federação, «no que diz respeito á revisão do clausulado, foram já adiantados alguns acordos que dizem respeito, nomeadamente, ao quadro de densidades e à questão dos trabalhadores-estudantes». Sobre os aumentos salariais, diz a nota, «são ainda ponto de discussão e não se chegou a qualquer acordo». Aliás, a comissão negociadora patronal apresentou, de início, uma proposta de aumento salarial de 17 por cento, ou seja, «o conhecido tecto salarial, escudando-se no decreto ilegal do demitido Governo AD», refere, depois, a federação.

Esta e os sindicatos recusaram desde logo, tal proposta, «argumentando com a ilegalidade de tal decreto e o facto de o custo de vida ter aumentado mais de 23,5 por cento no último ano». Sobre o subsídio de alimentação, «a associação mantém uma posição renitente».

Desta forma os sindicatos vão promover, até ao dia 25 do corrente mês, plenários e assembleias de trabalhadores, no sentido de os informar a cerca das posições do patronato e mobilizá-los para a luta pelas propostas sindicais de aumentos e de criação do subsídio de alimentação.

Sector têxtil

Numa informação enviada aos órgãos de Comunicação Social, a Federação dos Têxteis, faz uma resenha das lutas e conflitos no sector durante o mês de Março do corrente ano.

Assim, encontram-se paralisadas, por problemas económicos, sete empresas, nas quais laboram 900 trabalhadores; está parada uma outra (200 trabalhadores) por abandono da entidade patronal. Três destas empresas (com 515 trabalhadores) correm o risco de encerrar a muito curto prazo e duas delas (240 trabalhadores) têm processos de falência.

Carris

Trabalhadores poderão recorrer a nova greve

Os trabalhadores da Carris decidiram dar à respectiva comissão administrativa um prazo limite até à próxima quarta-feira para a resolução do conflito que se vive na empresa.

A resolução, adoptada em plenário, admite que, se até aquela data não for desbloqueada da situação, as ORT's poderão convocar «formas de luta eficazes, não excluindo a própria greve».

Na ocasião, os trabalhadores aprovaram também um voto de desconfiança à CA da Carris e determinaram que a comissão negociadora sindical da Federação dos Transportes Rodoviários se mantivesse todos os dias, até quinta-feira, durante as horas de expediente, frente ao portão da Estação de Santo Amaro, «como forma de protesto e de exigência do desbloqueamento do conflito».

Finalmente, o pessoal, da Carris decidiu «desenvolver todas as diligências possíveis junto dos órgãos do poder, expondo-lhes a grave situação em que se encontra» ao mesmo tempo que responsabilizam a comissão administrativa e o Governo PSD/CDS pelas acções que forem obrigadas a desenvolver.

Lisboa é sua
não deite lixo na rua

Mais seis maquinistas com processos disciplinares

Foram submetidos ao ministro dos Transportes no fim-de-semana passada mais seis processos disciplinares, para despedimento, instaurados a maquinistas da CP que participaram na greve de Abril, disse à ANOP uma fonte do Ministério.

O mesmo informador indicou terem dado entrada no Supremo Tribunal Administrativo recursos interpostos por sete ferroviários também suspensos para despedimento, por não terem aceitado a requisição civil com que o governo respondeu à paralisação.

Eleva-se a 66 o número dos ferroviários suspensos nas referidas condições, indicou a fonte do Ministério das Obras Públicas, Habitação e Transportes.

O ministro Viana Baptista, acrescentou, já se pronunciou sobre 33 desses processos, aguardando despacho de mais 50 outros processos «menos importantes».

Decreto sobre reduções salariais

A União de Sindicatos de Lisboa (USL) enviou um telegrama ao Primeiro-Ministro protestando contra a publicação de um decreto que permite reduçoes salariais nas empresas em situação económica difícil – anunciou a USL.

Aquela estrutura sindical «em nome de 500 mil trabalhadores» exige «o fim da política do facto consumado contra interesses e direitos dos trabalhadores» – refere o telegrama.

Nos países desenvolvidos

Um terço da mão-de-obra tem mais de 44 anos

Um terço da actual mão-de-obra dos países desenvolvidos e um quarto da população activa do Terceiro Mundo tem mais de 44 anos — revela um relatório publicado pela Organização Internacional do Trabalho.

O documento, a apresentar em Junho à Conferência Internacional do Trabalho, informa que o número de trabalhadores de idade avançada tem aumentado constantemente em todo o mundo e o crescimento de mão-de-obra veterana deverá prosseguir durante os primeiros 20 anos do próximo século.

Adverte ainda que «muito poucos países industrializados têm adoptado políticas de emprego visando a concessão de iguais oportunidades e tratamentos aos trabalhadores de idade».

Nos países em vias de desenvolvimento essas medidas «são praticamente inexistentes» — diz o texto, apelando para que «se conservem as suas qualificações e experiências ao serviço do desenvolvimento».

No ano dois mil, haverá no mundo 700 milhões de trabalhadores com mais de 44 anos, ou seja, mais 200 milhões do que agora — assinalam as estatísticas, acrescentando queo máximo será alcançado no ano 2020 com 1100 milhões.

Cerca de 55 por cento dos trabalhadores de idade avançada encontram-se na Ásia, enquanto que na Europa essa taxa é de apenas 15 por cento, em África, América do Norte e União Soviética de oito por cento, na América Latina de cinco por cento e na Oceânia apenas de um por cento.

CGTP/Comissiones Obreras

Delegações assinaram comunicado conjunto

«O papel cada dia mais importante e fulcral para a resolução da grave crise económica e social desempenhado por cada uma das centrais sindicais nos respectivos países e o facto de, sem a sua participação, não ser possível também resolver os grandes problemas nacionais», foi destacado no comunicado conjunto assinado pela CGTP e pelas Comissiones Obreras no termo de uma visita de três dias que uma delegação da central sindical espanhola fez ao nosso país.

Durante as conversações foi salientada a importância da unidade dos trabalhadores e dos seus movimentos sindicais «para enfrentarem com êxito as consequências da crise do capitalismo e a acção nefasta das transnacionais», para imporem um novo tipo de desenvolvimento económico e social, bem como de reformas de estrutura à altura das suas necessidades. Igualmente ressaltada a «inquietante deterioração das relações internacionais, as graves tensões e os perigos crescentes que a desenfreada corrida aos armamentos, provocada pelo imperialismo faz correr a toda a Humanidade».

Para obstar a esses perigos, as delegações preconizam o fim da corrida aos armamentos bem como a criação de condições «para um desarmamento efectivo e controlado».

De igual modo, «rejeitam com firmeza a possibilidade da instalação, trânsito ou estacionamento de armas nucleares» nos respectivos países bem como a sua utilização como base para actos agressivos contra outros países.

Quanto ao sindicalismo praticado na Europa Ocidental e aos problemas que enfrentam os trabalhadores desta parte do mundo, as duas organizações sindicais consideram que «a acção sindical da CES, tal como o confirmam os factos não pode ser alargada nem verdadeiramente eficaz se ela não aceitar a existência de concepções e práticas diversas e, por conseguinte, se ela não aceitar no seu seio as organizações democráticas e mais representativas de cada país como é o caso da CGTP-IN em Portugal e das Comissiones Obreras, em Espanha».

pessoas & factos

Em fase de expansão internacional Hoover Portuguesa comemorou 75 anos

Assinalando o seu 75.° aniversário a Hoover Portuguesa promoveu uma reunião de convívio com os representantes da Comunicação Social portuguesa, durante a qual o seu director-geral, João Barata, deu a conhecer a actividade da empresa em Portugal, marcada nos últimos tempos por um enorme desenvolvimento em todas as frentes designadamente na exportação.

João Barata revelou entre outras coisas que a Hoover está a enviar para as fábricas de Dijon (França) da Hoover Internacional, um e por vezes dois contentores por semana, com acessórios e peças de aspiradores, que no final do ano representarão uma verba superior a 100 mil contos de exportações, e que neste momento aspiradores Hoover vendidos em todo o mundo são equipados com tubos de extensão, tubos curvos e acessórios de limpeza fabricados em Portugal.

Entretanto, e depois de ter iniciado já a exportação de aspiradores para Espanha, a Hoover Portuguesa está prestes a assinar um contrato para o Médio Oriente à média de 1000 unidades por mês.

Já no próximo ano a Hoover Portuguesa programa fabricar e exportar algumas centenas de milhar de aspiradores para as associadas da Hoover Internacional e seus 75 mil revendedores nos cinco continentes.

Por outro lado, a pedido da Hoover Internacional, a Hoover Portuguesa está a estudar para 1984 importantes investimentos que reflectirão aumentos significativos da produçãm nacional de aspiradores, a qual será canalizada para a exportação.

Significativo também e ao mesmo tempo prestigiante, o facto de ainda em 1982 o mercado espanhol ter passado para a responsabilidade da Hoover Eléctrica Portuguesa.

Após vários contactos, alguns milhares de aspiradores foram já exportados para Espanha, esperando-se que no corrente ano essas exportações aumentem e atinjam entre dez a doze mil unidades.

Outros mercados estão a ser contactados, com especial relevância para os países africanos de Língua portuguesa e o Norte de África.

O corrente ano será ssim o «ano chave» para as aspirações da Hoover Portuguesa.

Novas dependências da Caixa Geral de Depósitos

A Caixa Geral de Depósitos inaugurou novas dependências em Figueiró dos Vinhos, e Benavente.

Com um número cada vez mais alargado de dependências localizadas nas mais diversa zonas do País, a CGD procura assim modernizar toda a sua rede de operações e oferecer um serviço mais eficiente e completo ao público.

Resultados espectaculares para a British Airways em 1982

A British Airways registou, no ano transacto, «resultados espectaculares», segundo lord Cockfield, secretário de Estado do Comércio da Grã-Bretanha.

Aquele membro do Governo inglês sublinhou o facto destes resultados se verificarem numa altura em que as companhias atravessam uma grave recessão, afirmando que eles são o reflexo da grande confiança dos utentes na direcção e no pessoal da British Airways.

Por este facto, o mandato do presidente da companhia, sir John King, que deveria terminar a 3 de Janeiro de 1984, foi alargado até 3 de Maio de 1986.

Os directores executivo e financeiro permanecerão, também, na direcção por um período de três anos.

Relativamente a este ano, sir John King afirmou ser, ainda, prematuro afirmar se a companhia atingiria os mesmos resultados do ano findo, apesar dos índices favoráveis já registados. Na mesma conferência de Imprensa, em que produziu declarações, o presidente da BA, considerou como meta de lucros razoáveis para uma companhia como aquela, uma verba que ronda a casa dos 250 milhões de libras.

Admitiu, contudo, que as companhias estão longe de os alcançar mas, «já que estamos na corrida, devemos prosseguir», afirmou.

Mais forte que nos países industrializados

Crescimento de 3 por cento no ano passado

O crescimento do Produto Interno Bruto Português foi de 3 por cento em 1982, segundo estimativas oficiais contra cerca de 1 por cento em 1981.

É um dos poucos indicadores macroeconómicos em que a evolução verificada coincide com a previsão governamental, constante das Grandes Opções do Plano para 1982.

Apesar da seca que se fez sentir em Portugal nos últimos quatro anos, a agricultura foi um dos sectores de crescimento mais dinâmico no ano passado, aumentando o produto agrícola 6 por cento.

Crescimento ainda mais dinâmico do que a agricultura teve o sector da electricidade, água e gás, em virtude dos vultosos investimentos efectuados ou em curso, a banca e os serviços.

O crescimento do PIB em 1982 foi em Portugal significativamente superior ao verificado na generalidade dos países europeus, onde se registou um ano de estagnação económica, e, em certa medida, explica, segundo as fontes contactadas pela ANOP, o facto de o défice da balança de transacções correntes ter atingido um valor recorde de mais de 3,2 mil milhões de dólares.

As Grandes Opções do Plano para 1982 previam um défice das transacções correntes de 1,4 mil milhões de dólares, portanto cerca de duas vezes e meia inferior ao verificado.

Outro dos indicadores cuja previsão coincide com o resultado obtido foi o crescimento de 7,5 por cento nas exportações, em volume se bem que quando expressas em dólares se tenha verificado uma estagnação (mais de 50 por cento das exportações portuguesas são pagas em moedas europeias).

A degradação da balança de transacções correntes resultou de um comportamento das importações exactamente inverso ao previsto (previa-se um decréscimo de 3 por cento e aumentaram), sendo de salientar o custo das importações petrolíferas (206 mil milhões de escudos) e de cereais (cerca de 40 mil milhões de escudos).

Paralelamente assistiu-se a um decréscimo em termos reais das remessas dos emigrantes (atingiram 208 mil milhões de escudos em 1982, contra 175 mil milhões em 1981) e as receitas do turismo ascenderam a cerca de 70 mil milhões de escudos com um forte decréscimo quando expressas em dólares (de perto de mil milhões de dólares em 1981 para pouco mais de 800 milhões em 1982).

Aliás já este ano a evolução que se prevê francamente negativa das receitas do turismo e das remessas dos emigrantes levaram o governo a abandonar a sua previsão inicial de 2,1 mil milhões de dólarês para o défice das transacções correntes.

Fontes governamentais disseram à ANOP que chegou a existir uma segunda previsão, que apontava para 2,6 mil milhões de dólares mas nunca divulgada por se considerar muito difícil obter recursos financeiros externos desta dimensão para o seu financiamento.

É na sequência desta consideração e após contactos com o FMI que o governo decide elevar em cinco pontos percentuais as taxas de juro e agravar a desvalorização deslizante do escudo de 0,75 por cento para 1 por cento ao mês.

Baixar o défice para dois mil milhões

O secretário de Estado do Tesouro, Walter Marques, disse à ANOP que são precisas novas medidas de política económica para que o défice das transacções correntes não ultrapasse «um nível comportável de dois mil milhões de dólares este ano».

Walter Marques acrescentou que será muito negativo para a imagem de Portugal junto da comunidade internacional se a dívida externa no final deste ano ultrapassar os 15,5 mil milhões de dólares. No fim de 1982 a dívida total ascendia a 13,4 mil milhões.

No défice das transacções correntes para este ano, há que incluir, à partida, uma verba de 900 milhões de dólares de juros da dívida de médio a longo prazo e 220 milhões da de curto prazo, que Portugal tem de pagar.

As amortizações da dívida externa para este ano ascendem a 1,2 mil milhões de dólares, estando o governo a tentar substituir algumas dívidas de curto prazo (29 por cento do total) por créditos de médio e longo prazo).

A dívida de curto prazo, fundamentalmente constituída por créditos comerciais, evoluiu muito rapidamente nos últimos anos, passando de 1,7 mil milhões de dólares em 1979 para 2,5 mil milhões em 1980, para 3,2 mil milhões em 1981 e para cerca de 3,5 mil milhões em 1982.

Esta evolução está particularmente relacionada com a valorização do dólar e com a subida das taxas de juro, encarecendo as compras de petróleo e de cereais.

Evolução negativa das remessas de emigrantes

Para este ano, o próximo governo vai ter na balança de transacções correntes um dos principais problemas a resolver, dada a evolução negativa das remessas dos emigrantes e o início da introdução de restrições, por parte dos países onde trabalham, à exportação de capitais.

Cerca de 50 por cento das remessas dos emigrantes portugueses são provenientes da França, país que se debate actualmente com graves problemas na balança de pagamentos.

Portugal ainda pouco beneficiou da queda dos preços do petróleo porque tinha contratos de fornecimento de ramas, assinados aos preços anteriores e que só terminam no fim do primeiro semestre deste ano, sendo previsível um aumento das importações de cereais por as colheitas da actual campanha terem sido afectadas pelas condições climatéricas adversas.

Face a estas perspectivas, o próximo governo terá de negociar um acordo com o FMI para implementar um programa de estabilização económica, o qual terá certamente fortes custos ao nível do crescimento económico e, portanto, ao nível do emprego.

A taxa oficial de desemprego (sobre a qual técnicos de diferentes organismos levantam reservas) em Portugal é das mais baixas da Europa, situando-se em cerca de 8 por cento, quando na CEE a taxa é de 11 por cento e na Alemanha Federal é de 9,2 por cento.

Para trazer o défice das transacções correntes para os dois mil milhões de dólares é necessária uma política capaz de eliminar o actual estado psicológico desfavorável existente entre os agentes económicos e que em 1982 se reflectiu numa constituição especulativa de «stocks» (variação de 10 por cento em termos reais) – disse fonte governamental.

Jaime Antunes, da ANOP

Barcos portugueses vão pescar nas águas da Guiné-Bissau

A Sociedade Luso-Guineense de Pesca Guipeixe foi constituída com um capital social de 200 mil dólares (20 mil contos), sendo 65 por cento de um grupo privado português, a Grupesca. Assinou pela parte portuguesa o tenente-coronel na reserva Canto e Castro, e pela parte guineense, o secretário de Estado das Pescas, Flávio Proença.

A participação guineense no capital social da empresa, que é feito na moeda local (pesos guineenses), poderá ser futuramente aumentada, após aprovação de proposta feita nesse sentido – disse à ANOP o secretário de Estado guineense.

Um delegado da tutela guineense representara em permanência o Estado da Guiné-Bissau junto da empresa e será obrigatoriamente consultado para grandes decisões de ordem económica ou da actividade da sociedade mista.

O valor global do investimento ascende a 10 550 mil dólares (1055 mil contos) – segundo o protocolo de compromisso de constituição da empresa, assinado em Março em Bissau.

A Grupesca, um grupo de empresas portuguesas criado para este efeito, fornecerá os meios de captura (de início, quatro barcos, depois, mais dois), a tecnologia e o controlo de gestão da sociedade, garantindo a parte guineense as infra-estruturas frigoríficas em terra.

A Guipeixe, cuja constituição teve o apoio da Secretaria de Estado da Cooperação e Desenvolvimento de Portugal, poderá começar a laborar nos mares da Guiné-Bissau ainda no ano corrente.

Por outro lado, uma nova sociedade mista luso-guineense de pesca poderá ser criada futuramente com a empresa Miradouro Lda, da Gafanha da Nazaré (Aveiro) – admitiu em declarações à ANOP o secretário de Estado das Pescas da Guiné-Bissau.

Esta empresa tem já um barco a pescar nos mares guineenses, para estudo das características e volume do pescado e levantamento das possibilidades de laboração.

Fez mesmo já às autoridades guineenses a proposta de envio de mais barcos, que procederão a descarga no porto de Bissau de 600 quilogramas de peixe por cada dia de pesca de cada barco.

A Guiné-Bissau mantém sociedades mistas de pescas com outros três países – a Semapesca, com a França, a Guialp, com a Argélia e a Estrela do Mar com a URSS. Mas só a sociedade mista soviético-guineense se mantém em actividade, fornecendo mais de 30 por cento da entrada anual de divisas

Milhares de casas por vender e falência à vista para muitas empresas

Mais sete milhões para obras públicas e declaração do sector em crise

— *exigiram os industriais da construção civil*

Milhares de casas concluídas e sem comprador, por conhecidas restrições do crédito e altas taxas de juros (só na margem Sul do Tejo são 23 mil), empresas asfixiadas ou porque a banca já atingiu os «plafonds» creditícios fixados pelo Ministéio das Finanças ou porque é impossível mantê-las em funcionamento ao preço actual do crédito, e o consequente desemprego iminente para milhares e milhares de trabalhadores, tal é o retrato do sector da construção civil traçado pelos industriais reunidos este fim-de-semana em Lisboa.

A capital foi palco de duas reuniões distintas, uma no sábado, no Pavilhão do Estádio da Luz (Encontro Nacional da Indústria de Construção) e outras ontem no Hotel Ritz (Debate Nacional sobre a Crise da Construção Civil, organizado pela ACESULTEJO – Associação de Construtores e Empreiteiros e Obras Públicas da Margem Sul). Em ambas o quadro traçado se caracteriza como muito sombrio, aproximando-se também as posições assumidas pelos industriais e as medidas exigidas ao Governo em formação para serem tomadas com carácter de urgência de modo a evitar a ruptura e a paralisação total por asfixia financeira.

Tendo como média o custo de dois mil e quinhentos contos por habitação, só na margem Sul do Tejo há uns 60 milhões de contos imobilizados correspondentes a habitações concluídas e que os empreiteiros não conseguem vender. Segundo Carlos Luhmann Neves, dirigente da ACESULTEJO, a crise é de tal ordem que hoje já só se concluem 200 fogos por mês,na área de jurisdição da sua Associação, quando há poucos meses se concluiam dez vezes mais.

Ministério da Habitação Construção e Urbanisação

A criação de uma Federação das Associações da Construção Civil e de um Ministério da Habitação, Urbanismo e Construção, foram duas das medidas preconizadas no final do debate sobre a crise do sector, que decorreu em Lisboa promovido pela Associação de Construtores e Empreiteiros e Obras Públicas da Margem Sul – ACESULTEJO.

A atribuição das despesas de condomínio aos inquilinos, no âmbito de uma revisão geral da Lei das Rendas, é outra das medidas incluídas nas conclusões do debate, as quais apontam, também, para a adopção de medidas de incentivo fiscal e de bonificação de juro para aquisição de habitação própria.

Na área do planeamento e urbanismo foi preconizada a aplicação de um aumento de 10 por cento sobre os valores previstos para a densidade populacional das futuras urbanizações com o objectivo de cedência dos terrenos, assim obtidos para a construção de habitações sociais pelos respectivos municípios.

No decorrer do debate o coordenador do Partido Socialista para o sector, Fernando Abecasis, afirmou que a resolução dos problemas económicos do País tem de assentar em três vectores: construção civil, agricultura e pescas, porque são estes que incorporam, na sua maior parte, produtos nacionais.

O dirigente socialista considerou o corte no crédito à habitação «um autêntico aborto» e apontou, também como paradoxos existentes a paralisação das empreitadas públicas do Alqueva e da Cova da Beira.

Fernando Abecassis, preconizou, na sua intervenção, a revisão da Lei das Rendas, que contemple a sua actualização acompanhando o ritmo da inflação. Neste ponto, defendeu que o senhorio seja libertado da obrigatoriedade da conservação do edifício, transferindo-a para uma possível Associação de Inquilinos.

● Dirigente socialista considerou o crédito à habitação como «um autêntico aborto» e apontou o Alqueva e a Cova da Beira como exemplos de bloqueamento de empreitadas públicas que paralisam o sector

Capacidade de resistência chegou ao fim

«A indústria de construção está à beira da falência e a ruptura já se instalou em muitas empresas, porque a sua capacidade de resistência chegou ao fim» – disse aos empreiteiros reunidos no Estádio da Luz, em Lisboa, o presidente da Associação dos Industriais de Construção de Edifícios.

Esta afirmação de Eurico de Barros foi corroborada pelo presidente da Associação dos Industriais da Construção Civil e Obras Públicas do Norte, Amorim Martins, quando, na sua intervenção, considerou desesperante a situação da indústria, tanto no subsector das Obras Públicas como no da Construção Civil.

As comunicações apresentadas durante o encontro de sábado traçaram, de um modo global, a situação do sector e responsabilizaram o actual e os anteriores governos pelos problemas com que se debatem.

O presidente da Associação de Empresas de Construção e Obras Públicas do Sul, Marques dos Santos, denunciou, por seu lado, que o mercado de habitação entrou em completa ruptura porque «mantendo-se a inviabilidade do regime de arrendamento e a insuficiência do volume e sistemas de crédito à aquisição, se tornou impossível escoar o produto acabado».

Marques dos Santos apontou, também a completa ruptura do mercado de empreitadas porque, «dada a retracção do investimento público e privado, se tornou impossível preencher a carteira de encomendas das empresas».

Sublinhe-se que, não obstante o facto estranho de industriais do mesmo ramo não terem conseguido juntar-se para debater os problemas que são exactamente iguais para todos – em vez disso reuniram-se de um lado, os da margem Sul do Tejo, e no outro os empreiteiros do resto do País – não deixou com isso de haver uma certa ligação entre as duas reuniões, a do Ritz e a do pavilhão da Luz.

As conclusões apontam para exigências de decisões governamentais confluentes e os participantes do debate da ACESULTEJO enviaram aos seus colegas reunidos no Estádio da Luz uma mensagem de saudação e de solidariedade, «estimulando-os para que encontrassem a melhor solução para os problemas que lhes são comuns».

Audiências ao Presidente da República e ao governo vão ser agora pedidas pelos industriais da construção civil para entrega das conclusões do encontro.

Treze recados para Mário Soares

Enquanto os industriais filiados na ACESULTEJO aprovavam «Dez medidas para dez dias», numa réplica às cem medidas do Partido Socialista para os cem primeiros dias de Governo, os empreiteiros que participaram no outro Encontro, no Estádio da Luz decidiram levar ao Governo (actual Primeiro-Ministro) e aos líderes dos Partidos emepenhados na constituição do futuro Executivo um conjunto de soluções que, no entender deles, salvarão o sector da construção civil.

Trata-se de treze autênticos recados para Mário Soares se quiser apostar na construção civil como sector dinamizador do relançamento económico.

Transcrevemos essas treze soluções na integra:

1 – Que o sector da construção civil e obras públicas seja declarado globalmente sector em crise, com todos os efeitos e consequências.

2 – Que o crédito para aquisição de habitação deixe, imediatamente, de estar sujeito a «plafonds».

3 – Que seja implementada, de imediato uma linha de crédito, com carácter de emergência, através da qual se compatibilizem, por meio de subsídios, as taxas de juro para aquisição de habitação com um nível de rendimentos dos adquirentes eliminando-se o parâmetro – custo do metro quadrado de construção.

4 – Que seja imediatamente suspensa a liquidação da contribuição predial em relação aos fogos não vendidos.

5 – Que sejam reavaliados pelas instituições de crédito os bens oferecidos em garantia dos empréstimos por forma a transformar em capital os juros que se encontram em mora.

6 – Que as instituições de crédito aceitem, para liquidação de parte dos financiamentos, a dação em pagamento, com base em avaliação actualizada, de andares que constituem a garantia dos empréstimos.

7 – Que as instituições de crdito aceitem reformar por inteiro os efeitos comerciais com capitalização dos juros correspondentes, até ao fim do ano em curso.

8 – Que seja regulamentado o artigo 35.ª da Lei n.º 80/77 – indemnizações – por forma a possibilitar a mobilização dos respectivos títulos para investimento em habitação.

9 – Que seja imediatamente reforçada a dotação orçamental para investimentos em obras públicas, no mínimo em 7 milhões de contos, por forma a garantir que, para além das adjudicações previstas, sejam postos a concurso, atão fim do ano, mais um milhão de contos de obras por mês.

10 – Que, de imediato, sejam desbloqueados alguns dos projectos de investimento do Sector Empresarial do Estado que se encontrem pendentes de decisão.

11 – Que, nas adjudicações de obras públicas, seja rigorosamente cumprido o critério estipulado na Lei.

12 – Que seja imediatamente implementado um sistema de incentivos ao investimento adequado ao sector por forma a viabilizar a renovação do equipamento e a inovação tecnológica.

13 – Que o Governo, a Banca e os Seguros estabeleçam sem demora, nas respectivas áreas esquemas que constituam efectivo apoio às empresas que exerçam ou procurem exercer actividade nos mercados estrangeiros, dado qu desta actividade resultam mais vantagens para o país, em particular na entrada de divisas.

Com 10 milhões de dólares cada

Banco Árabe financiou portos da Praia e Bissau

O Banco Árabe para o Desenvolvimento Económico em África (BADEA), anunciou em Paris, a ceoncessão de empréstimos a S. Tomé e Príncipe, Cabo Verde e Guiné-Bissau.

S. Tomé e Príncipe recebeu 150 mil dólares para a construção de um complexo agro-industrial de frutas.

Cabo Verde recebeu 10 milhões de dólares para o projecto de renovação e modernização do porto da Raia. Este empréstimo corresponde a 39 por cento do custo total do projecto e deverá ser reembolsado em 12 anos, ao juro anual de 5 por cento.

A Guiné-Bissau recebeu 10 milhões de dólares para o alargamento e reabilitação do porto de Bissau.

O relatório anual do BADEA referente a 1982 diz que, nesse ano, o banco concedeu 90 milhões de dólares em auxílio a países africanos não-árabes, elevando assim a 728,7 milhões de dólares o total do auxílio concedido desde a sua fundação, em 1975.

Um dos sete financiamentos de 1982 serviu para a construção em Moçambique de um complexo agro-industrial.

EBORIM

CENTRO COMERCIAL

Em Évora abrirá, em breve, o maior centro comercial do sul do país.

Oportunidade de ser utente de uma das 26 lojas integradas no importante empreendimento que comporta dois cinemas, um restaurante, e parque de estacionamento coberto com capacidade para 85 viaturas.

Informações e Inscrições em Évora, Rua da República, 143
Telefs.: 26898 - 22075/6/7

RAMOS DE ACTIVIDADE

	Área m²
Ag. Viagens/Rent-a-car	27
Artesanato	
Louças/Vidros	54
Art. Desporto	54
Banco	91
Boutique fem.	29,5
Boutique jovem	26,5
Boutique masc.	46
Bricolage	22,5
Cabeleireiro	46
Café-Bar	40
Cervejaria	54
Charcutaria	48
Discoteca	34,5
Farmácia	39,5
Fotografia/Som	37
Geladaria	54
Joalharia/Reloj.	22
Jornais/Rev./Tabacos	17
Lãs e fios	11
Lavandaria	11
Livraria	36,5
Pastelaria	32,5
Perfumaria/Bijuteria	22,5
Pub	45,5
Restaurante	168
Sapataria	34
Utilidades/prendas	20

ONU

Questão namibiana volta hoje ao Conselho de Segurança

O Conselho de Segurança vai iniciar hoje o seu primeiro debate sobre a Namíbia desde há dois anos.

O problema já foi alvo de múltiplas deliberações na Assembleia Geral da ONU, no Conselho das Nações Unidas para a Namíbia e, no mês passado, na conferência internacional que teve lugar na sede da Unesco em Paris.

Foi em Abril de 1981 que o Conselho de Segurança se ocupou do tema pela última vez. Os debates resultaram então nos vetos das três potências ocidentais que bloquearam as sanções contra Pretória.

Espera-se que desta vez o ambiente dos debates seja menos tenso, se bem que o plano para a independência da Namíbia, aprovado em Setembro de 1978 pelo Conselho de Segurança, depois de ter sido negociado e elaborado pelos membros do grupo de contacto ocidental (EUA, França, Reino Unido, Canadá e RFA) ainda não esteja em vias de ser aplicado.

Prevê um cessar-fogo seguido por eleições na Namíbia, sob controlo dos capacetes azuis e de funcionários internacionais tendo em vista a elaboração de uma constituição e a independência.

Os países não-alinhados e os países africanos pediram a reunião do conselho, assim como o secretário-geral da ONU Javier Perez de Cuellar, não escondendo a sua impaciência perante o bloqueamento da situação e protestando especialmente contra o facto de que o principal obstáculo à aplicação do Plano seja actualmente constituído por uma consideração que lhe é estranha, a saber a insistência de Washington e de Pretória na retirada das tropas cubanas presentes em Angola como condição prévia.

Estes argumentos vão ser repetidos perante o Conselho de Segurança, mas os países africanos da Linha da Frente e sobretudo Angola não desejam um confronto. Este traduzir-se-ia por mais votos e por uma nova resolução sobre sanções, o que não faria evoluir a situação da independência namibiana.

Esses países, julga-se saber, preferem iniciar, com estas reuniões do Conselho de Segurança, um processo da «última chance», que começaria pela reiteração dos princípios da resolução 435 (o plano ONU), e desejam uma conferência restrita para 1983 segundo o modelo da que se realizou em Genebra em Janeiro de 1981 e que fracassou por causa da atitude sul-africana.

As sanções só seriam decretadas no caso das duas etapas anteriores não darem resultados.

Considera-se que as deliberações do Conselho irão durar pelo menos duas semanas, primeiramente presididas pelo representante do Zaire e depois, em Junho pelo representante do Zimbabwe.

A África do Sul, banida da Assembleia Geral da ONU, mas que tradicionalmente tem participado nos debates do Conselho de Segurança sobre a Namíbia, conta expôr o seu ponto de vista durante as primeiras sessões, assim como o presidente da SWAPO (Organização do Povo do Sudoeste Africano) Sam Nujoma.

Colonos alemães apoiam a SWAPO

A comunidade alemã na Namíbia, formada por cerca de 20 000 descendentes de colonos instalados no sudoeste africano durante o século passado, está a ser sacudida por centra intranquilidade, devido à emergência, no seu seio, de uma corrente liberal favorável a contactos com a SWAPO (Movimento de Libertação da Namíbia).

Em apenas 15 dias, registaram-se dois casos que levaram a pensar que certos meios liberais da comunidade alemã estão a tentar, com o apoio oficioso do governo dee Bona, iniciar negociações com a SWAPO, ao mesmo tempo que se arrastam as negociações internacionais sobre o futuro da Namíbia.

O primeiro incidente ocorreu a 30 de Abril, quando da festa do centenário da cidade de Luderitz, fundada por alemães.

A fundação de Luderitz, novamente criada, atribuiu um prémio ao ministro francês dos Negócios Estrangeiros Calude Cheysson, o qual, anteriormente, quando da abertura da conferência internacional sobre a Namíbia, proferiu em Paris um discurso muito crítico para com a África do Sul.

A atribuição do prémio a Claude Cheysson foi interpretada, pela maioria dos observadores, como uma afronta voluntariamente infligida às autoridades sul-africvanas, as quais ordenaram aos seus representantes que boicotassem a cerimónia.

Duas semanas mais tarde, dirigentes da comunidade germânica pertencentes à influente organização cultural e política «defesa dos interesses da população de expressão alemã no sudeste», viriam a encontrar-se, em princípioso de Maio, em Harare, com o presidente da Swapo, Sam Nujoma. Pouco depois, o espanto subiu de tom quando se soube ter-se tratado, de facto, da terceira vez em dois anos que dirigentes daquela organização tinham contactos secretos com o chefe do movimento nacionalista namíbio.

Estas tentativas, condenadas pela maioria dos namíbios de ascendência alemã, provocaram uma clivagem na comunidade germânica, até hoje unida e que forma o núcleo central da etnia branca do país com 78 000 habitantes para um total de namíbios de um milhão.

Recorda-se que a África do Sul administra desde há 63 anos este país semi-desértico, duas vezes maios que a França e rico em minério. Na sequência destes dois incidentes, instalou-se a perturbação no espírito dos alemães da Namíbia, tanto mais que a «organização de defesa dos interesses da população de expressão alemã no sudoeste se prepara para novo encontro com Nujoma, em Setembro.

Malawi

Morte misteriosa de dois ministros

Dois ministros do Malawi foram sábado a enterrar, mortos durante a última semana em circunstâncias misteriosas.

Trata-se de Heron Gadama, ministro para a Região Central, e de Dick Matenjo, ministro sem pasta e secretário-geral do Partido do Congresso, único partido oficialmente existente no país.

Os dois ministros foram dados como desaparecidos depois de na quarta-feira haverem sido convocados pela Polícia.

As informações que a esse respeito surgiram nos círculos diplomáticos ocidentais do Malawi não foram oficialmente confirmadas.

Segunda personalidade política do país depois do presidente vitalício Kamuzu Banda, o ministro Dick Matenje ocupava uma posição muito delicada.

De entre os seus sucessores em idênticas funções, Aleke Banda fora colocado sob residência fixa em 1970 e Bakili Muluzi fora substituído em Janeiro de 1982.

Matenje, de 53 anos, fora a partir de 1972, e sucessivamente, ministro do Comércio, da Indústria, do Turismo, das Finanças e da Educação, antes de haver chegado a secretário-geral do partido.

O desaparecimento dos dois ministros, nos últimos dias, seguiu-se à condenação à morte de um dos principais adversários do presidente Banda, Orton Chirwa, e ao assassínio no Zimbabwe, em Março, de outro dos dirigentes da oposição Malawi, Attati Mpakati.

Seis chefes de governos socialitas europeus reuniram-se em Paris para encontrarem uma resposta comum à crise, com vista à «cimeira» de Williamsburg. Participou também o presidente da Assembleia Nacional do Senegal (Foto Feriaque)

A decidir em Williamsburg

Ocidente vai levantar sanções à Polónia

Os Estados Unidos e seus aliados europeus iniciaram consultas para um «gradual desmantelamento» das sanções impostas ao governo polaco, pela declaração da lei marcial.

No âmbito das relações comerciais Leste-Oeste, a supressão das sanções económicas contra a Polónia será tema para debate na próxima «cimeira» de Williamsburg (Virgínia), que no próximo sábado reunirá os sete «Grandes do Ocidente».

Uma decisão provisória poderia anunciar-se após a reunião ministerial que os países da Aliança Alântica efectuarão em Paris em 9 e 10 de Junho.

O jornal «Washington Post» referiu na sua edição de ontem que os países ocidentais «esperarão para ver o resultado» da viagem do Papa João Paulo II à Polónia que começará em 16 de Junho.

A Administração Reagan, oficialmente, mostrou-se adversa em levantar as sanções impostas após Dezembro de 1981.

Todavia, o próprio Reagan, na quarta-feira passada, suprimiu uma sanção imposta à URSS após a proclamação da lei marcial na Polónia, ao anunciar a renegociação de um acordo cerealífero a longo prazo entre Washington e Moscovo.

Os contactos preliminares entre os países da NATO, embora mantidos em segredo, decorreram tanto em Washington como na Europa (Paris e Bruxelas) com o objectivo de como primeira medida, facilitar os pagamentos da dívida externa polaca ao Ocidente.

A dívida oficial polaca ao Ocidente soma cerca de 13 700 milhões de dólares, que ascendem a 26 600 milhões contabilizando a pública e privada, na maior parte contraída com a Alemanha Federal, Estados Unidos, França e Reino Unido.

Os pagamentos foram congelados quando os países ocidentais, como uma das sanções impostas ao Governo de Jaruzelski, se negaram a renegociar a dívida.

O secretário de Estado adjunto norte-ameicano, Richard Burt, em conversações confidenciais tidas na Europa, segundo fontes diplomáticas, fez já as primeiras tentativas para suprimir gradualmente as sanções, condicionando cada passo «as acções recíprocas do regime polaco».

Outros representantes dos departamentos de Estado e do Tesouro também se avistaram com membros dos governos aliados credores da Polónia, apesar da posição oficial da Casa Branca de «não suprimir a pressão exterior sobre o regime polaco».

Alguns membros da Administração Reagan, segundo o «Washington Post», preocupados com a «divisão da Aliança Atlântica sobre este caso», defendem uma «aplicação mais flexível desta pressão exterior sobre a Polónia», num eufemismo para expressar que o peso mais gravoso das sanções será suprimido.

General americano defende envio de tropas para El Salvador

O chefe do Comando Sul das Forças Armadas Norte-Americanas, general Wallace Nutting, solicitou à Administração Reagan que se «prepare para usar tropas» em El Salvador, noticiou, ontem, o «Washington Post».

«A América Central está em guerra e os Estados Unidos, gostem ou não, estão comprometidos nesta guerra» – disse Nutting, que concedeu uma entrevista no Panamá, onde comanda 9000 homens.

«Se renunciarmos, agora, podemos perder a nossa última oportunidade», acrescentou, ao mesmo tempo que considerou que a Administração norte-americana não deu «os passos necessários para atingir o objectivo de impedir um Governo marxista em El Salvador».

«Os guerrilheiros prosseguirão, enquanto comprovarem os limites da nossa vontade de tomar uma última resolução» – assegurou o general.

No seu entender, os combatentes da «Frente Farabundo Marti de Libertação Nacional», esperam ganhar a guerra da América Central em Washington, da mesma forma que a guerra do Sudoeste Asiático (Vietname) se perdeu ali».

Wallace Nutting, que administra a defesa do Canal do Panamá, a distribuição da ajuda militar norte-americana ao Governo salvadorenho e supervisa o trabalho dos instrutores dos Estados Unidos em El Salvador e Honduras, admite, no entanto, que «por todas as razões da História» e «pela última lição do Vietname», Washington «não deveria querer intervir» na América Central.

Ainda segundo Nutting, o custo desta guerra para os Estados Unidos «será mais alto à medida que não se adopte uma solução», pois a região é tão importante estrategicamente para Washington, quanto o Médio Oeiente.

«Agora, não poderia dizer que 150, 200, 500 ou mil instrutores militares norte-americanos em El Salvador seriam suficientes, mas estou seguro que os actuais 55 não o são» – indicou Nutting.

Goldwater dise, ainda, esar, perfeitamente, de acordo com as declarações do comandante das forças americanas

Sul-a

S

Aparentemer
Pretória, as forças a
nos arredores de Ma
des moçambicanas

Segundo uma testemunha ocular, cinco ou seis aviões a reacção sul-africanos bombardearam e metralharam às 5h15m TMG o bairro de Matola, situado a 10 km da capital, na estrada que conduz à fronteira sul-africano.

Ainda de acordo com a mesma fonte, citada pela agência AFP, helicópteros terão também intervido nos combates. De fonte oficial, de Maputo nada se adianta, sendo por agora as principais informações veiculadas pelo ministro sul-africano da Defesa, general Maguns Malan. Segundo esclarecimentos prestados à Imprensa da África do Sul, às primeiras horas da manhã de hoje, o general Malan informou que no ataque foi neutralizada uma base de lançamento de mísseis do exército moçambicano. Fonte informada de Maputo confirmou, por seu lado, à AFP a existência de uma base de mísseis na zona de Matola.

Para Malan os motivos

Trint

Foram perpetrados na noite passada trinta atentados na Córsega, os quais fizeram um ferido grave e importantes estragos, soube-se hoje de fonte policial.

As explosões ocorreram nas principais cidades da ilha – onde se verifica uma agitação independentista – contra vários objectivos: um banco, salões de cabeleireiro, escritórios de notários e restaurante. Várias destas instalações já tinham sido alvo de atentados anteriores.

As deflagrações, reivindicadas pela Frente de Libertação

Arafat dom

O chefe da OLP, Yasser Arafat, restabeleceu, pelo menos provisoriamente, o seu controlo sobre o Fatah (principal componente da Central palestiniana) ao neutralizar os seus principais opositores. O Comité Central do Fatah decidiu colocar à sua disposição os cinco principais dirigentes contestarários – informa a AFP e a ANOP.

O Comité Central do Fatah, reunido ontem em Damasco, também «proibiu formalmente a todas as forças palestinianas que entrem em contacto com esses (cinco) oficiais, sob pena de sanções».

Esses dirigentes (Abu Mussa, Abu Majdi, Abu Raad, Mamud Issa e Ziad Al Zugaiar) não eram os únicos organizadores da contestação. A decisão de os neutralizar deve-se ao facto de eles terem muito influentes ao nivel das unidades de base, já que se trata de chefes militares activos, considera-se em Beirute.

Paralelamente, Arafat fez confirmar nas suas funções o coronel Abul Mutassem, que ele próprio designou há algumas semanas para a chefia das forças palestinianas no Líbano. Esse coronel passa por ser pró-egípcio. A sua nomeação constituía uma das queixas da oposição contra Arafat.

Assim, cinco visitas sucessi-

africanos atacaram hoje subúrbio de Matola

mente como retaliação do atentado perpetrado na passada sexta-feira em s armadas sul-africanas atacaram esta madrugada o subúrbio de Matola, Maputo. Entretanto, o ataque sul-africano foi confirmado pelas autorida-as que, no entanto, não adiantaram o número de baixas e feridos.

desta incursão radicam no apoio que a República Popular de Moçambique tem vindo a prestar «aos terroristas do ANC». Segundo o ministro da Defesa do regime racista de Pretória, os alvos principais, para além da base de mísseis, terão sido bases da ANC, nomeadamente o quartel-gelenral da organização e o centro de treino dos nacionalistas.

Este ataque é o segundo lançado desde 1981 e surge depois do segundo encontro, realizado a 4 de Maio no posto fronteiriço de Komatipoort, entre delegados governamentais de Maputo e Pretória.

Remodelação em Maputo

O presidente Samora Machel anunciou no passado sábado, durante um comício na capital moçambicana, uma remodelação do Governo de Maputo.

Perante muitos milhares de pessoas, o presidente Machel anunciou que Armando Guebuza substitui Mariano Matsinhe no Ministério do Interior. Por sua vez, Matsinhe passa a chefiar o Ministério da Segurança, da anterior responsabilidade de Jacinto Veloso e Óscar Monteiro. Este último substitui, por fim, Teodado Hunguana à frente do Ministério da Justiça.

Samora Machel anunciou por outro lado, que todos os ministérios serão «mexidos», reforçando-os com veteranos da luta de libertação. No âmbito de uma profunda remodelação que a Frelimo vai operar no país, os distritos serão reforçados com quadros que estão no aparelho do Estado.

Ainda no capítulo das medidas internas, o presidente moçambicano revelou a decisão de expulsar todos os desempregados e marginais das cidades e enviá-los para os seus distritos de origem onde, segundo os planos das autoridades, serão envolvidos em actividades produtivas. Estas medidas, que surgem na sequência do IV Congresso da Frelimo, serão completadas pela redução drástica do número de funcionários do Estado, ligando-os a outras actividades mais rentáveis e produtivas.

Por fim, o dirigente moçambicano apresentou meia centena de indivíduos pertencentes ao autodeniminado Movimento Nacional de Resistência (MNR). Depois de considerar que nos últimos quatro meses as forças armadas de Moçambique capturaram 350 rebeldes, e centenas de armas, o que se traduziu na «perda de terreno das acções dos bandos armados», Machel apresentou os prisioneiros.

Entre eles, encontrava-se Peter Benjamim Schoeman, que numa recente entrevista à televisão experimental moçambicana admitiu ter sido enviado pelos serviços secretos de Pretória para assassinar o chefe de Estado e desenvolver actos de sabotagem no país.

Ontem à noite

ta atentados na Córsega

Nacional da Corsega (FLNC), são as mais importantes desde o princípio do ano. No passado mês de Abril, tinham-se registado duas vagas de atentados, uma em Ajaccio (Ocidente da Córsega) e outra em Paris e em duas cidades do Sul da França (Marselha e Aix-En-Provence). Desde o princípio deste ano, foram perpetrados na Córsega 241 atentados.

Em panfletos deixados nos locais dos atentados, a organização (dissolvida) recorda as «urgentes medidas de descolonização expressas pela primeira vez no passado dia 27 de Janeiro» e afirma que a FLNC continuará na ilha enquanto restar um sopro de vida ao povo histórico corso».

Segundo a FLNC, estas medidas são o reconhecimento do povo corso, a dissolução da assembleia corsa, o alargamento das competências, incluindo designadamente, uma «corsização» dos empregos, a partida dos funcionários continentais (franceses), o ensino da língua corsa, a partida da Legião Estrangeira, (força de intervenção estacionada na ilha) e a dissolução das forças de repressão.

Seja como for, esta vaga de atentados que volta a abalar a Córsega constitui uma advertência antes da visita que o chefe de Estado francês, François Mitterrand, deve efectuar à ilha nos próximos dias 13 e 14, pensa-se nos meios nacionalistas.

Pouco depois dos primeiros atentados, foi desencadeada uma vasta operação policial – indicaram as autoridades.

Os gendarmes procederam a numerosas buscas e a várias interpelações, cujo número não foi indicado.

Por agora

minou dissidência nas fileiras da Fatah

vas de Arafat à planície central da Bekaa (Líbano), pela primeira vez desde a evacuação de Beirute pelos combatentes em Setembro de 1982, não parecem ter conseguido resolver «democraticamente» as divergências da oposição. – refere o jornalista Muna Nabaa, da AFP.

No conjunto este é representada pelos quadros «puros e duros» do Fath, que desde há vários meses tinham adoptado uma atitude muito crítica para com a política da direcção histórica do movimento, soube-se em Beirute.

Esses dirigentes já eram hostis à evacuação de Beirute depois da invasão israelita no Verão passado. Opuseram-se à dispersão das forças da OLP em diversos Estados árabes, sublinhando a necessidade de as dirigir todas para a Síria, a fim de preparar uma nova etapa da luta contra Israel.

De resto, todos esses dirigentes escolheram mais tarde a Síria como seu destino os dissidentes temiam que Arafat cedesse à Jordânia um mandato para falarem nome do povo palestiniano.

A posição adoptada por esses quadros está de harmonia com a da Síria, cujas divergências com Arafat acabam de ser apaziguadas após o encontro entre o presidente sírio e o chefe do Comité Executivo da OLP, há cerca de quinze dias em Damasco.

Assim, as decisões tomadas pelo Comité Central do Fatah não permitem prever o futuro, já que esses quadros beneficiam ainda de grande influência junto dos combatentes de base» no Líbano.

Por outro lado, o líder da OLP, Yasser Arafat, denunciou as intenções de alguns Estados árabes de provocarem a revolta de grupos dissidentes da sua organização.

"Não" aos Pershing-2

Helmut Schmidt acusa os EUA de não negociarem seriamente

O antigo chanceler alemão ocidental, Helmut Schmidt, declarou estar convencido de que os Estados Unidos não negoceiam seriamente sobre os «euromísseis», em Genebra, numa entrevista, ontem publicada, pelo «Washington Post».

«Não estou convencido de que eles (os americanos) estejam a negociar seriamente, mas ainda estão a tempo de o fazer», disse.

Schmidt, entrevistado pela presidente do jornal, sr.ª Katherine Graham, e por um correspondente em Bona, declarou que o Governo americano tem de manifestar boa-fé antes que ele (Schmidt) aprove a instalação dos mísseis americanos na Europa.

Criticou as hesitações da política externa americana durante os oito anos e meio do seu mandato de chanceler e disse que «nunca houve tanta negligência pela participação europeia na Aliança Atlântica como sob os presidentes Carter e Reagan».

O antigo chanceler deu, como exemplo, o embargo decretado contra o gasoduto euro-siberiano («fomos informados pela Imprensa»), o embargo cerealífero e o boicote dos Jogos Olímpicos de 1980. «Essas acções são testemunho da enorme negligência pela Aliança Atlântica», disse.

Referindo-se ao projecto de acordo americano-soviético, sobre os «euromísseis», esboçado no Verão passado em Genebra, pelos negociadores Paul Nitze e Yuli Kvitsinsky, posteriormente rejeitado por Washington e Moscovo, incidindo sobre um limite de 75 mísseis de cruzeiro, contra 75 SS-20, Schmidt disse: «Nunca fui informado da repudiação desse projecto... esse era, totalmente, aceitável para o meu país e para o Ocidente».

Schmidt teme que a possibilidade de conseguir um compromisso sobre a questão dos «euromísseis» tenha sido perdida: «Não é demasiado tarde, mas a probabilidade é fraca». «Nós, europeus, queremos cooperar com os soviéticos, sobretudo quando se trata de redução de armamentos», acrescentou. Também declarou que nenhum Governo europeu rejeita a noção de desanuviamento («Um palavrão em certos círculos americanos, mas um vocábulo oficial da NATO»).

Segundo Schmidt, o melhor meio para combater a influência soviética é utilizar a prosperidade ocidental para ajudar as economias dos países em vias de desenvolvimento.

Enquanto isto, segundo o semanário «Der Spiegel», o ex-chanceler Helmut Schmidt já não considera indispensável a implantação prevista para este Outono, de 108 mísseis «Pershing-2» na RFA.

O semanário alemão cita, na sua última edição, declarações de Schmidt, co-autor da dupla decisão da NATO em 1979, proferidas na conferência «Shapex», que reuniu no princípio do mês altos responsáveis da NATO em Mons (Bélgica).

O ex-chanceler explicou nessa reunião que a colocação na RFA dos mísseis «Pershing-2», «tão receados pelos soviéticos devido ao seu tempo de voo particularmente breve, já não é neste momento absolutamente indispensável. Acrescentou que a única soluçao possível nas negociações de Genebra é a que Paul Nitze (chefe da delegação americana em Genebra) e Yuli Kwizinski (URSS) evocaram em Julho de 1982: se a URSS concordar em reduzir substancialmente os seus mísseis «SS-20» apontados para a Europa, os Estados Unidos poderiam renunciar à implantação dos «Pershing-2» na RFA e estacionar na Europa menos mísseis de Cruzeiro em relação ao que está previsto (75 em vez de 464).

Ainda de acordo com «Der Spiegel», Helmut Schmidt receando uma oposição cada vez mais maciça à estratégia da dissuasão nuclear, preconizou na mesma conferência uma melhoria das forças convencionais, com particular incidência nas forças reservistas.

Por sua vez, o Presidente da Conferência Episcopal Alemã, cardeal Hoeffner, classificou o equilíbrio nuclear entre os dois blocos como perigoso e frágil.

O perigo não vem só de ataques calculados como também de erros de cálculo ou de acções de tipo irracional, acrescentou o cardeal na sua homilia na Catedral de Colónia.

«Todos viajamos no mesmo barco», acrescentou, «e a bordo vão irmãos desavindos e providos de armas que não só podem destruir o rival como afundar o barco».

Alarmantes

O Partido Social Democrata alemão classificou de «alarmantes» as declarações do ministro da Defesa, o democrata-cristãoWoerner, que afastou a hipótese de se alcançar uma «solução intermédia» em Genebra.

O porta-voz social-democrata, Clement, acusou Woerner de falar com o secretário da Defesa norte-americano e perguntou se o seu objectivo não será o de preparar psicologicamente a opinião pública alemã para uma próxima instalação dos novos euromísseis.

Por outro lado, o grupo parlamentar social-democrata pediu explicações ao governo federal sobre preparativos que, aparentemente, já foram iniciados nas bases destinadas aos euromísseis americanos, antes mesmo de terminarem as negopciações de Genebra.

Segundo o semanário «Der Spiegel», técnicos norte-americanos trabalham já nas instalações eléctricas das futuras bases o que, segundo a oposição social-democrata, viola os compromissos assumidos pela República Federal da Alemanha.

Proposta dos EUA

O semanário «Newsweek» anuncia, no seu último número, com data de 30 de Maio, estar habilitado a anunciar que os Estados Unidos tencionam propor dentro em breve à URSS, a limitação a 300 do número das ogivas SS-20 soviéticas apontadas para a Europa, assim como dos Pershing e dos Cruise, que a NATO tenciona instalar.

O semanário afirma também que o megociador americano Paul Nitze, nas conversações a respeito dos «euromísseis» agora reatadas em Genebra, vai tentar reatar a prática, com o seu interlocutor soviético, Yuli Lvitsundky, prática que se começou a aplicar no último Outono.

Acções pacifistas

Um abaixo-assinado exigindo o desmantelamento da base militar norte-americana de Saragoça (Espanha) recolheu mais de 700 mil assinaturas, informou a organização Pela Paz e o Desarmento.

A campanha para o desmantelamento daquela base militar estrangeira, que decorre já há vários meses, encerra-se no próximo dio 29 com uma «ponte pela Paz», que reunirá Saragoça à base através de um cordão humano de 14 quilómetros de comprimento.

Um comunicado emitido pela organização afirma que «esta é uma ponte pela paz, uma ponte para o futuro, que ansiamos livre de ameaças, e a base norte-americana é o símbolo da insensatez armamentista actual».

Enquanto isto, em Palermo (Sicília, Itália) começou ontem a Marcha da Paz e Contra os euromísseis que irá percorrer a Itália de Sul a Norte, até chegar a Genebra no dia 27.

A caravana automobilística, que atravessou ontem o Estreito de Messina, deixou Palermo, no meio de manifestações em que participaram figuras regionais de várias tendências políticas.

A marcha foi organizada pela Associação Cristã dos Trabalhadores Italianos, tendo em vista pedir aos Estados Unidos e à União Soviética que se comprometam a terminar rapidamente as suas conversações sobre os «euromísseis».

Outros dos objectivos da marcha é a não instalação de 112 mísseis Cruise previstos para Comiso (Sicília).

Os organizadores da marcha obtiveram a promessa dos embaixadores norte-americano e soviético de serem recebidos no próximo dia 27 pelos negociadores de ambos os países, em Genebra (Suíça).

Em Potsdam (RDA) mais de 250 mil jovens participaram ontem num comício de apoio às propostas de desarmamento do Pacto de Varsóvia.

O chefe de Estado da República Democrática da Alemanha disse no comício que a concentração visará «impedir a guerra nuclear, garantit a Paz e o fortalecimento do socialismo, e demonstrar aos movimentos pacifistas e também aos pomotores da guerra a importância que a juventude soclaista atribui à Paz».

Segundo a ADN, na manifestação participaram jovens de 19 países socialistas

Num documentoi aprovado na concentração é afirmado que «na Europa não houve guerra nos últimos 38 anos, graças ao socialismo».

JOGOS DE MAPLES
SOFÁS-CAMA
COMPRE NO FABRICANTE
A PRONTO OU PRESTAÇÕES
MÓVEIS JORGE
Av. Almirante Reis, 35 (defronte à Igreja dos Anjos)

BENELUX
PARIS E VALE DO RENO
MARAVILHOSA EXCURSÃO A 5 PAÍSES
BÉLGICA • HOLANDA • LUXEMBURGO • ALEMANHA • FRANÇA
AVIÃO E AUTOPULLMAN
8 DIAS PARTIDAS 2 E 9 DE JUNHO
TODAS AS QUARTAS FEIRAS de 6 JULHO a 24 SETEMBRO
INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES
PEÇA-NOS PROGRAMA DETALHADO
DESDE 1840 abreu
LISBOA · Avenida da Liberdade, 160 Tel. 371341
LISBOA · Avenida de Roma, 66 · B Tel. 803609
ALMADA · Rua de Olivença, 9 · C Tel. 2756272
PORTO · BRAGA · COIMBRA · FARO · PORTIMÃO · FUNCHAL

Auto-férias
VIAJE NO SEU AUTOMÓVEL
CONFIANDO-NOS A RESERVA DO SEU ALOJAMENTO
Algarve * Benidorm
Costa del Sol
8 OU 15 DIAS
APARTAMENTOS
HOTÉIS
VIVENDAS
PRAIAS
INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES
DESDE 1840 abreu
LISBOA Avenida da Liberdade, 160 Tel 371341
LISBOA Avenida de Roma, 66 B Tel 803609
ALMADA · Rua de Olivença, 9 C Tel. 2756272
PORTO · BRAGA · COIMBRA · FARO · PORTIMÃO · FUNCHAL

exclusivo

Cimeira de Williamsburg

Cepticismo sobre a "cimeira dos sete"

■ José António Vera □ IPC

PARIS, – Apenas a duas semanas da nova conferência de alto nível dos enviados dos sete países industrializados mais poderosos do Ocidente, aumenta o cepticismo dos analistas quanto à possibilidade de a reunião de Williamsburg, na Virgínia, contribuir com fórmulas de solução para a crise mundial.

A sessão do Conselho Ministerial da Organização de Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE), agora concluída em Paris, representou uma esperança de conhecimento de propostas capazes de alcançar a coordenação dos esforços mundiais em busca de saídas para a crise.

Mas, ao fim de dois dias de trabalho, neste vigésimo segundo encontro, na sede central do organismo, em Paris, as posições de alguns países da Europa do Japão e dos Estados Unidos continuaram a mostrar divergências.

A economia e a estratégia política continuam a dominar as discussões das potências ocidentais, tal como já sucedera em Ottawa em fins de 1981, e em Versailles, no ano passado, entre os representantes dos Estados Unidos, Canadá, França, Itália, Alemanha Federal, Inglaterra e Japão.

Os 50 ministros dos 24 países da OCDE e dos 21 governos que fazem parte da Agência Internacional da Energia (AIE), reunidos agora na capital francesa, também confirmaram essas divergências.

O maior e inequívoco sinal do desacordo foi o discurso pronunciado pelo presidente François Mitterrand, ao receber os chefes das delegaçês da OCDE.

O dirigente francês propôs um novo «Bretton Woods», a célebre conferência monetarista dos aliados ocidentais de Julho de 1944, que na opinião do estadista se deveria adaptar à realidade actual, para fazer nascer um novo sistema monetário internacional que ponha fim ao predomínio do dólar sobre as demais moedas do Ocidente industrializado.

Mitterrand, disse, em tom severo, que vários comentários da Imprensa classificaram come «alta pedagogia», que «ou somos capazes de chegar a acordo para sair da crise ou afundamo-nos todos, pois não há solução para nenhum país isolado».

Num «sério processo de reflexão» – como o classificou o vespertino «Le Monde» – Miterrand, propôs que se realizasse «uma conferência monetária ao mais alto nível no seio do Fundo Monetário Internacional».

O chefe do Estado francês, foi ainda mais longe, fustigando as atitudes de egoísmo e as pretensões de desviar o centro das preocupações, em clara referência aos propósitos dos Estados Unidos de fazer do diálogo ocidental uma plataforma de acção contra a União Soviética.

Os representantes dos Estados Unidos na OCDE e na AIE voltaram a mencionar prioritariamente, nas duas reuniões ministeriais de Paris, o confronto leste-oeste.

A essa atitude se opuseram, em primeiro lugar, a Alemanha Federal, e o Japão, que têm outras ópticas, tão-pouco convergentes, mas menos distantes entre si que da dos Estados Unidos.

Num primeiro momento, o secretário de Estado do Tesouro, norte-americano, Ronald Reagan, decidiu convidar para cear num luxuoso restaurante da região oeste de Paris, os seus colegas dos outros seis países que participarão na conferência de 28 e 30 de Maio na colonial Virgínia.

Esse facto foi considerado como uma grosseria pelo ministro francês Claude Cheysson, que logo anunciou que não compareceria, recebendo aplauso unânime da Imprensa e de muitos sectores da oposição que perguntaram desde quando o estranho convida o dono da casa.

Os ministros da Economia, Jacques Delors, e do Comércio Externo, Edith Cresson, seguiram Cheysson e foram imitados pelos chefes das delegações da Alemanha Federal e do Japão que teriam resolvido fazer-se representar por funcionários inferiores.

Presumivelmente aconselhado pelo Secretário de Estado, George Shultz, depois de ter sido recebido por Mitterrand, Ronald Reagan corrigiu-se à ultima hora e resolveu alargar a ceia aos representantes dos países de moeda forte, isto é, da Suíça e da Holanda.

Na opinião de certos observadores dos conciliábulos da reunião da OCDE, se os governos europeus não tomam uma atitude mais dura para com a administração de Ronald Reagan, é porque ainda alimentam algumas esperanças de poder estar realmente a operar-se uma recuperação económica nos Estados Unidos, da qual não desejam ficar excluídos.

Além disso, no fundo, o que faz aumentar as desavenças entre as potências de ambos os lados do Atlântico, seriam, mais que o conteúdo político, os métodos aplicados pela Casa Branca na sua política internacional.

Segundo meios próximos de Mitterrand, este teria declarado há poucos dias que não aceitaria na conferência de Williamsburg, a ideia de Reagan de fazer reunir, no final da Cimeira, os sete representantes, acompanhados, cada um, apenas de um perito, pois isso só serviria para discutir as «últimas vírgulas de um comunicado antecipadamente redigido».

Essas mesmas fontes deixam entrever que, se o mal-estar se não manifesta mais fortemente, é porque a França preside a uma comissão do FMI, especializada nos fundos do desenvolvimento e que está estreitamente ligada ao «Terceiro Mundo», que é objecto de especial atenção do actual governo francês.

Em relação ao dólar, a Alemanha Federal aproximar-se-ia da posição da França, sem discursos públicos mas com medidas eficazes – como a de há poucos dias, quando lançou 400 milhões no mercado internacional, de câmbios no fito de forçar uma baixa na cotação da moeda norte-americana.

Outro ponto de permanente divergência entre Paris e Washington é o da política internacional, particularmente nas relações com os países do leste europeu e do «Terceiro Mundo», e entre estes muito especialmente os da América Central e da África Austral.

A França apoia a Nicarágua; e os Estados Unidos apoiam os regimes das Honduras, e do Salvador, contra as posições do México, do Panamá da Venezuela, da Colômbia e da Bolívia, que coincidem com a de Mitterrand nesse aspecto.

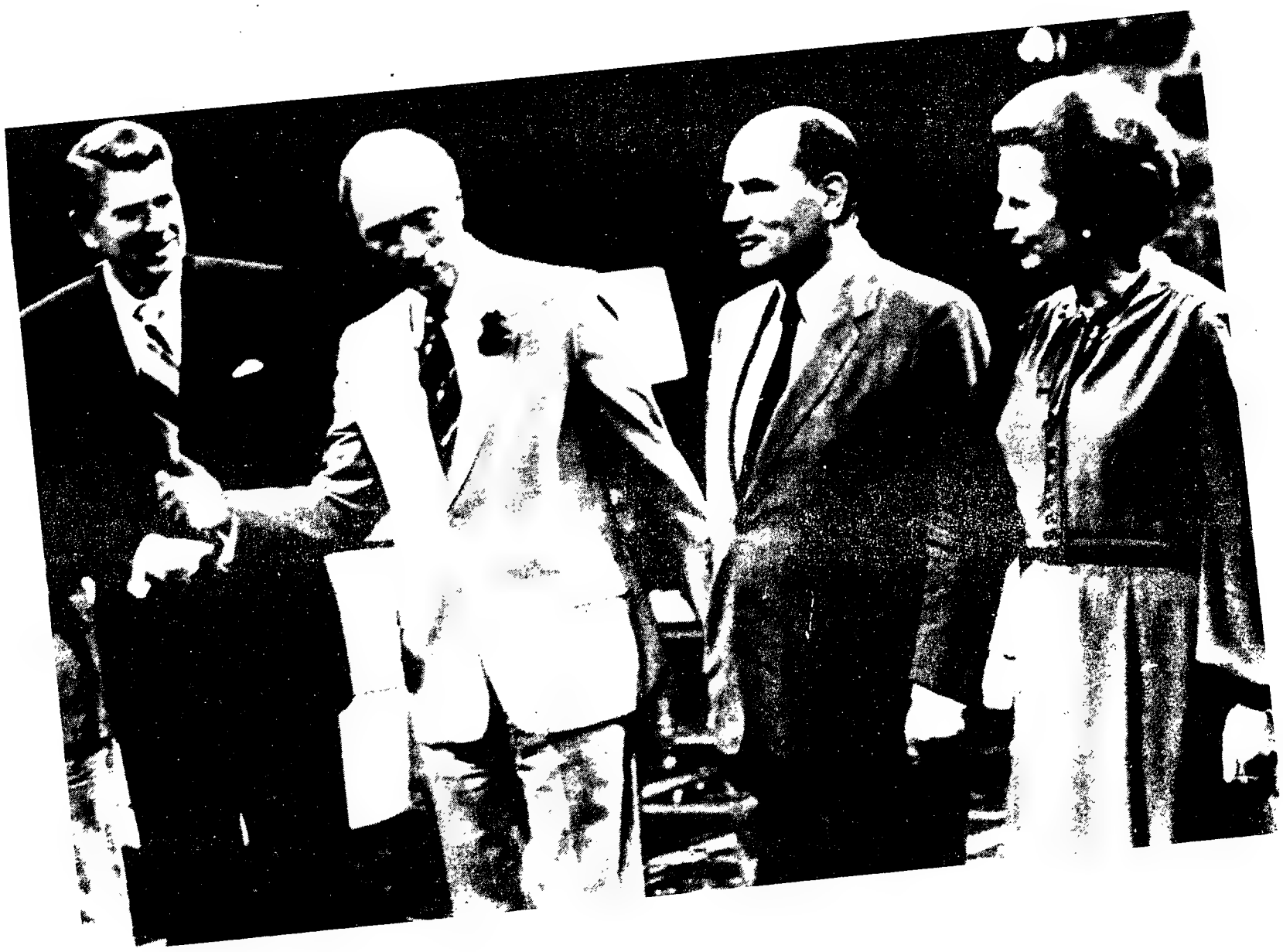
O desacordo nesse plano aprofundou-se a respeito do problema da Namíbia, ilegalmente ocupada pelo exército sul-africano há 60 anos, contra as resoluções da comunidade internacional.

A Assembleia Geral da ONU declarou que as Nações Unidas são o único organismo que possue mandato legal para administrar aquele país do extremo sudoeste do continente africano, mas a África do Sul teima na ocupação com não poucas cumplicidades em vários governos ocidentais.

Na conferência sobre a Namíbia, agora realizada na sede da UNESCO, a França distanciou-se claramente da posição dos Estados Unidos, ao declarar que a presença cubana em Angola é um problema separado do da Namíbia.

Isso veio confirmar um desacordo conhecido, mas que, tal como outros, motivos de «alta política» levam por vezes a ocultar. ■

Helmut Kohl, chanceler da Alemanha Federal



Alguns dos representantes dos países industrializados mais poderosos do Ocidente: Estados Unidos; Canadá; França e Grã-Bretanha.

DESPORTO

Divisão 3

Cinco treparam

Resultados dos encontros da 28.ª jornada do Campeonato da 3.ª Divisão, na Série A: Limianos - Aves, 0-1; Vianense - Valenciano, 1-0; Cabeceirense - Merelinense, 3-0; Mirandela - Moreirense, 0-0; Coelima - Macedo de Cavaleiros, 0-1; Fafe - Ponte da Barca, 4-1; Monção - Neves, 3-0; Martinho - Felgueiras, 1-0. Líder: Fafe, 43 pontos.

Série B: C. D. José Alves -Valadares, 1-1; Marco - Lixa, 3-1; Vila Real - Paredes, 1-1; Paços de Brandão - Ribeirão, 0-3; Infesta - Esmoriz 1-1; Vilanovense - Lamego, 2-0; Amarante - Tirsense, 1-1; União de Lamas - Ermesinde, 3-1. Líder: Tirsense, 39 pontos.

Série C: Lusitano de Vildemoínhos - Viseu e Benfica, 1-0; S. C. Barco - Mangualde, 2-1; S. Romão - Tondela, 1-0; Quiaios -Poiares, 0-1; Ovarense - Naval, 2-1; Penalva do Castelo - Seia, 6-2; Mealhada - Esperança, 3-0; Guarda - Alcains, 5-0. Líder: Guarda, 42 pontos.

Série D: União de Santarém -Marinhais, 2-0; Marinhense -União de Tomar, 0-0; Bombarralense - Pombal, 6-1; Nisa e Benfica - Atouguiense, 1-1; Alvaiázere - Portalegrense, 0-5; Alferrarede - Caldas, 4-1; Torres Novas - S. L. Marinha, 0-2; Almeirim - Cartaxo, 3-1. Líderes: Caldas e Tomar, 39 pontos.

Série E: S. L. Olivais - Sintrense, 0-0; Montijo - Vilafranquense, 2-0; Santa Clara - Lusitania, 4-0; Tires - Cacém, 2-0; Estrela da Amadora - Campomaiorense, 0-0; Oriental - Os Oliveirenses, 8-0; Vialonga - Coruchense, 3-1; Pêro Pinheiro - Olivais e Moscavide, 1-1. Leader: Estrela da Amadora 38 pontos.

Série F: Despertar - Almada, 0-9; Comércio e Indústria - Pescadores, 2-2; Quarteirense - Silves, 0-0; Lusitano de Vila Real -Esperança de Lagos, 1-0; Campinense - Louletano, 0-0; Santiago do Cacém - Alvorense, 0-0; Trafaria - Seixal, 1-0; Estrela de Vendas Novas - Moitense, 3-2. Leader: Esperança de Lagos, 43 pontos.

Está garantida a subida para cinco das 12 equipas que podem saltar de escalão: Fafe, Tirsense, Guarda, Naval. 1.º de Maio, e Esperança de Lagos. Descem (já confirmado) para os distritais: Neves, Coelima, Vila Real, Alvaiazere, Pombal, Cartaxo, Pêro Pinheiro, Oliveirenses e Desportivo de Beja.

Sporting: cumprir

O Sporting bateu o Estoril por 3-0. Com os «leões» firmes no 3.º lugar da classificação, mas com o Estoril ainda em riscos de cair na zona de despromoção, o jogo arrastou-se por toda a 1.ª parte, sem chama e com um futebol tipo fim de estação, especialmente da parte da equipa «canarinha». Nem mesmo o golo de Oliveira (com que foi aberto o marcador) de alto índice técnico, serviria para fazer vibrar os adeptos da equipa da casa.

A 2.ª parte em pouco diferiu da inicial, pois nem mesmo as substituições operadas nas duas equipas fizeram melhorar o futebol que se estava a praticar. O Sporting, contudo, venceria com a maior justiça, pois além dos três golos marcados ainda se poderá queixar da falta de sorte, especialmente numa bola de Jordão à base do poste da baliza à guarda de Manuel Abrantes, que levava o rótulo de golo.

Sob arbitragem de Manuel Abreu (de Santarém) que mostrou o cartão vermelho a Pedro Xavier (que estava no banco estorilista) e o amarelo a Manaca, José António, Teixeirinha, Vieirinha e Garcês, as equipas alinharam:

Sporting: Meszaros; Carlos Xavier, Kikas, Zezinho e Mário Jorge (Ademar, 59); Festas (Nogueira, 70), Lito e Kostov; Manuel Fernandes, Oliveira e Jordão.

Estoril: Manuel Abrantes; Teixeirinha, José António, Manaca e Hélio (Garcês, 47); Vitinha, Vieirinha e Isidro; José Abrantes, Vítor Madeira e Diamantino (Ernesto, 45).

Manuel Fernandes: o disparo do «capitão»

Xavier: o estorilista sai expulso do banco dos suplentes

Râguebi vence suecos

Portugal assegurou a sua permanência no Grupo B do Campeonato da Europa de Râguebi, ao vencer a Suécia, em Lisboa, por 17-9. Ao intervalo, Portugal vencia já por 7-3 através de um pontapé de penalidade transformado por Domingos Megre e de um ensaio de Carlos Moita. Na 2.ª parte, Pedro Ferreira passou o resultado para 11-3, através de um ensaio e, minutos depois, um ensaio de Bernardo Marques Pinto (com posterior transformação de Domingos Megre) colocou Portugal a ganhar por 17-3. Nos últimos minutos da partida, a Suécia, através de dois pontapés de penalidade, fixou o resultado em 17-9. A classificação do Grupo B ficou assim ordenada: 1.º, Polónia, 10 pontos; 2.º, Espanha, 10; 3.º, Portugal, 8; 4.º, Holanda, 8; 5.º, Suécia, 3

Maria João Lopes: máximo dos 200 m

A atleta benfiquista Maria João Lopes estabeleceu novo recorde nacional dos 200 metros, durante uma prova realizada na pista das Açoteias. Maria João correu o duplo hectómetro em 23,9 segundos, retirando, assim, um décimo de segundo ao anterior recorde, que ela própria estabelecera há, exactamente, um ano.

José Pinto: de 1.ª

José Pinto (Belenenses) voltou a fazer os mínimos europeus e olímpicos de marcha atlética. O recordista nacional da especialidade fez, agora, 1.27,51, ao vencer os 20 quilómetros do Quarto Grande Prémio de Marcha Atlética, do Belenenses, que este clube levou a efeito na zona do Restelo. Classificação dos primeiros: 1.º, José Pinto (Belenenses), 1.27,51; 2.º, Hélder Oliveira (Olhanense), 1.39,05; 3.º, Jorge Esteves (Belenenses), 1.40,00; 4.º, Carlos Albano (Urgeiriça), 1.40,50; 5.º, Manuel Piteira (Belenenses), 1.48,14. O Belenenses ganhou por equipas, seguido do Santa Iria e do A. D. Oeiras. A prova feminina, na distância de 5000 metros, foi ganha por Fátima Batuca (Oeiras).

Lagos - Portimão

A equipa «A» do Portimonense, venceu a estafeta de atletismo disputada entre Lagos e Portimão. A equipa vencedora da prova (organizada pelo Rotery Clube de Portimão), cobriu os 21 600 metros do percurso no tempo de 1.09,17.

Nas 2.ª e 3.ª posições classificaram-se as equipas do Esperança de Lagos, com 1.09,50, e do Grupo Desportivo Amador de Lagos, com 1.10,02.

Divisão 2

Oito em queda livre

Resultados dos encontros a contar para a 28.ª jornada do campeonato de futebol da 2.ª divisão, na Zona Norte: Leça-Valonguense, 1-2; Lourosa-Sanjoanense, 0-0; Valdevez-Feirense, 1-0; Bragança-Gil Vicente, 0-2; Famalicão-Riopele, 1-1; Vizela-Chaves, 3-0; Leixões-Penafiel, 3-0; Paços de Ferreira-Oliveirense, 10-1. Classificação: Penafiel, 39 pontos; Leixões e Paços de Ferreira, 35; Vizela, 34; Chaves, 33; Sanjoanense, 30; Feirense, Famalicão, Riopele e Gil Vicente, 29; Valdevez, 28; Lourosa e Valonguense, 27; Oliveirense, 16; Leça, 15; Bragança, 13.

Zona Centro: Benfica de Castelo Branco-Torriense, 1-1; Rio Maior-Anadia, 3-0; União de Coimbra-Águeda, 0-0; Estrela de Portalegre-Estarreja, 5-0; Peniche-Nazarenos, 5-2; Beira Mar-Académico, 3-2; Oliveira do Bairro-União de Leiria, 0-1; Académico de Viseu-Covilhã, 1-3. Classificação: Académico, 44 pontos; Águeda, 43; União de Leiria, 41; União de Coimbra, 30; Beira Mar, 28; Rio Maior, 27; Benfica de Castelo Branco, Académico de Viseu, Torriense e Peniche, 26; Anadia, 25; Covilhã, 24; Estrela de Portalegre, 23; Oliveira do Bairro, 20; Estarreja, 19; Nazarenos, 18.

Zona Sul: Sacavenense-Odivelas, 1-0; Barreirense-Juventude de Évora 2-0; Olhanense-União da Madeira, 1-1; Elvas-Atlético, 2-0; Belenenses-Vasco da Gama, 0-1; Nacional da Madeira-Farense, 1-2; Lusitano de Évora-Quimigal, 5-1; Cova da Piedade-Sesimbra, 2-0. Classificação: Farense, 45 pontos; Lusitano de Évora, 34; Olhanense, 33; Belenenses, 32; Nacional da Madeira, 31; União da Madeira e Sacavenense, 29; Elvas e Cova da Piedade, 28; Barreirense, 27; Sesimbra, 26; Juventude, 25; Odivelas, 24; Vasco da Gama, 22; Atlético, 20; e Quimigal, 15.

Conclusões que já se podem extrair: Penafiel e Farense estão no escalão superior, na Zona Centro, o Águeda conta menos um jogo que o Académico de Coimbra e estão arrumando as malas para descida automática à 3.ª divisão vários blocos. Por exemplo: Bragança, Leça e Oliveirense (Norte), Nazarenos, Estarreja e Oliveira do Bairro (Centro), Quimigal e Atlético (Sul). Para o torneio de competência são ainda fundamentais as duas rondas que faltam disputar.

Viseu: vida difícil

Cinco mil contos são necessários até final do mês, para que o Académico de Viseu possa sobreviver. Só com esta verba o Académico poderá pagar os ordenados e «luvas» em atraso aos seus atletas e satisfará, igualmente, o pagamento de débitos accionados pelos tribunais.

Voleibol

Benfica destaca-se

O Benfica está a realizar uma excelente prova no nacional da 1.ª divisão masculino de voleibol. Os «encarnados» ao baterem (no sábado) o ISEF e ao beneficiarem da derrota do Leixões (a todos os títulos supreendente) em casa, perante o FC Porto igualaram os leixonenses no 2.º lugar. O caso de evidência da jornada (8.ª) foi indiscutivelmente a vitória dos portistas no Pavilhão Siza Vieira, o que permitiu ao Esmoriz, vencedor facil do Sp. Espinho, isolar-se no comando da classificação.

Na prova feminina (de que se disputaram neste fim-de-semana dois jogos ao Norte) o Leixões e o CDUP bateram facilmente os adversários prosseguindo destacados no comando, em igualdade de pontos.

Resultados no torneio masculino: Nacional de Ginástica-CDUL, 1-3; Benfica-ISEF, 3-2; Esmoriz-SP Espinho, 3-0; Leixões-FC do Porto, 2-3. Feminino: Vitória de Guimarães-Leixões, 0-3 e CDUP-Sp. Espinho, 3-0.

Colectividades

Ginásio Clube do Sul

Como é tradição, através da sua já longa e prestimosa existência, o Ginásio Clube do Sul (colectividade das mais antigas do distrito de Setúbal: 1920-/1983), vai levar a efeito o seu Sarau Anual no próximo dia 4 de Julho, pelas 20 e 30, no Pavilhão da Escola Preparatória D. António da Costa (Almada). Terá lugar a apresentação de todas as actividades (cerca de 1000 participantes), com forte incidência nas mais variadas classes de ginástica, de entre elas a dos campeões nacionais, de 2.ª categoria (colectiva e individualmente), em ginástica desportiva. Não faltarão também modalidades como o halterofilismo, judo, karaté, aikido. A grande festa desta colectividade ao serviço da população de Almada e também o incentivo para arrancar com o grande sonho: as novas instalações do complexo gimnodesportivo do GCS.

Sacavenense

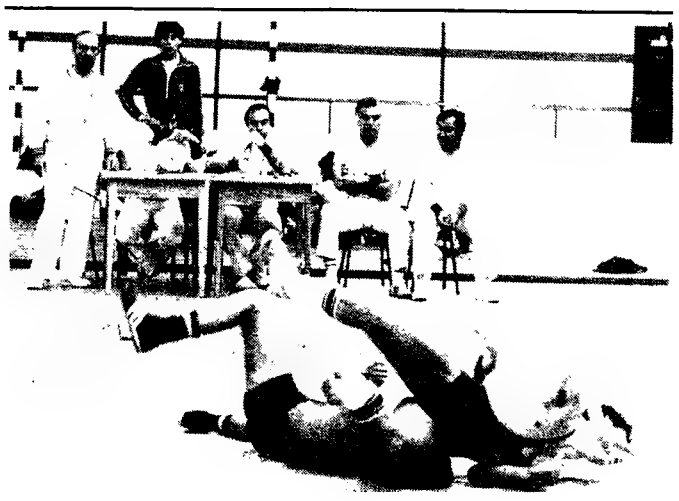
Assembleia geral do Sacavenense a 24 do corrente, pelas 20 e 30, para eleição dos corpos gerentes que vão assumir o comando da colectividade até 1985.

TOTOBOLA a chave

1	Portimonense - Benfica	2
2	Rio Ave - Porto	2
3	Sporting - Estoril	1
4	Amora - Marítimo	2
5	Alcobaça - Guimarães	2
6	Braga - Salgueiros	1
7	Espinho - Setúbal	1
8	Boavista - Varzim	1
9	Vizela - Chaves	1
10	Leixões - Penafiel	1
11	U. Coimbra - Águeda	X
12	Beira-Mar - Académico	1
13	Nacional - Farense	2

Totobola: previsões

Os serviços de escrutínio do Totobola, prevêem de 850 a mil apostas com 13 resultados certos no concurso número 21. Com 12 resultados certos prevêem-se de 25 mil a 30 mil apostas.



Luta entre juniores

O Clube Desportivo de Arroios ganhou a Taça de Portugal de Lutas Amadoras, no escalão de juniores (estilo livre olímpica) que se disputou no Pavilhão do Sporting. O Arroios somou os mesmos 17 pontos que o Sporting, mas conquistou o troféu por ter conseguido mais triunfos individuais. Em 3.º lugar, classificou-se o Casa Pia, com 13 pontos. Vencedores nas diversas categorias: 38 quilos – António Rodrigues (Beira-Mar); 45 – Luís António (Casa Pia); 48 – Marco Santos (Casa Pia); 51 – Rui Ambrósio (Sporting); 55 – Paulo Tomás (Arroios); 59 – José Silva (Arroios); 63 – José Severino (Casa Pia); 68 – José Rafael (Sporting); 73 – Pedro Santos (Arroios); mais de 73 quilos – Carlos Caeiro Arroios). Benfica e Sporting disputam (no próximo sábado) no Pavilhão do Runa, a final da Taça de Portugal (seniores)

DESPORTO

Benfica ganha (1-0) e conquista trono

Portimão:o mar vermelho

Benfica! Benfica! Benfica!

O grito enchia o sol do Algarve: alastrava de Portimão e escorria por Portugal inteiro, depois das passas algarvias terem sido bem amargas para os comandados por Eriksson, que conquistavam «cantos» sobre «cantos» (14 na totalidade) mas viam sempre esmurrar na parede contrária os remates que poderiam abreviar a subida para o trono.

Foi uma longa espera. Tanta que houve muito boa gente que desanimou de tal modo que, roendo as unhas ou baixando a bandeira, já estava de pé na porta quando sucedeu aquele espantoso **tiraço** de Carlos Manuel (uma vez na vida e não mais) a transformar em maré rubra quase tudo o que era plateia. Não a totalidade, claro, porque o espelho do desânimo mais vincado estava em Carlinhos (de mãos na cabeça) e em Damas, que ficou sentado no chão, olhando para a mão que tentara evitar o pior e começava a inchar como fruto de ousadia perante uma **bazucada** a toda a brida.

•

Um golo só: mas que espectáculo! Os jogadores da águia choravam e riam. O fleumático Eriksson dava pulos como um garoto a quem tivessem oferecido o primeiro comboio. De fato clarinho, Nené invadia o palco e quase dançava com Toni. O bom do Hamilton abraçava toda a gente que ia passando pela fronteira. Júlio Borges gaguejava e Fernando Martins tremia tanto que parecia apanhado numa rede de pescador. E (veja-se como foi o delírio) até Stromberg ia fazendo **streap-tease,** para lá conseguir embalar até ao champanhe na cabina, com a trousse, a meia esquerda e, a muito custo, uma bota calçada e outra quase a dois metros de altura, para prevenir qualquer rapto da ferramenta. A miudagem correu a rebolar-se na relva. O pandemónio das rocas, dos foguetes, das serpentinas, dos estandartes, o brilho fantástico de milhares de olhos era de tal monta que parecia termos mergulhado (subitamente) num manicómio de porta aberta. O Benfica conquistava o título, a festa de domingo próximo passa a valer como mero simbolismo da transmissão de poderes mas, para que tudo fosse antecipado para o Algarve, nem queiram saber como se sofreu entre as hostes rubras...

«Tá na hora, tá na hora!»

Stromberg: a «malta» despiu o sueco

•

Com efeito, cedendo voluntariamente o comando ao parceiro, subjugado (embora) à avalancha de «cantos», foi o Portimonense que, na primeira volta do ponteiro, esteve sempre mais perto de rasgar o véu da noiva que Bento encaminhava para o altar. Por três vezes o calafrio secou a garganta dos milhares que tinham marchado à conquista de Portimão: e por outras tantas o sucessivo desalento algarvio ia dando lugar a nova luta, novo cintilar de força, novo atrevimento dos homens optimamente comandados pelo mais «gentleman» dos treinadores portugueses. O homem do pontapé-moinho. Exacto: o senhor Artur Jorge, sem culpa alguma do Portimonense não ter ajudado o Porto a sonhar mais uma semana e que, tal como os seus alunos, bem pode estar de cabeça erguida no momento em que o campeão foi um rio que passou em sua casa.

•

No tempo de complemento (aí, sim) Diamantino desbaratou duas «chances» como já não se usa, apenas explicáveis se o nosso moço tivesse ficado deslumbrado com a oferta em bandeja de ouro, alguma fagulha de céu tivesse grudado o jovem à relva no instante em que todos já gritavam pelo estoiro e Damas era impotente para encontrar a chave. Mas lá chegaria o golo-monumento de Carlos Manuel e, na bancada, todas embrulhadas num abraço, as mulheres dos campeões pareciam um ramo de flores. Lena, Luísa, Iria: Pietra, Alves, Nené. As proles estavam embasbacadas: desde o Hugo ao Sandro, passando pelo Carlos Miguel. A loucura era colectiva: e ninguém sabia se deveria rir à gargalhada se desatar no mesmo convulsivo choro que tomou de assalto o roupeiro benfiquista que, no meio de um mar de malas, nem sequer cuidava de ver se eram camisolas do Portimonense que os seus rapazes traziam sobre o pelo, tudo o que era recordação vermelha a voar pelo estádio fora.

•

Norton tinha atirado à barra. Quaresma e Rodrigues Dias falharam no ponto de bala. Os disparos frouxos de Diamantino também já ficavam sepultados. E a crítica, de braços abertos, saudava a bela lição de arbitragem de Rosa Santos, enquanto já nem queria recordar os mimos trocados entre Chalana e Roçadas, a subtileza de meia-dúzia de frases que acabaram por entrar por um ouvido e sair por outro porque os próprios fiscais de linha não estavam ali para estragar a festa.

Exibições é que ficariam na retina. Carlinhos a «libero», Norton deambulante e matreiro, Roçadas muito assomadiço, Murça cheio de brio, Amílcar com força para dar e vender, Coelho que mais parecia uma gazela. Damas (esse, então) surgia assim a modos que um «boomerang» elástico até dizer **basta**: cada voo era um espanto, cada encaixe mais soberbo. O seu grito a proclamar: Vítor Manuel Damas de Oliveira é, ainda e perante Bento, um homem que não virou vassalo.

•

Por falar em Bento: soberana a sua confiança e a atenção colocada ao pormenor. Pietra simplesmente o melhor da sua esquadra. Humberto sem qualquer erro. Álvaro com uma vontade capaz de remover montanhas. Stromberg correndo como um demónio, mas a atrapalhar-se tanto com a bola que terá de fazer muitas horas de treino suplementar se quizer falar a linguagem de Chalana e seus pares de reino. O **pequeno genial**, na verdade colossal no «drible» e magistral no embuste: complementado no tal meio-campo a que Alves veio dar o toque de classe, mesmo dando de barato que Nené (o perigo sempre latente) já tinha sido trocado por José Luís, o foguetão que entra na carreira de tiro.

Porém, o que interessa é chegar a um único caminho: na sala real, a águia voa como rainha absoluta. Na semana em que fez choramingar, conseguiu tmbém o milagre que só Vasco Santana seria capaz de rubricar. Isso mesmo: uma volta na história e tudo a gargalhar quase fora do mundo.

Neves de Sousa

Carlos Manuel: aí vai disto!

«Venham de lá esses ossos!»

Magnífica arbitragem de Rosa Santos (Beja), que esteve optimamente acompanhado por Francisco Lobo (peão) e Joaquim Rosa (bancada). Cartão amarelo a Rodrigues Dias e Roçadas, Chalana e António Bastos Lopes.

Portimonense: Damas; Carlinhos, Coelho, Quaresma (Murça, 62), Amílcar, Rodrigues Dias, Paulo Rocha, Nelson e Dario; Norton de Matos e Roçadas.

Benfica: Bento; Pietra, Humberto Coelho, António Bastos Lopes, Álvaro, Shéu (Alves, 58); Stromberg, Carlos Manuel, Chalana, Diamantino e Nené (José Luís, 2.ª parte).

Golo de Carlos Manuel, aos 85 minutos.

Benfica campeão e Amora despromovido

O Benfica é o virtual campeão português de futebol da 1.ª divisão, ao vencer (1-0) o Portimonense em jogo da antepenúltima jornada. Com este resultado, o Benfica mantém os quatro pontos de vantagem sobre o 2.º classificado (F. C. Porto) não sendo já possível a esta equipa obter melhor que a sua actual posição na tabela.

De facto, ainda que o Benfica perca os dois jogos que lhe faltam disputar (com o Sporting e o Braga) e o F. C. Porto vença os seus opositores (Amora e Alcobaça) a igualdade que se verificaria na tabela classificativa é desfeita a favor do Benfica, que possui melhor coeficiente de golos nos encontros com o Porto (vitória por 3-1, no Estádio da Luz, e empate 1-1 no Estádio das Antas). Mas não foi só a questão relativa ao vencedor do campeonato que ficou decidida: o Sporting será um dos representantes portugueses na Taça UEFA e o F. C. Porto estará presente na Taça dos Vencedores de Taças já que, na final da Taça de Portugal terá que defrontar o Benfica, o qual irá disputar a Taça dos Campeões Europeus.

Também são já conhecidas duas das três equipas que descem automaticamente ao escalão secundário: Alcobaça e Amora. A equipa que acompanha estas duas à 2.ª divisão poderá sair do grupo formado pelo Marítimo, Espinho e Estoril, sendo também certo que uma delas terá que disputar o Torneio de Competência, juntamente com os segundos classificados das três zonas da 2.ª divisão.

Na jornada de ontem o F. C. Porto venceu o Rio Ave, em Vila do Conde (por 3-0) com um golo de Jacques e dois de Gomes, os quais garantem a este jogador o título de melhor marcador do campeonato e ainda esperanças quanto à conquista da Bota de Ouro, atribuída ao melhor marcador europeu.

O Boavista, com uma ponta final de campeonato empolgante, venceu o Varzim (2-0), enquanto que o Marítimo e o Espinho (duas das equipas em situação difícil) obtiveram preciosos triunfos: o Marítimo venceu o Amora (2-1) no terreno deste, e o Espinho ganhou por igual marca ao Vitória de Setúbal. O Alcobaça foi vencido no seu terreno (0-1) pelo Guimarães com esta equipa a pensar numa competição europeia na próxima época. O Sporting não encontrou dificuldades para vencer o Estoril (3-0) no Estádio de Alvalade, enquanto que o Braga ganhou, por igual marca, ao Salgueiros.

História

Resultados dos encontros a contar para a 28.ª jornada do campeonato de futebol da 1.ª divisão: Portimonense - Benfica, 0-1 (0-0 intefvalo); Rio Ave - FC Porto, 0-3 (0-2); Sporting - Estoril, 3-0 (2-0); Alcobaça - Guimarães, 0-1 (0-0); Braga - Salgueiros, 3-0 (1-0); Boavista - Varzim, 2-0 (1-0); Espinho - Setúbal, 2-1 (1-0); Amora - Marítimo, 1-2 (0-2).

A seguir

O encontro Benfica - Sporting na Luz, será, sem dúvida, o de maior cartaz, na penúltima jornada do «Nacional» da 1.ª Divisão, a realizar domingo (dia 29) e que engloba mais os seguintes: Rio Ave -Varzim, F. C. do Porto-Amora, Marítimo - Alcobaça, V. Guimarães - Portimo-

Continua na pág. 17

DESPORTO

Rio Ave, 0-Porto, 3

"Rei" Gomes selou o êxito

Na sequência das exibições que tem vindo a realizar nesta fase final do campeonato, o FC Porto voltou a impressionar muito favoravelmente, ontem, à tarde, em Vila do Conde, onde, a par dos golos, apresentou alguns esquemas que ficaram a atestar o bom momento de forma da maioria dos seus jogadores. Saliência especial para Gomes, que somou mais dois tentos à sua conta-corrente, estando agora em excelente posição para «calçar» a «bota de ouro» dado o facto de os seus adversários mais directos , Houtman (do Feyenoord) e Nicolas (do Celtic) já terem terminado os respectivos campeonatos.

O resultado, ainda que um pouco volumoso, espelha exactamente o modo como as coisas se passaram, uma vez que os portistas foram sempre mais objectivos do que os vila-condenses, pese embora a circunstância de o terreno ser «pelado» e dos parceiros estarem a jogar em «casa». Cedo, aliás, se viu que os «azuis e brancos» estavam com «veia»: iam decorridos apenas sete minutos de jogo quando Jacques abriu o activo, aproveitando o excelente passe de Gomes e, também, o falhanço de Santos, um dos «centrais» adversários que ontem não devia ter saído de casa...

Inteligentemente, os pupilos de Pedroto não embandeiraram em arco. Com os ouvidos em Portimão e os olhos bem arregalados, os portistas esperaram pacientemente que os vila-condenses procurassem o golo da igualdade e assim abrissem um pouco mais o seu «leque» defensivo. Foi o que aconteceu, mesmo sobre a hora de baixar o pano para o intervalo, na sequência de nova «fifia» de Santos, muito bem aproveitada por Gomes que, naturalmente, vibrou com a benesse caída do céu.

Com dois tentos à maior, o FC Porto experimentou algumas dificuldades no período complementar, mormente entre os 60 e os 75 minutos, quando os locais jogaram tudo por tudo para diminuírem o avanço do adversário. Todavia, nos momentos cruciais, os vila-condenses não foram tão expeditos como deviam ou, pelo menos, não contaram com a organização da defensiva «azul e branca», pelo que ficaram esgotados sem verem coroados de êxito os seus esforços. Recordamos, a propósito, o lance que ocorreu aos 65 minutos: na sequência de um pontapé de canto, Pires ficou com a baliza contrária à mercê, mas o remate do «ponta-de-lança» de Vila do Conde acabou por esbarrar numa das pernas de Eurico que, na circunstância, substituiu o guardião Zé Beto.

E tal como havia acontecido no primeiro tempo, foi o FC Porto que, sem pressas, mas executando fielmente um plano pre-concebido, colheu os «frutos» mais saborosos, traduzidos em mais um golo de Gomes, desta feita a «convite» do seu colega de equipa Jaime Pacheco, que havia entrado para o lugar de Frasco, momento antes.

Nada a opor, por conseguinte, à vitória do FC Porto, a não ser, que tenha pecado por excesso. De resto, tudo bem: quer no despique animoso (mais correcto), que sempre esteve presente, quer nas explosões de alegria de Gomes, quer ainda na expectativa com que o «banco» e a falange de apoio portista viveram a partida. Enquanto de Portimão não chegou a notícia de que o Benfica já era o campeão...

Com alguns erros a prejudicarem as duas equipas, Raul Ribeiro revelou algumas insuficiências, que serão de lamentar, embora se reconheça que as mesmas não influenciaram, pelo menos directamente, o marcador.

Manuel Neto

Gomes: o nosso atirador para a Europa

Árbitro: Raul Ribeiro (Aveiro), auxiliado por Virgílio Figueiredo (bancada) e Carlos Silva (peão).

Rio Ave: Alfredo; Sérgio, Santos, Santana e Duarte; Adérito (Luís Saura, aos 76m), Quim, Samuel (Eusébio Patriota, aos 70m) e Cabumba; Pires e N'habola.

F. C. do Porto: Zé Beto; João Pinto (Freitas, aos 87m), Lima Pereira, Eurico e Inácio; Frasco (Jaime Pacheco, aos 81m), Quinito, Sousa e Costa; Jacques e Gomes.

Marcadores: Jacques (7m) e Gomes (44 e 85m). Cartão amarelo a Quim.

Interessa a Portugal

URSS empata na Polónia

A Polónia e a União Soviética empataram (1-1), em jogo a contar para o Grupo Dois do Campeonato da Europa. Ao intervalo, a Polónia vencia por 1-0, golo de Bonieck, aos vinte minutos. Aos 63 minutos, o defesa polaco Wojcicki, introduziu a bola na sua baliza, obtendo o tento do empate da União Soviética. Após este jogo, a classificação do grupo é a seguinte: 1.°, URSS, 3 jogos, 5 pontos; 2.°, Portugal, 3 jogos, 4; 3.°, Polónia, 4 jogos, 4; 4.°, Finlândia, 4 jogos, 1.

Taça da Escócia

O Aberdeen, conquistador da Taça dos Vencedores das Taças, esta época, ganhou a Taça da Escócia, ao bater, na final o Galsgow Rangers, por 1-0. No fim dos 90 minutos, as equipas estavam empatadas (0-0). O único folo d encontro foi obtido por Black, no prolongamento, aos 116 minutos.

Taça de Inglaterra

Manchester United, e Brighton, empataram (2-2), após prolongamento, em jogo da final da Taça de Inglaterra. Ao intervalo, o Brighton vencia por 1-0, golo de Gordon Smith, obtido aos 14 minutos. Na segunda parte, o Manchester conseguiu dois golos, aos 57 minutos, por Stepleton, e aos 71, por Wilkins, empatando o Brighton, aos 87, por intermédio de Stevens. Novo jogo terá lugar na 5.ª-feira.

Espanha: Taça da Liga

Las Palmas, Espanhol (de Barcelona), Santander, Saragoça, Málaga, Atlético de Bilbau e Atlético de Madrid qualificaram-se para a segunda volta da Taça da Liga espanhola. Resultados dos encontros da 1.ª volta (2.ª mão): Valladolid, 1-Las Palmas, 2 (1-4) qualif. Las Palmas; Espanhol, 7 - Celta de Vigo, 1 (2-3) qualif. Espanhol; Valência, 3 - Santander, 3 (0-1) qualif. Santander; Sevilha, 0 -Saragoça, 2 (1-2) qualif. Saragoça; Málaga, 2 - Bétis de Sevilha, 1 (0-1) qualif. Málaga; Atl. Madrid, 4 - Salamanca, 1 (0-0) qualif. Atl. Madrid; Atl. Bilbau, 1 -Osasuna (Pamplona), 1 (1-1) qualif. Atl. Bilbau. Málaga e Atl. Bilbau qualificaram-se graças ao número de penalidades marcadas após o empate verificado no tempo regulamentar. Os quatro clubes qualificados para as meias-finais da Taça de Espanha (F.C. Barcelona, Real Madrid, Sporting Gijon e Real Sociedad) foram dispensados desta 1.ª volta da competição, cujo vencedor será automaticamente qualificado para a Taça da UEFA.

França campeã

A França ganhou o Campeonato da Europa de Futebol, em juniores, ao vencer a Checoslováquia por 1-0, na final no estádio do Tottenham, em Londres. O golo da vitória francesa foi obtido por Reuzeau, aos oito minutos de jogo.

Brasil

O Santos derrotou o Flamengo, no Estádio de Morumbi (São Paulo), por 2 golos a 1, em encontro da 1.ª mão da final do Campeonato brasileiro de Futebol da 1.ª Divisão. No próximo domingo, o Flamengo receberá o Santos (no Maracanã, no Rio de Janeiro), para o 2.° encontro da série que, enfim, atribuirá o título de campeão brasileiro de futebol da temporada. Para o Santos, marcaram Pita (25m), e Serginho (63m). Baltazar, do Flamengo, reduziu aos 67m.

Nacional de futebol

Continuação da pág. 16

nense, Estoril - Sp. Braga, Salgueiros - Espinho e V. Setúbal - Boavista. Todos às 16 horas.

Marcadores

Classificação dos primeiros atiradores ao golo: 1.° Gomes (FC Porto), 31 golos; 2.° Nené (Benfica), 21; 3.° N'Habola (Rio Ave), 17; 4.° Jordão (Sporting) 17; 5.° Filipovic (Benfica), 14; 6.° Walsh (FC Porto), 14; 7.° Raul Águas (Portimonense) 10; 8.° Oliveira (Sporting), 10; 9.° Diamantino (Benfica), 9; 10.° Sousa (FC Porto), 8.

Juniores

Resultados dos encontros da 10.ª e última jornada da segunda fase do Campeonato de Juniores, na Zona Norte: Guimarães -Beira-Mar, 1-0; Braga - Porto, 5-1; Leixões - União de Coimbra, 4-0. Equipa apurada para a final: F. C. do Porto.

Zona Sul: Nazarenos - Quimigal, 1-4; Sporting - Farense, 2-0; Alter do Chão - Benfica, 0-4. Equipa apurada para a final: Sporting.

A fase final tem início marcado para domingo, com os jogos Sporting - FC Porto e Santa Clara (Açores) – representante da Madeira.

Juvenis

Primeira fase, jornada derradeira da «Taça de Juvenis», ZONA A – 1.ª Série: Sp. Braga -Vianense, 3-0 e Neves - Rio Ave, 0-1. Apurado: Rio Ave. 2.ª Série: Vila Real - Chaves, 2-0 e Mirandês - Bragança, 0-3. Apurado: Vila Real. 3.ª Série: V. Guimarães - Riopele, 1-0 e Régua -Paços de Ferreira, 3-2. Apurado: V. Guimarães. 4.ª Série: FC Porto - Boavista, 0-0 e Vilanovense - Leixões, 1-1. Apurado: FC Porto. ZONA B – 5.ª Série: Feirense - Avintes, 0-0 e Sanjoanense - Lourosa, 1-0. Apurado: Feirense. 6.ª Série: Repesenses - Águeda, 2-2 e U. Coimbra -Académico de Viseu, 3-0. Apurado: U. Coimbra. 7.ª Série: U. Leiria- Académico, 0-2 e Marinhense - Naval 1.° Maio, 1-0. Apurado: Académico de Coimbra. 8.ª Série: Benfica Castelo Branco - U. Seia, 4-1 e Estação -Sabugal, 4-3. Apurado: Sabugal. ZONA C – 9.ª Série: U. Santarém - Nazarenos, 1-0 e Peniche - Cartaxo, 1-3. Apurado: U. Santarém. 10.ª Série: Torres Novas - Atalaiense, 4-0 e Portalegrense -Arenense, 6-0. Apurado: Portalegrense. 11.ª Série: Sporting -Oriental, 2-0 e Povoense - Casa Pia, 1-1. Apurado: Sporting.

12.ª Série: Benfica - MTBA, 1-0 e Agualva - E. Amadora, 2-1. Apurado: Benfica. ZONA D - 13.ª Série: Domingos Sávio -Pddrouços, 3-2 e Atlético - Belenenses, 1-1. Apurado: Atlético. 14.ª Série: Ginásio Corroios - V. Setúbal, 1-1 e Barreirense - GD Quimigal, 1-1. Apurado: Barreirense. 15.ª Série: Castrense -Moura, 2-1 e Borbense - Estrela Vendas Novas, 0-0. Apurado: Estrela Vendas Novas. 16.ª Série: Olhanense - Farense 0-1 e Odemirense - Torralta, 0-2. Apurado: Torralta.

URSS: saneamentos desportivos

A luta pelo saneamento dos costumes contra a indisciplina, a incompetência e a ineficácia encetada pelo número um soviético, Yuri Andropov, não poupou o sector dos desportos: foram seneados desde o começo do ano quatro dos seus responsáveis.

Logo em Janeiro, o Conselho de Ministros atacou o topo da hierarquia desportiva, exonerando das suas funções o ministros dos Desportos (Serguei Pavlov, de 53 anos, membro do Comité Central do PC soviético e deputado do Soviete Supremo) que dirigia a Comissão para a Cultura Física e o Desporto desde a sua criação (em Novembro de 1968) e era também presidente do Conselho Nacional Olímpico. Pavlov, foi nomeado embaixador na Mongólia e a pasta dos desportos foi confiada a um antigo chefe adjunto da secção de propaganda da Comissão Central: Marat Gramov, de 55 anos.

Esta retomada em mãos «traduziu-se» numa série de outros saneamentos. No fim de Abril, o treinador da turma soviética de patinagem artística (Stanislav Juk) foi demitido do seu cargo: o antigo campeão era acusado de haver infringido sistematicamente as normas morais do comportamento e de **«haver feito baixar o nível de preparação dos patinadores soviéticos».**

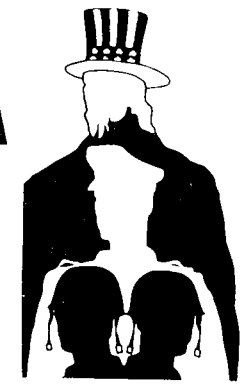
Stanislav Juk, foi acusado de haver recorrido a métodos pedagógicos **«discutíveis e de ter uma queda exagerada pela 'divina botelha'».**

Ao mesmo tempo medida semelhante atingia Nikolai Poli-Tiko (treinador da equipa soviética de atletismo). O trabalho deste antigo atleta foi considerado pouco satisfatório, nomeadamente, após a exibição (qualificada medíocre) dos soviéticos, nos últimos campeonatos da Europa de atletismo, em salão, disputados em Março passado em Budapeste. As autoridades soviéticas acharam que Politiko já não estava à altura do seu cargo, num momento em que se aproximavam importantes provas internacionais, como a «Taça do Mundo» e, sobretudo, a um ano dos Jogos Olímpicos de Los Angeles. Consta nos meios desportivos, que Politiko poderá ser substituído pelo antigo campeão do mundo de salto em comprimento, Igor Ter Ovanessian.

Classificações

	J	V	E	D	G	P
1.° Benfica	28	20	7	1	64-13	47
2.° FC Porto	28	18	7	3	64-17	43
3.° Sporting	28	17	6	5	47-24	40
4.° Guimarães	28	11	10	7	35-21	32
5.° Braga	28	13	3	12	41-39	29
6.° Boavista	28	11	6	11	27-35	28
7.° Rio Ave	28	12	3	13	39-41	27
8.° Varzim	28	8	10	10	22-36	26
9.° Portimonense	28	9	7	12	30-31	25
10.° Salgueiros	28	8	9	11	24-32	25
11.° Setúbal	28	10	5	13	26-32	25
12.° Estoril	28	8	8	12	23-37	24
13.° Espinho	28	8	7	13	21-35	23
14.° Marítimo	28	7	9	12	23-35	23
15.° Amora	28	5	6	17	20-49	16
16.° Alcobaça	28	4	7	17	19-43	15

COM A
NICARÁGUA
CONTRA A AGRESSÃO,, SER SOLIDÁRIO!



SESSÃO PÚBLICA

com a presença de

LUÍS CALDERA da Frente Sandinista

LUCIANO TORRES da Central Sandinista de Trabalhadores

e de

HELENA CIDADE MOURA
MARGARIDA MARQUES
LOPES CARDOSO

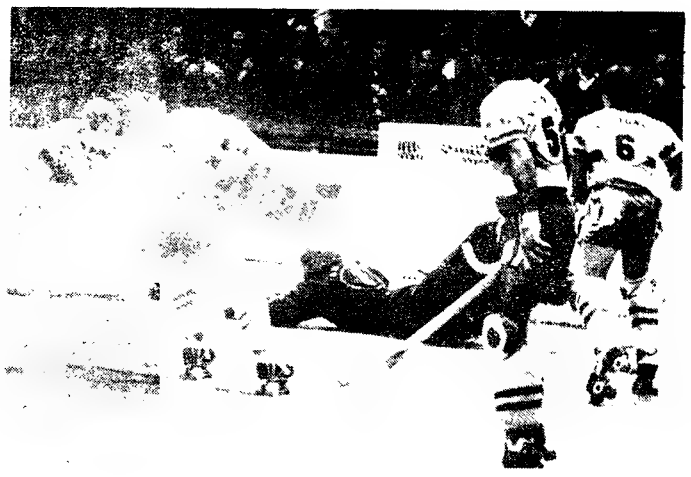
participação solidária de:

FAUSTO
J. FANHA
J. MÁRIO BRANCO

24 MAIO ● TERÇA ● 21.30
VOZ DO OPERÁRIO

GSAL – Grupo de Solidariedade com a América Latina

DESPORTO



Sporting suplanta italianos

Hóquei português na Europa

Resultados dos encontros com equipas portuguesas, a contar para a 2.ª «mão», da 1.ª eliminatória das competições europeias de hóquei em patins:

● Taça dos Campeões Europeus: Sporting-Corradini (Itália), 3-2. O Sporting ficou apurado, no conjunto dos dois jogos para a fase seguinte por 8-4.

● Taça das Taças: Fontenay (França) - Benfica, 3-9. O Benfica ficou apurado, no conjunto dos dois jogos, por 24-7. Vevey Villeneuve (Suíça) - Porto, 1-5. O Futebol Clube do Porto ficou apurado para a fase seguinte por 14-4 no conjunto dos dois encontros.

● Taça CERS: Vercelli (Itália) -Belenenses, 7-0. O Vercelli ficou apurado para a fase seguinte por 8-4 no conjunto dos dois encontros. Lichsthaad (Holanda) - Juventude de Viana, 4-1. O Juventude de Viana qualificou-se para a fase seguinte por 7-6, no conjunto dos dois encontros.

Nacional

Encontros a contar para o Campeonato de Hóquei em Patins da 1.ª Divisão: Infante de Sagres - Oliveirense, 2-4; Valongo - Famalicense, 1-3; Paço de Arcos - Sesimbra, 5-7.

Prémio Internacional da Serra da Estrela

Vitória e recorde absoluto da rampa para o italiano Nesti (Osela BMW)

O italiano Mauro Nesti, ao volante de um Osella BMW, foi o vencedor absoluto do Prémio Internacional Serra da Estrela, que ontem se disputou numa organização do Automóvel Clube de Portugal com a colaboração da Câmara Municipal da Covilhã e da Comissão Regional de Turismo da Serra da Estrela.

Mauro Nesti bateu, mesmo, o recorde da rampa, ao obter na primeira das duas subidas cronometradas o tempo de 2m 56,02s, ultrapassando assim a marca que Michel Pignard havia estabelecido em 1980 (2 m 56,66 s).

Aliás, o piloto italiano do Osella BMW já anteontem se havia cotado como o mais rápido dos 92 participantes (57 na prova principal e 25 na corrida do Troféu MG Metro), ainda que tivesse deparado com a pista (uma extensão de 5,260 quilómetros da estrada nacional n.º 339 entre a saída da Covilhã e a «Porta dos Hermínios» molhada e escorregadia devido à chuva e à neve que caíram durante os treinos. Ontem porém, o dia amanheceu pode dizer-se com ar primaveril, com o sol a brilhar num céu todo azul e, portanto, estavam reunidas todas as condições para que pilotos e máquinas pudessem dar o máximo. Os largos milhares de espectadores que se aglomeravam ao longo do percurso tiveram, assim. oportunidade de presenciar um excelente espectáculo.

Na primeira linha estiveram, naturalmente, os pilotos estrangeiros que aqui se deslocaram à conquista dos pontos correspondentes ao Campeonato da Europa de Montanha, mas os portugueses António Taveira, António C. Rodrigues, Jorge Petiz e Carlos C. Rodrigues marcaram igualmente presença digna de nota situando-se entre os dez primeiros da classificação final.

Não alinharam à partida os concorrentes «Pêquêpê» (Vauxhall Chevete) e Osvaldo Oliveira (Opel Kadett GTE). Não completaram a prova por avaria os concorrentes Sidónio Cabanelas (BMW 528 I), Carlos Sá (Porsche 930 T), Albino Abrantes (Talbot Rally 32), José Lacerda (Austin Mini 1275 GT) e Aurélio Veiga (Datsun Sunny 1200). Também não concluíram a prova. por haverem sofrido despistes, os pilotos Ernesto Costa (ARC Barquette), Daniel Vidal (BMW M 1) e Rolf Kopel (Sauber C 3).

A classificação final ficou assim ordenada:

1.º Mauro Nesti, Itália (Osella BMW) 5 m 54,79 s; 2.º Juan Llagostera, Espanha (Osella PA 7/9) 6 m 20,38 s; 3.º Kurt Buess, Suíça (Lola T 298) 6 m 30,47 s; 4.º Claude-F. Jeanneret, Suíça (BMW M1) 6 m 34,18 s; 5.º Rolf Goering, Alemanha (BMW M1) 6 m 37,40 s; 6.º António Taveira, Portugal (BMW M1) 6 m 46,13 s; 7.º António Rodrigues, Portugal (Opel Ascona 400) 6 m 54,36 s; 8.º Jorge Petiz, Portugal (Porsche 911 SC) 6 m 54,98 s; 9.º Wolfgang Stiller, Alemanha (Talbot Lotus) 7 m 00,05 s; 10.º Carlos Rodrigues, Portugal (Porsche 911 SC) 7 m 03,22 s.

O concorrente Alcides Petiz foi desclassificado por excesso de tempo na primeira subida. Sofreu um furo, mudou o pneu, mas gastou mais de 12 minutos, quando o regulamento internacional de montanha não admite tempos superiores a 10 minutos.

Nos seis grupos previstos no regulamento classificaram-se em primeiro lugar os seguintes concorrentes: Mauro Nesti (Grupo 6), Claude-François Jeanneret (Grupo B), Rolf Goering (Grupo 4), Wolfgang Stiller (Grupo 2), Giovanni Rossi (Grupo A) e Luís Malheiro Dias (Grupo N).

Troféu «MG Metro»

Na prova reservada aos carros inscritos no «Troféu MG Metro» assistiu-se a um interessante despique entre João Vasco Rodrigues, Rui Lages e Mário Silva, acabando por decidir-se com vantagem para João Vasco, que primou pela regularidade em ambas as subidas.

De assinalar nesta prova o espectacular despiste de «Pequêpê» nas «Sete Fonts» felizmente apenas com consequências materiais, não tendo alinhado os concorrentes Alberto Grilo e A. Pinheiro Borges.

A classificação final ficou assimordenada:

1.º João Vasco Rodrigues, 8 m 39,01 s; 2.º Rui Lages, 8-42,48; 3.º Mário Silva, 8-44, 54; 4.º A. Quina Falcão, 8-48,54; 5.º Nuno Bermudez, 8-49,19; 6.º António Onofre 8-49,36; 7.º Carlos Marta, 8-55,99; 8.º Carlos Silva 8-56,14; 9.º João Zilhão, 8--56-28; 10.º António Martorell, 8-57,24.

A distribuição de prémios realizou-se a meio da tarde, no Hotel Serra da Estrela, na presença de responsáveis do Automóvel Clube de Portugal e de entidades representativas da região, além de inúmeros convidados.

Basquetebol

"Taça" tem final lisboeta

O Benfica (nos Olivais, em Coimbra) e o Queluz (visitado pelo Barreirense) venceram os jogos das meias-finais da Taça de Portugal em basquetebol masculino e são os finalistas da prova. Os dois clubes de Lisboa vão esgrimar a conquista do troféu em jogo a realizar no próximo sábado, em recinto a designar. Uma coisa é certa: a Taça viajará do Barreiro (o vencedor do ano passado) para a Luz ou para a linha de Sintra.

Os dois encontros tiveram história muito idêntica, com o Benfica e o Queluz, a superiorizarem-se nitidamente na 1.ª parte, para no 2.º tempo, aguentarem os esboços de recuperação dos adversários. Houve um relativo baixar de braços por parte dos vencedores, já quando a vitória não estava em perigo, concluindo vencedoras as duas equipas de Lisboa, região-sede do próximo possuidor da taça masculina. Recorde-se que o troféu feminino também mora na região de Lisboa, conquistado (em repetição) pelo Algés.

Protagonistas das meias--finais:

Queluz (89); Baganha (14), Lisboa (28), Pratas (12), Santiago (10), Rui Pinheiro (6), Dean (16) e Leonel (32).

Barreirense (78): Orlando (7), Pedrinho (6), Jorge Ramos (12), Eugénio (8), Mike Plowden (29), J. Coelho (2), Tozé (14), Saiote e Moura.

Ao intervalo: 52-39. Arbitraram: António Pimentel e Álvaro Martins (Lisboa).

Olivais (74): Eustácio (19), Paiva (22), Rebelo (2), Zé Quintela (5), Nuno Carvalho (2), Almeida, Hernâni, Leitão (14), e Tó Quintela.

Benfica (80): Henrique Vieira (4), Zé Luís (14), Jordan (18), Barbosa (14), Colquite (24), Lita (2), e Jorge Coelho (4).

Ao intervalo: 33-49. Arbitraram: Pedro Jorge e Ribeiro da Silva (Porto).

O Luso do Barreiro e o Conimbricense prepararam a subida à 1.ª Divisão nacional na próxima temporada. Um e outro comandam só com vitórias, ao fim da 1.ª volta, as zonas Sul e Norte, respectivamente, aprestando-se para concluir vencedores de zona e consequentemente subirem automaticamente,para ocupar os lugares deixados vagos, pela desistência do Sporting no último nacional (que o FC Porto conquistou) e pelo CDUL, que foi o último classificado da prova. O Conimbricense, com 109-53 ao Illiabum e o Luso (100-59 ao Belenenses), foram os vencedores dos jogos de ontem da última jornada da 1.ª volta do «Nacional» secundário.

Grande Prémio da Bélgica

Prost vence em Francorchamps e comanda agora o Mundial

O francês Alain Prost, em Renault, ganhou ontem o Grande Prémio da Bélgica, disputado no circuito de Spa-Francorcamps, passando deste modo a comandar a classificação para o Campeonato do Mundo de Condutores.

A classificação final da prova foi a seguinte:

1.º, Alain Prost, França (Renault); 2.º, Patrick Tambay, França (Ferrari); 3.º, Eddie Cheever, Estados Unidos (Renault); 4.º, Nelson Piquet, Brasil (Brabham); 5.º, Keke Rosberg, Finlândia (Williams); 6.º, Jacques Laffite, França (Williams).

Após o Grande Prémio da Bélgica é a seguinte a classificação do mundial de condutores:

1.º, Alain Prost (França), 28 pontos; 2.º, Nelson Piquet (Brasil), 24; 3.º, Patrick Tambay (França), 23; 4.º, Keke Rosberg (Finlândia), 16; 5.º, John Watson (Irlanda), 11; 6.º, Niki Lauda (Áustria), 10; 7.º, Eddie Cheever (Estados Unidos), 8; 8.º, René Arnoux (França), 8; 9.º, Jacques Laffite (França), 8; 10.º, Marc Surer (Suíça), 4.

Ciclismo português não subiu

Terminou a 36.ª Corrida da Paz, com o triunfo esperado da RDA, individualmente (Falk Boden) e por equipas, cabendo a Portugal a pior classificação colectiva de sempre.

O alemão Petermann escapou-se logo de início e não mais seria alcançado, mas aos 50 km, um grupo de cinco corredores escapou-se também à chegada à meta com apreciável avanço do pelotão. Desse grupo fez parte o português Fernando Fernandes, um dos grandes animadores desta iniciativa. Foi segundo numa contagem do Prémio da Montanha e foi o terceiro classificado na etapa tendo assim direito ao pódio e à volta de honra. Dos restantes portugueses quatro chegaram no grande pelotão e apenas Zeferino se atrasou um tanto. Confirma-se que a nossa equipa participa amanhã num critério internacional, regressando a Lisboa na quarta-feira. Classificações. NA ETAPA: 1.º, Petermann (RDA), 3.03,32; 2.º, Wreghitt (Ing.), 3.06,46; 3.º, F. Fernandes (Port.), 3.06,49; 4.º, Staikov (Bulg.), 3.06.52; 5.º, Carutasu (Rom.), mt; 6.º, Bradley (EUA), mt; 7.º, Ludwig (RDA), 3.10,19; 19.º, L. Teixeira (Port, mt.; 26º Belmiro (Port.), mt; 58.º, A. Fernandes (Port), mt; 76º., Zeferino (Port), 3.13.23; 82.º, Ashworth (Ing.), 3.27.16.

GERAL INDIVIDUAL: 1.º, Boden (RDA), 46.02,57; 2º, Czuzda (URSS), 46.03.29; 3.º, Ludwig (RDA), 46.03,39; 4.º, Thurlow (EUA), 46.04,06; 5.º, Krawczyk (Pol.), 46.04,16; 36.º, F. Fernandes (Port.), 46.24,50; 46.º, Belmiro (Port.), 1.35,35; 48.º, Ed. Correia (Port.), 46.36,24; 53.º, L. Teixeira (Port.), 46.37,58; 66.º, Zeferino (Port.), 46.55,10; 72.º, A. Fernandes (Port.), 47,16,55; 82.º, Nambaldorz (Mong.), 49.51,49. Por equipas, Portugal foi segundo na etapa, mas continuou 12.º na geral.

José Amaro ganha na areia

José Amaro (Mako Jeans) foi o vencedor do Circuito da Areia-Guincho-Cascais, realizado no percurso de 89 quilómetros. José Amaro percorreu esta distância em 2h,30m,35s, à média de 35,462 km/hora. Por equipas, a vitória pertenceu à Mako Jeans seguida do Tavira. Concorreram nove equipas. Classificação individual: 1.º, José Amaro, Mako Jeans, 2h30m,35s; 2.º, Benjamim Carvalho, Lousa, 2.30,3; 3.º, Jacinto Paulinho, Mako Jeans, 2.30,39; 4.º, Carlos Ferreira, Tavira, 2.30,42; 5.º, Luís Tavares, Pinheiro Loures, 2.30,45. EQUIPAS: 1.º, Mako Jeans, 7h32m, 14s; 2.º, Tavira, 7.32,22; 3.º, Pinheiro de Loures, 7.32,25; 4.º, Lousa, 7.32,27; 5.º, Venda do Pinheiro, 7.33,10. METAS VOLANTES 1.º. José Henriques, Tavira; 2.º, João Santos, Lousa; 3.º, Carlos Nunes, Venda do Pinheiro. PRÉMIO DA MONTANHA: 1.º, Jacinto Paulinho, Mako Jeans; 2.º, Carlos Nunes, Venda do Pinheiro; 3.º, Américo Silva, Venda do Pinheiro.

Giro

O italiano Palmiro Masciarelli ganhou a 10.ª etapa da Volta à Itália em Bicicleta, disputada entre Montefiascone e Bibbiena. Masciarelli gastou 6 horas e 58 segundos, para percorrer os 232km, batendo,ao «sprint», o suíço Hekini. O pelotão, encabeçado pelo italiano Saronni, cortou a meta 4 minutos, 40 segundos depois do vencedor da etapa. Saronni conserva a camisola rosa.

"Taça" de andebol

Sanjoanense tomba-gigantes

Nos jogos dos oitavos-de-final da Taça de Portugal em andebol de sete, entre equipas masculinas, a Sanjoanense conseguiu um triunfo de se lhe tirar o chapéu: venceu A Académica de S. Mamede (no recinto dos mamedenses). Recorde-se que os sanjoanenses militaram esta época na 2.ª Divisão (em que conseguiram a subida) enquanto o S. Mamede foi o 4.º classificado no último nacional primodivisionário, logo a seguir ao Benfica (campeão) Sporting e Belenenses.

O Caramão e o Encarnação também estiveram em evidência ao triunfar (no Porto) ante o Salgueiros e o Académico. O Paço de Arcos, outro da 2.ª Divisão, eliminou (como visitado) o Almada (após prolongamento) desfecho que também destrói as previsões que apontavam para eventual queda da turma secundária .

Resultados: Vitória de Setúbal - Académico de Águeda, 42-27, Paço de Arcos - Almada, 33-32, Salgueiros - Caramão, 27-31; Académica de S. Mamede - Sanjoanense, 18-19 e Académico do Porto - Encarnação, 21-30; Ginásio do Sul - Sporting 17-44, Belenenses - Águas Santas 37-20 e Desp. Portugal-FC Porto 17-28.

Gaia campeão de juvenis

O FC de Gaia foi o vencedor do campeonato nacional de juvenis ao bater (ontem) o Almada. A prova decorreu no recinto dos gaienses, que ontem se encontrava repleto de um público entusiasmado e confiante na vitória da sua equipa . A «poule» final ofereceu jogos de muito bom nível técnico.

Os resultados da jornada ontem disputada, foram os seguintes: FC Porto - Marítimo, 37-24; Recreio de Águeda - Vitória de Setúbal, 28-32, FC de Gaia - Almada, 2-18. No conjunto das duas séries, a classificação final foi a seguinte: 1.º FC de Gaia; 2.º Almada; 3.º V. Setúbal, 4.º Águeda; 5.º FC Porto ; 6.º Marítimo (Madeira).

Placard

Vilafranquense: aí vão 26 anos

O União Desportivo Vilafranquense comemorou sábado o 26.º aniversário com um jantar que reuniu na tertúlia de João Conde as forças vivas do concelho e representantes da Comunicação Social. Disse, na ocasião, o presidente do clube, João Cerejo, depois de receber das mãos do representante do comandante da Escola n.º 1 da Armada uma medalha da Marinha de Guerra portuguesa, que o UDV era «um clube rico e pobre» pois com 3200 associados movimenta 1300 atletas, 850 dos quais ginastas. Aí se pratica ginástica, hóquei, remo, futebol e andebol e a construção de um pavilhão gimnodesportivo e a manutenção do clube na 3.ª divisão nacionai são, neste momento, as suas duas grandes preocupações.

Xadrez na Guarda

Um campeonato aberto internacional de xadrez realiza-se na Guarda, de 23 a 26 de Julho, integrado nas festas da cidade. Trata-se da 7.ª edição desta prova promovida pelo Grupo de Xadrez da Guarda e sob a direcção dos xadrezistas Marino Ferreira, Maria Alice Soares e Luís Pereira dos Santos.

MICROSCÓPIO

Vela

Classificação do campeonato regional de vela (zona centro), classe de «snipes», que terminou em Lisboa: 1.º Orlando Trabucho/Jaime Trabucho, Associação Naval de Lisboa (ANL), 11 pontos; 2.º Domingos Borralho/ Pedro Andrade, ANL, 20,4; 3.º Gil Queirós/Luís Queirós, ANL, 27,7; 4.º Raul Xavier/António Dionísio, ANL, 32; 5.º Augusto Correia/José Sacramento, Sport Algés e Dafundo (SAD), 34,7; 6.º Joaquim Henrique/Luís Mendes, Ass. Náutica do Seixal (ANS), 35,4;

Cinema e papel pintado

Catálogos da Cinemateca

Depois de algum tempo em que a conjuntura e algumas encomendas e subsídios da Secretaria de Estado da Cultura proporcionaram um certo número de edições de livros sobre cinema, regressou-se ao grau zero anterior.

O panorama só não é desértico (o que seria mais uma conquista cultural da defunta AD) porque a Cinemateca Portuguesa, acompanhando os vários ciclos que vem programando, continua a editar catálogos. Merecem referência essas publicações porque são sempre mais que simples complementos da visão dos filmes. Antes, constituem obras dotadas de uma qualidade que lhes garante autonomia e valem por si. Dentro de alguns anos serão uma pequena e valiosa biblioteca de cinema.

O relevo é tanto maior quanto são preenchidos maioritariamente por textos originais portugueses e não por mera compilação de traduções. Ou seja, não só se põe à disposição do público cinéfilo uma bibliografia importante como se incrementa a prática e a divulgação de uma crítica de cinema aprofundada.

As mais recentes produções da Cinemateca são os catálogos dedicados a Joris Ivens e a Fritz Lang.

O catálogo **Joris Ivens** contém os textos **A atitude Ivens** e **O século, o avião e o cinema — elementos para uma biografia** de José Manuel Costa, uma entrevista com o cineasta feita por J. M. Costa, um poema de António Reis e Margarida Cordeiro dedicado a Ivens, um pequeno texto de Manuel Pina (**Le gueux**) para além da filmografia e de uma bibliografia sumária.

O mais relevante que há a dizer deste catálogo (com destaque para o volumoso texto de carácter biográfico e com demérito para a entrevista) é que se lê apaixonadamente. Sempre pensei que a melhor maneira de escrever sobre cinema é aquela que impele o leitor à visão dos filmes: essa parece ser a intenção de José Manuel Costa que funde a informação, a análise e o entusiasmo. Tudo coisas essenciais. Um grafismo dinâmico (de João Botelho e Luís Miguel Castro) e uma extensa documentação fotográfica fazem do volume também um objecto para ver, até porque a impressão, se ainda não é exemplar, denota mais cuidados que o que é habitual nas publicações da Cinemateca.

FICHA: «Joris Ivens», textos de José Manuel Costa, António Reis e Margarida Cordeiro, Manuel Pina, Filipe Jacinto, 100 págs. ed. Cinemateca Portuguesa, Abril de 1983, preço: 300$00.

Fritz Lang

O catálogo dedicado a Fritz Lang, edição conjunta da Cinemateca Portuguesa e da Fundação Calouste Gulbenkian, tem as duas marcas habituais da Gulbenkian: a de João Bénard da Costa no texto, a de Fernando de Azevedo na direcção gráfica. Compõem-no os textos **Regulamentos, Fritz Lang: o tempo duma vida** e **Os filmes europeus de Fritz Lang** de João Bénard da Costa, **Métodos de trabalho e estilo: o período americano 1939/1956** de Lotte H. Eisner, **Lang: medo e desejo** de Stephen Jenkins, uma filmografia e uma bibliografia.

Como é hábito, sumptuosamente ilustrado (a impressão, porém, ainda não é a que as fotografias mereciam), este **Fritz Lang** está abaixo do que é costume esperar de Bénard da Costa (nomeadamente os seus trabalhos similares dedicados a Buñuel ou a Hitchcock). Isto é sobretudo marcante no texto de carácter biográfico onde as citações documentais sobrelevam a análise pessoal, como se a tónica fosse testemunhar e menos a de opinar. Apesar disso este volume é interessante, até pelos textos de Lotte Eisner e de Jenkins. Relevante, ainda, a recuperação em livro das críticas policopiadas que enquadraram os filmes europeus de Lang, apresentados em anterior ciclo da Cinemateca, recuperação feita no texto **Os filmes europeus de Fritz Lang** que os arquiva. Críticas, no geral, que são do que de melhor por cá se produz e bem merecem ultrapassar a precariedade da folhinha solta.

Aliás, dizem-me que a Cinemateca vai procurar não deixar perder esses textos que, habitualmente, acompanham os filmes que aí se exibem, mercê de pequenas colectâneas. Uma boa ideia, a levar a cabo sistematicamente.

FICHA: «Fritz Lang», textos de João Bénard da Costa, Lotte H. Eisner, Stephen Jenkins, 288 págs., ed. Cinemateca Portuguesa/Fundação Calouste Gulbenkian, Maio de 1983, preço: 500$00.

J. L. R.

Coreógrafo de "Fame" em Lisboa

Louis Falco prepara estreia mundial para o Ballet Gulbenkian

Encontra-se em Lisboa, a trabalhar com o Ballet Gulbenkian, o coroeógrafo norte-americano Louis Falco, uma das figuras mais famosas do mundo da «modern dance», cuja popularidade se viu recentemente ampliada pela sua colaboração como autor dos bailados do filme «Fame» de Alan Parker.

Louis Falco prepara presentemente uma nova obra, expressamente criada para a companhia da Fundação Gulbenkian, que terá a sua estreia mundial no Grande Auditório desta instituição, no próximo dia 25, às 21 e 30 (espectáculo que será repetido no dia seguinte, à mesma hora), no âmbito da programação do I Festival Internacional de Música de Lisboa.

Em homenagem ao nosso país, esta nova obra de Falco intitula-se precisamente **Reunion in Portugal**. Trata-se de um bailado com características acentuadamente teatrais e espectaculares, e que utiliza música de Kurt Weill (suite orquestral da «Ópera de três vinténs»). O cenário e os figurinos são do norte-americano Rocco Bufano, sendo a concepção de luzes criada pelo artista português Orlando Worm.

Figueira da Foz — tema para dois livros

Ainda no âmbito das comemorações do centenário da cidade da Figueira da Foz, que ocorreu em 1982, o secretariado executivo tem continuado em exercício, não só para ultimar as contas, como para editar algumas obras literárias, como é o caso das duas que passamos a referir:

«Figueira da Foz — Dez Anos de Cinema em Festival»

Ao editar esta publicação o secretariado executivo das comemorações, manifesta a maior gratidão ao seu autor, o cineasta Lauro António, cuja colaboração tornou possível documentar, com vista ao futuro, os primeiros dez anos do Festival Internacional de Cinema.

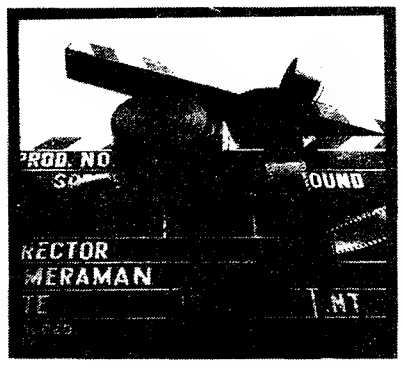
E dedica a todos aqueles, organizadores e participantes, que, ao longo destes anos, souberam erguer e consolidar, com dedicação e persistência, uma das mais importantes manifestações culturais que têm lugar no nosso País, fazendo votos para que este livro possa contribuir para que o festival se firme, definitivamente, no panorama das grandes realizações.

«A Obra Literária de Raimundo Esteves»

Com esta publicação procura-se oferecer aos leitores uma visão geral da obra literária de Raimundo Esteves e, como o afirma o dr. João Soares, na sua nota de apresentação, «despertar, quanto possível, a curiosidade e o gosto pela leitura global de todas ou parte das obras».

Inseria-se este trabalho num projecto mais vasto de uma colectânea de prosadores e poetas figueirenses. Não foi possível concretizá-lo mas o caminho ficou aberto.

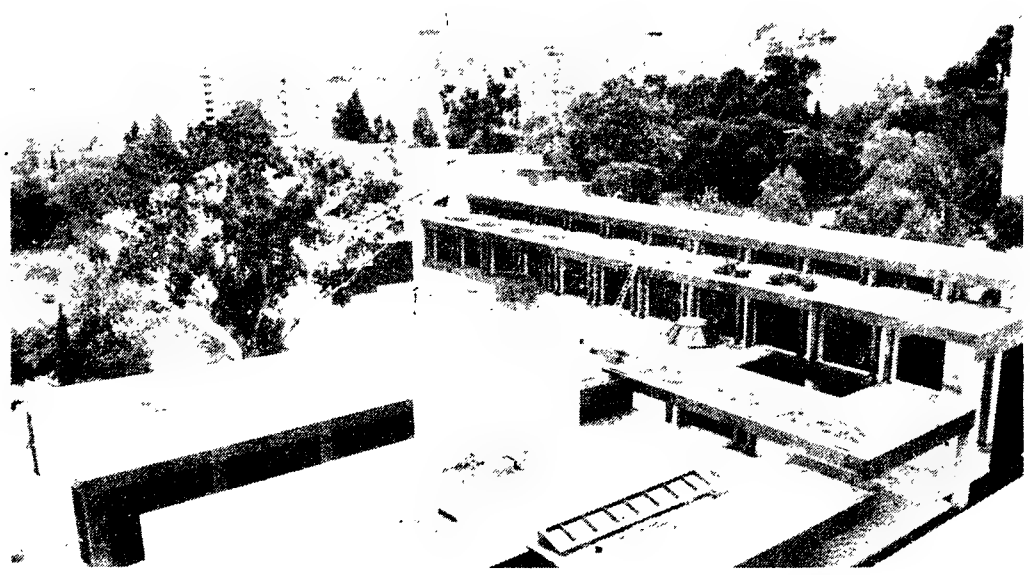
Ao mesmo tempo que se presta homenagem a um dos filhos ilustres desta terra, no ano em que se completaram 90 anos sobre a data do seu nascimento, aproveita-se para recordar todos aqueles que, de algum modo, contribuíram para o enriquecimento do património cultural da Figueira da Foz.



FIGUEIRA DA FÓZ
1982

Centro de Arte Moderna em fase de conclusão?

Sem data marcada, pelo menos oficialmente, para a sua inauguração ou mesmo conclusão das obras, o Centro de Arte Moderna, instalado no jardim da Gulbenkian, parece, no entanto, e segundo o demonstram as fotografias, estar praticamente concluído. Para trás ficaram já as polémicas que a sua construção levantou e, pode-se afirmar, que agora é de expectativa a atitude predominante face a ele. Definido como «um instrumento de trabalho» e não como um museu tradicional, o Centro de Arte Moderna englobará duas áreas fundamentais: uma de museu e outra de documentação e de criação artística. Nesta última será reunida toda a documentação de arte portuguesa desde 1911 até aos nossos dias. O projecto definitivo do Centro, cuja construção foi decidida pelo conselho de administração da Gulbenkian, está a cargo de um professor de Cambridge, membro da Real Academia de Arte de Londres, sir Leslie Martin.



Informações que são já conhecidas e que apenas recordamos para que não se esqueça que, à Praça de Espanha, está a ser construído aquele que será o primeiro Centro de Arte Moderna, em Portugal.

TEATRO ABERTO
novo grupo
APRESENTA:
HOJE ÀS 21.30
O SUICIDÁRIO
4.º MÊS

(13 ANOS) • SUB. SEC

PAULA GUEDES • MELIM TEIXEIRA • FILIPE CRAWFORD • MÁRIO VIEGAS

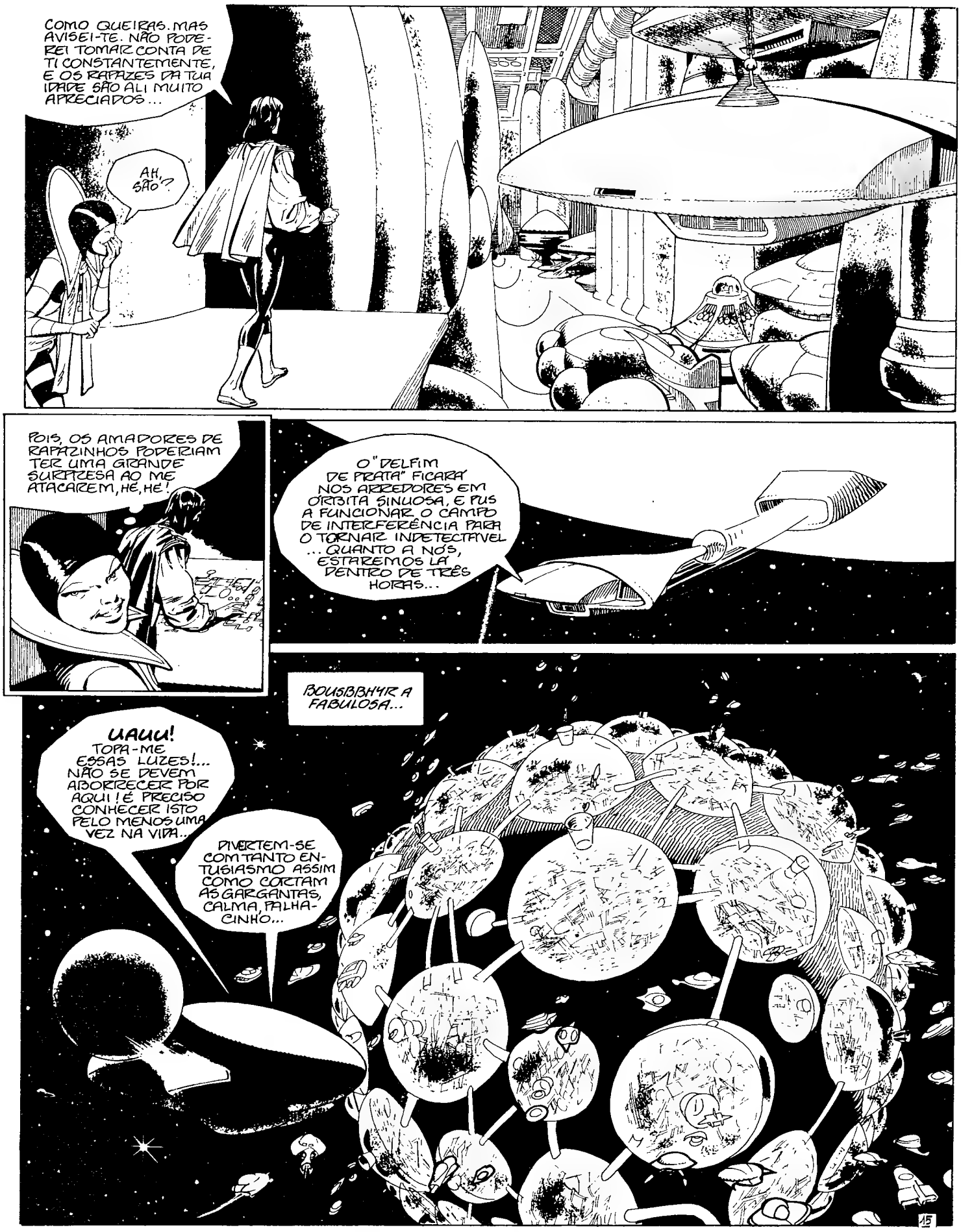
ENCENAÇÃO: JOÃO LOURENÇO

SÁBADOS • DOMINGOS • SEGUNDAS • TERÇAS e QUARTAS
Às 21.30 h
* * *
AOS DOMINGOS: MATINÉES 16 H «OIÇAM COMO EU RESPIRO»

4.ª-FEIRA — DIA 25 — ÀS 21.30
ESPECTÁCULO ESPECIAL — 1.º ANIVERSÁRIO DA ESTREIA
DE «OIÇAM COMO EU RESPIRO»
METRO PALHAVÃ MARCAÇÕES PELO TEL. 77 09 69

O Vagabundo dos Limbos

Ribera (desenho) **Godard** (texto) **15**



continua

Adolescente polaca move montanhas

Os cientistas polacos estão perplexos com o caso de uma adolescente de 13 anos que consegue deslocar, sem lhes tocar, os objectos mais diversos, informou o vespertino «Kurier Polski».

Tudo começou, conta o jornal, na noite de 1 para 2 de Abril último, no apartamento da família «G», em Sosnowiec, perto de Katowice (Sul da Polónia). «Às três da manhã, os objectos começaram a deslocar-se. Houve copos que, postos em movimento por uma força desconhecida, foram partir-se contra as paredes. Viram-se fósforos inflamarem-se espontaneamente e deslocarem-se no ar». Estes acontecimentos, indicou o «Kurier Polski», foram constatados por várias testemunhas, entre as quais diversos funcionários da milícia e da câmara municipal, chamados pelos pais.

Poucas semanas depois, quando a família, a seu pedido, foi instalada num outro apartamento, produziram-se os mesmos acontecimentos e verificou-se que os fenómenos inexplicáveis concentravam-se em torno de Joana G., de 13 anos. A adolescente foi então submetida a exames médicos, alguns dos quais deram resultados inacreditáveis.

Assim, a temperatura de Joanna atingia 45 graus, e quando pretenderam fazer-lhe um electrocardiograma, o vidro do aparelho voou em estilhaços e a agulha que traça no papel os batimentos do coração tornou-se louca e pôs-se a andar à roda sem traçar riscos.

Durante testes parapsicológicos efectuados sob controlo médico, a adolescente revelou-se capaz de fazer moverem-se, unicamente pela sua vontade, objectos de materiais diversos (metal, madeira, etc.).

Para os médicos, escreveu o «Kurier Polski», não restam dúvidas: o organismo da jovem emite uma energia que perturba a gravidade. Mas a origem e a natureza dessa energia permanecem um mistério.

Associações internacionais contra o aborto

Cerca de 200 representantes de diversas associações de luta contra o aborto iniciaram no sábado, em Madrid, o Primeiro Encontro Internacional «Em Defesa da Vida», que termina hoje, com a presença da irmã Teresa de Calcutá.

Os participantes do Encontro pertencem a países da Europa Ocidental, América do Sul e América Latina. Segundo os organizadores, o encontro visa estudar «os aspectos sociais, morais, científicos e jurídicos», do aborto, tratando-se de uma reunião «apolítica e não-confessional», que agrega «um grupo heterogéneo» mas disposto a «desencadear uma cruzada em defesa da vida» e contra o aborto, segundo afirmaram à Imprensa.

Entre as individualidades presentes, figura o médico federal alemão Karl Guning, presidente da Associação Mundial dos Médicos para a Defesa da Vida.

Recorde-se que, a Câmara dos Deputados de Espanha começa amanhã a debater um projecto de lei, apresentado pelo governo socialista de Felipe Gonzalez, que prevê a despenalização parcial do aborto.

Se conduzir não beba

ÁLCOOL E CONDUÇÃO

Com o piso molhado aumente a distância em relação ao veículo da frente.

circular e viver

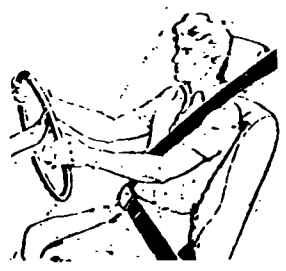
2vezes mais atenção!

ENSINE O SEU FILHO

Ensine o seu Filho a caminhar do lado esquerdo da Faixa de rodagem, para ver de Frente os veículos

PRP

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA



Use sempre o cinto de segurança

circular e viver.

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

Dallas, tudo bem: Sabugal, tudo mal

Efectuou-se no último sábado o casamento da prendada menina Sue Ellen, com o abastado negociante em pitróis e derivados. John Ross Ewing, universalmente conhecido por J.A., expressão que deve ser pronunciada Djei Ar, pois se dissermos, Jota Erre julgar-se-á que nos estamos referindo a uma firma de secos e molhados na Rua dos Bacalhoeiros.

O acontecimento verificou-se em Southfork, na cidade de Dallas, estado do Texas. Mas Texas não é só isto. Foi nesta cidade que Kennedy apanhou com um tiro na cervical. O crime ficou envolvido em misterioso mistério. Hoje, porém, poucas dúvidas restam de que todos os cordelinhos foram manobrados, não pela CIA ou pelo FBI, mas pelo dito JR. Ora, não paga a pena falar disto. **Dallas,** se hoje é célebre, deve-o pura e unicamente aos dramas da família Ewing.

Dramas e alegrias, diga-se, como a do enlace entre JR e Sue Ellen. Esta, que apresentava aquele sorriso mavioso de quem tem tudo a ganhar e nada a perder, ostentava um horroroso vestido azul feito pelos melhores costureiros do Texas e fazia rodear a testa de um belíssimo diadema de flores de laranjeira. A testa de JA também estava bem ornada pelo chapéu característico.

Na «corbeille» da noiva viam-se as mais variadas prendas vindas de todo o mundo. Mário Soares enviava as «Cem medidas para cem anos» a que JR, sempre mordaz, chamava «o velho testamento». O documento era enriquecido com um prefácio de Mota Pinto. Freitas do Amaral ofereceu o seu último discurso, traduzido em todas as línguas, incluindo as más-línguas. Foi igualmente muito saudado um telegrama do **Telejornal,** reiterando a sua fidelidade à amizade RTP-Reagan.

O acontecimento foi transmitido em directo, via satélite, para todos os países com quem a dinastia Ewing mantém estreitas relações, entre os quais, como é óbvio, Portugal. Entre os convidados, viam-se ilustres personagens como Proença de Carvalho (**este homem é perigoso** – confidenciava-nos o Bobby Ewing – **Ponham-se a pau. Tem valiosos trunfos na manga)** Maria Elisa (a qual desejaria – diz-se! – manter o lugar de directora de programas, na R T (exas) P subsidiada pelo JR) José Niza (interessado na exploração de velhas melodias) e ainda António Calvário, António Sala, e Cândida Branca-Flor que deliciaram a assistência com as suas últimas produções. No final os convidados dançaram o jogo da laranja, de que Artur Agostinho tirou a patente. O semanário «O Jornal» fez a reportagem da cerimónia considerando JR, Bobby e Cliff como «os legítimos representantes da nova-esquerda de quem a Humanidade tanto espera, resposta adequada ao chamado «socialismo real» que já esgotou todo o manancial de esperança».

Antes de dar o nó pela segunda vez, JR assistiu ao programa «Aqui e Agora». Ouviu atentamente os presidentes das Câmaras do Sabugal, da Guarda, de Almeida, lamentar a pobreza, as dificuldades desses concelhos.

No Sabugal, o segundo maior concelho do país (840 km2) não há uma única freguesia com água, nem com saneamento básico! Médico não há. A escola funciona no edifício onde era a cadeia e donde nem sequer as grades tiraram. **No Sabugal está tudo mal** – eis a frase atormentada que tudo resume.

Duríssimas queixas apresentaram Abílio Curto, da Guarda, e António de Sousa, de Almeida. Contra as restrições à aplicação da Lei das Finanças Locais, muito se insurgiram agora – é interessante notar que, até agora, só os autarcas da APU é que protestavam!

Depois de enumerarem todas as carências (das quais a ausência de electricidade não é a menor) ainda há quem se dê ao luxo ridículo de falar em desenvolvimento turístico. Mas o JA é de opinião de que tudo se pode remediar, de que a solução é facílima, se apenas falta o dinheiro.

Leva os convidados para um recanto, junto da piscina e segreda-lhes:

– A solução está no petróleo.

– Petróleo? No Sabugal? Havia lá uma cooperativa de frutas, e já nem disso falaram...

– Mas petróleo, isso há. Disso me encarrego eu. Mas por favor não digam nada ao mano Boby, se não lá se vai também o petróleo do Sabugal.

Bobby ouviu tudo. Arma-se uma zaragata de todo o tamanho. Resultado: JR, Bobby, Jeremias Amaral, António de Sousa, a D. Laura que ainda falava em termos de «Diário de Governo», o Cliff,o Manuel Porto, o Cerqueira, o Freire desbigodado, etc, foram todos para dentro da piscina para refrescar as ideias. E Sabugal, nem chegou a ter, como teve o Beato, a sua ilusão de petróleo.

Com seus olhos de ratinho vergonhoso, Proença de Carvalho assistia à telenovela americana com um sorriso de Mefistófeles para todo o serviço. «Aquele, sim – sussurava JR – com a vida daquele é que se fazia uma grande telenovela»...

Talvez. JR lá sabe...

Hoje

Na RTP-1 poderemos assistir, directamente do Teatro São Luiz, ao concerto integrado no 1.º Festival Internacional de Música de Lisboa, com a Scottish Chamber Orchestra e com o meio-soprano Teresa Berganza (na foto)

Das **13.30** às **17.30** **Ciclo Preparatório TV**
18.17 **Tempo dos Mais Novos** – «A História dos Packiderms» e «Palhaços à Solta».
18.55 **Tempo de Desporto** – natação.
19.30 **Telejornal**
20.30 **Telenovela** – «Origens».
21.00 **Concerto com Teresa Berganza**
23.50 **Último Jornal**

Na RTP-2 exibe-se mais um episódio da telenovela «Cabocla»

17.37 **TV/2 Notícias**
17.50 **«Mais Forte que o Destino»** – intérpretes: Alberto Dalbes, Floren Delbene, Domingo Sapelli e Morenita Galé. Realização: Júlio Saraceni.
19.30 **Desenhos Animados**
19.55 **Computadores**
20.25 **2.ª Volta**
22.00 **Jornal da Noite**
22.20 **Telenovela** – «Cabocla».

Amanhã

08.00: Bom Dia Portugal; **09.50**: Desenhos Animados; **10.10**: Movimento é Vida; **10.35**: «A Família Buddenbrook»; **11.35**: O Sétimo Continente; **12.10**: «Baila Comigo»; **13.00**: Jornal da Tarde; das **13.30** às **17.30**: Ciclo Preparatório TV; **18.17**: Tempo dos Mais Novos; **18.55**: Indústria, Hoje e Amanhã; **19.10**: Vamos Jogar no Totobola; **19.30**: Telejornal; **20.30**: «Origens»; **21.00**: Cannes/83; **22.10**: Grande Reportagem; **23.00**: Último Jornal.

09.30: Teletexto; **17.40**: TV/2 Notícias; **17.55**: «A Lady e o Motorista»; **19.30**: Desenhos Animados, **19.50**: 5ª Dimensão; **20.20**: Cine-Clube/2 – com o filme «As Troianas»; **22.00**: Jornal da Noite; **22.20**: «Cabocla».

ENTRE A VIDA E A MORTE
O SANGUE PODE DECIDIR

ouro
TODOS OS OBJECTOS
MESMO DANIFICADOS, CAUTELAS
DE PENHOR, MOEDAS, PRATAS
• COMPRO A P/ PAGAMENTO. • •
das 10 às 12 h. e das 14 às 18 h.
Av. Almirante Reis 175 1º (cinema IMPERIO)
VICTOR - telf. 53 82 20

Visite a
53ª FEIRA DO LIVRO
PARQUE EDUARDO VII
Aberta até
12 de Junho
APEL

PILOTO
Precisas-se para campanha de pesca no NW Atlântico no N/M «SERNACHE» de redes de emalhar.
Resposta a este jornal ao n.º 23 501

PILOTO
Precisa-se para campanha de pesca no NW Atlântico no N/M «Vimeiro» de redes de emalhar.
Resposta a este jornal ao n.º 23502

TRIBUNAL DA RELAÇÃO DE LISBOA

ANÚNCIO

FAZ SABER que pela 2.ª secção da Repartição Judicial do Tribunal da Relação de Lisboa, no processo n.º 15 358, correm éditos de sessenta — 60 dias, contados da 2.ª e última publicação do anúncio, citando JOFRE VAN-DUNEM JÚNIOR, com última residência conhecida na Rua Carlos Mardel, 108-1.º Dt.º em Lisboa, para no prazo de 10 dias, findo o dos éditos, deduzir, querendo, a oposição que tiver por conveniente, nos Autos de Revisão de Sentença Estrangeira proferida no processo n.º 11 0002-/81/A do Tribunal da 1.ª Vara Cível da Comarca de Luanda, com trânsito em julgado, que decretou o divórcio entre a Requerente Maria deFátima da Silva Bastos Van-Dunem e o Requerido, o ora citando, sob pena de a mesma ser revista e confirmada para produzir todos os efeitos legais em Portugal.

Lisboa, 6 de Maio de 1983

O Desembargador Relator
Ricardo António da Velha
O Escrivão Adjunto
José António Marques Lucas

«DL» — 23/5/83 — 1.ª Publicação

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 6.º JUÍZO

ANÚNCIO

Por este tribunal correm éditos de trinta dias, que começarão a contar-se da data da publicação do segundo e último anúncio citando os réus para no prazo de 20 (VINTE) dias, findo o prazo dos éditos, contestarem a acção que, em extracto é o seguinte: Serem os RR. condenados a pagarem aos AA. a título de indemnização ou de enriquecimento sem causa a importância de 93 320$00, acrescida dos compensatórios juros legais, desde a data do seu pagamento até efectivo reembolso, indemnização aquela referente a obras de adaptação efectuadas no r/c-Esq. e 1.º-Dt.º do n.º 102-102-A da Rua Claudin Nunes em Benfica — Lisboa.

Acção Ordinária n.º 2549 2.ª secção. Autor Laura Gusmão Sardinha Bernardo e outro.

Réu Maria Irene Ramos Rodrigues, ausente em parte incerta e com a última morada conhecida em Ourondo — Covilhã, e marido.

Lisboa, 19 de Maio de 1983

O Juiz de Direito,
a) F. Chichorro Rodrigues
Pel'o Escrivão de Direito,
a) C. Almeida Vitória

«DL» —23/5/83 — 1.ª Publicação

À CLASSE MÉDICA
Somos especializados em BATAS profissionais
TINTURARIA GUANABARA – Dep. de Confecções
Av. João XXI, 5-D – 1000 (Metro Areeiro)
Rua Infantaria 16, 55-C – 1300 LISBOA

notas & notas
concurso RTP
Nome _____
Morada _____
Localidade _____ Tel. _____
Código Postal _____ _____
Lic. TV Nº _____

motocicista
ACENDA OS MÉDIOS
mesmo durante o dia
DIRECÇÃO-GERAL DE VIAÇÃO • DSR

GRUNDIG
a segurança de um grande nome seleccionou para si...
Concerto com Teresa Berganza (21.00)
«Mais Forte que o Destino» (18.00)
...e sugere para hoje...
Origens
Sara pergunta a Júlia se estaria disposta a aceitar uma proposta pessoal em relação ao hotel. Ela diz-lhe que sim.
Os frequentadores da Catacumba decidem fechá-la. Mas de repente lembram-se de Nando, que chora, sozinho na casa de banho.
Gaspar aparece em casa de Ofélia e Julieta, com o peixe pescado no rio e convidando-se para jantar com elas.
ASSISTÊNCIA TÉCNICA GRUNDIG
NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

roteiro cultural

Cinema

Na Cinemateca, às 18 horas, filmes representativos das tendências do cinema documentário na RFA nos últimos anos, incidindo nos temas da emigração e desemprego. Às 21.30, prossegue o ciclo Fritz Lang com a exibição de «O Segredo da Porta Fechada», filme que será repetido amanhã no mesmo horário.

Conferências

Carlos Porto profere hoje, às 18 horas, na Sociedade Portuguesa de Autores (Av. Duque de Loulé, 31) uma conferência sobre «Teatros Independentes e Teatros de Estado», no âmbito de um ciclo de teatro promovido pela Associação Portugal-RDA, em colaboração com a SPA.

Uma semana de debates sobre Fernando Pessoa vai ter lugar no salão nobre do Teatro Nacional D. Maria II, na sequência dos espectáculos pessoanos que aquele teatro levou recentemente à cena. O ciclo, com sessões às 18.30, tem o seguinte programa: hoje, «Fernando Pessoa perante Bernardo Soares», por João Gaspar Simões; amanhã, «Euforia e Disforia do Livro do Desassossego», por Maria Aliete Galhoz; quarta-feira, Joel Serrão falará «De Fernando Pessoa a Antero de Quental»; quinta-feira, Teresa Rita Lopes ocupa-se de «F.P. e Villiers del'Isle-Adam»; finalmente, na sexta, Maria Luísa Guerra falará de «Álvaro Campos: felicidade na Austrália — uma mitologia do possível».

António Sérgio é o tema de um ciclo de palestras organizado pela Cooperativa de Estudos e Documentação, que assim encerra uma «Quinzena Sergiana» de homenagem ao grande escritor, no ano do centenário do seu nascimento. Henrique de Barros e Cecília Barreira falam hoje do pensamento socioeconómico e literário sergiano. Quarta-feira, o tema é o pensamento político de António Sérgio, com intervenções de António Reis, Piteira Santos, José Magalhães Godinho e Sottomayor Cardia. Na sexta, o pensamento histórico antropofilosófico e científico será abordado por Joel Serrão, Barahona Fernandes e Miller Guerra. Sessões às 18 horas.

Música

Teresa Berganza, uma das mais extraordinárias cantoras da actualidade interpretará hoje, às 21 e 30, no São Luiz, obras de alguns autores de que é exímia executante: Haendel, Vivaldi, Rossini e Falla. Será acompanhada pela Scottish Chamber Orchestra, dirigida pelo maestro Raymond Leppard, e no programa do concerto ouvir-se-ão ainda peças de Mozart, Crosse e Haydn.

O Congresso Internacional de Guitarra é hoje inaugurado no Museu Gulbenkian, às 15 horas, com a abertura de exposições e "ateliers". Santiago Kastner fará, na sessão inaugural, uma «Abordagem Histórica da Guitarra». Dagoberto Linhares dará um recital, às 18.30, no São Luiz.

Escultura de Graça Costa Cabral, em exposição na Galeria Quadrum

Exposições

Graça Costa Cabral expõe escultura na Galeria Quadrum (Rua Alberto de Oliveira — Coruchéus — Alvalade). É a primeira exposição individual da artista e encerra amanhã, podendo ser visitada das 10 às 13 e das 15 às 19 horas. A pedra é o material de todas as esculturas expostas.

Alice Jorge expõe pinturas, desenhos e aguarelas na Galeria de Ana Isabel (Rua da Emenda, 111, 1.º). A exposição está patente ao público até 9 de Junho, todos os dias úteis das 14.30 às 19.30 horas. «Mutações de Zeus», «Paisagens» e «Desenhos de Nus» são os temas da exposição.

Uma exposição comemorativa do centenário do nascimento do pintor Alves Cardoso encontra-se patente ao público na Sociedade Nacional de Belas Artes. Este notável pintor de paisagens, de cenas e tipos rústicos, foi discípulo de Carlos Reis, e em Paris de Cormon e Jean-Paul Laurens.

O Reino das Aparências, exposição de aguarelas de Júlio Resende e de fotografias de Jorg Amsel encontra-se patente ao público na sede da Delegação Regional do Norte do Ministério da Cultura (Rua António Cardoso, 175, Porto).

Uma exposição documental sobre preservação do património cultural e arquitectónico foi inaugurada sábado em Castelo Branco por iniciativa do Instituto Português do Património Cultural (IPPC).

O certame, de carácter itinerante, visa «levar as pessoas a uma tomada de consciência do grande valor que encerra o património construído em geral e a arquitectura popular e tradicional». Constituem a exposição 23 painéis com aspectos de aglomerados urbanos no passado e o seu aspecto no presente.

DECO ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA PARA A DEFESA DO CONSUMIDOR

ASSOCIAÇÃO SEM FINS LUCRATIVOS

PARA QUE OS SEUS DIREITOS SEJAM MELHOR DEFENDIDOS *faça-se sócio da DECO*

PRO TESTE

Revista especializada dos consumidores
Só distribuída a sócios
Quota semestral 300$00 — Jóia 50$00
Av. Defensores de Chaves 22-1.º D.
1000 Lisboa T. 57 39 08

Na NAZARÉ o Diário de Lisboa
vende-se na TABACARIA BATISTA

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
Banco Fundado em 1864
BANCO CENTENÁRIO UM BANCO MODERNO

COTAÇÕES DE NOTAS

	(Por unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	72$70	78$70
ALEMANHA FED (marco)	39$65	40$75
ÁUSTRIA (xelim)	5$50	5$70
BÉLGICA (franco)	1$804	2$04
BRASIL (cruzeiro)	$060	$160
CANADÁ (dólar – notas de 1 a 2)	79$55	81$55
(notas de 5 a 1000)	30$05	85$05
DINAMARCA (coroa)	11$10	11$50
ESPANHA (peseta)	$676	$796
EUA (dolar – notas de 1 a 2)	98$15	100$15
(notas de 5 a 1000)	98$05	100$05
FINLÂNDIA (marka)	18$00	18$60
FRANÇA (franco)	13$20	13$90
HOLANDA (florim)	35$30	36$30
INGLATERRA (libra)	153$30	157$30
IRLANDA (libra)	125$80	129$80
ITÁLIA (lira)	$061	$071
JAPÃO (iene)	$382	$417
NORUEGA (coroa)	13$75	14$25
SUÉCIA (coroa)	15$10	13$70
SUÍÇA (franco)	47$50	48$60
VENEZUELA (bolivar)	7$55	8$55

Observações:
1. – No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. – Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.

rádio

Antena Um

16.00: Batida de limão; **17.00**: ZGHIBZ; **18.30**: Informativo de trânsito; **19.00**: Informação e música; **20.00**: «Matai-vos Uns aos Outros», original de Jorge Reis; **20.15**: O Espaço é seu **21.00**: Toda a gente é pessoa; **21.30**: Viva a noite; **23.30**: Último jornal. Noticiários intercalares às **16.00**, **17.00**, **18.00**, **21.00**, **22.00** e **23.00** horas.

Programa 2

16.15: «Sinfonia Alpina», op. 64, de Richard Strauss; **16.40**: Música electroacústica, de Filipe Pires; **17.00**: Musicantes; **17.30**: Efeméride; **17.45**: A pianista Tadashi Kitagawa; **18.05**: Culturando; **19.30**: Terra viva, planeta azul; **20.10**: Música de cena; **21.00**: O canto e os seus intérpretes; **22.00**: Tudo isto e música também; **22.40**: Música de câmara, de Vivaldi; **23.00**: Intercâmbio musical; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Matinée; **20.00**: Conta corrente; **20.30**: Quando o telefone toca (3 edições); **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Religiosos – hora luterana; **22.30**: Tempo de desporto; **23.00**: 24.ª hora; **01.00**: O passageiro da noite; **02.00**: Uma noite com... Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; **16.00**: O som da frente; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Cinco estrelas; **21.00**: Abandajazz; **22.00**: Café concerto; **00.00**: Dois pontos; **02.00**: Uma noite com... Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Rede Nacional de OM e FM

15.00: Equipa da tarde; **18.00**: Jornal das regiões; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Programa da LAR; **20.00**: Horizonte; **21.00**: Hora de música; **22.00**: Ouvir e pensar – inclui Rosa dos Ventos; **23.00**: Última hora; **23.55**: Meditando. Noticiários intercalares a todas as horas.

Rede Sul de FM

14.00: Duas vezes seis; **21.00**: Quando o telefone toca; **21.30**: Paju.

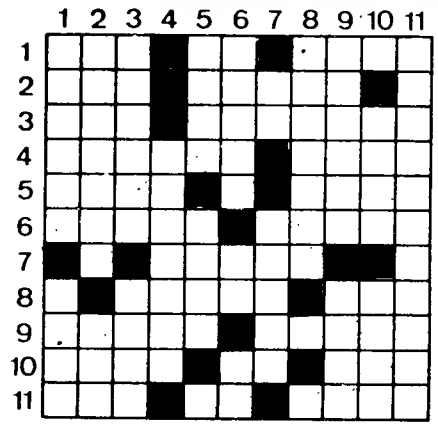
Tiragem média diaria do mês anterior: 42 150 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 13 744

HORIZONTAIS:

1 Aflição. Preposição. Divindade grega, filha de Deméter.
2 Freguesia do concelho de Vimioso. Obrigar a.
3 Terceiro. Alvejar.
4 O mesmo que tábula. Título de tratamento que se dava aos soberanos da França.
5 Fúteis. Nos cultos afro-brasileiros, divindade saída do ventre de Iemanjá, violentada por seu filho Orungá.
6 Peneira. Fruto do México.
7 Desejo sexual.
8 Fomental. Protecção (fig).
9 O mesmo que irisar. Saliência do lado externo da palma da mão.
10 Ninhos. Crença. Camareira.
11 Fluído aeriforme. Centímetro. Filtram.



VERTICAIS:

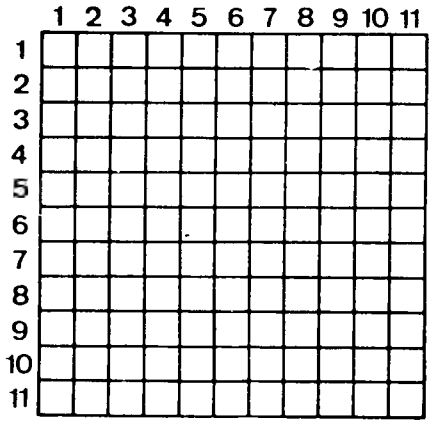
1 Em grande quantidade (pl). Condado da Irlanda.
2 Sistema de locomoção aérea por meio de aparelhos mais pesados que o ar. Esteiro.
3 Manchas. Escudeiros.
4 Povo do Cáucaso, que habita duas repúblicas autónomas.
5 Que se faz cada dia. (ant). Um dos filhos de Jacob.
6 Suster com estacas. Basta. Fármio (s. q.).
7 Rio de Itália. Inflamação da íris.
8 Lenitivo. Tempo do verbo ser.
9 O mesmo que urtiga. Homem de baixa estatura.
10 O mesmo que arão. Um dos estados do Brasil.
11 Leiloaram.

Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9595

HORIZONTAIS:

1 Aquele que, Legado.
2 Desmoronava-se. Senhora.
3 Depois de Cristo. Animaram.
4 Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. Nota musical. Cidade do Japão.
5 Cidade da Polónia. Interjeição sa ilha das Flores o mesmo que ai! oh!
6 Nome de peixe. Cúrio (s. q.).
7 Nota musical. Ilha da Polinésia. Sódio (s.q.).
8 Rado (s.q.). Prefixo de privação. Sair frequentemente à rua (inv).
9 Colheita. Niquel (s.q.).
10 Nome de mulher. O sono das crianças.Valiosa.
11 Molho com baba. Ergueras.



VERTICAIS:

1 Preposição. Ente. Entre os Sírios o último mês de Verão.
2 Morro da cidade do Rio de Janeiro. Romance de Emílio Zola.
3 Eurípio (s. q.). Senhores. Entre os Caldeus, o 5.º mês.
4 Nota musical. Encantos.
5 Amante. Recusa.
6 Tempo do verbo ir.
7 Assoa (afam)
8 Caminharás. Fortificara.
9 Sura ou vinho de palmeira, cozido duas ou três vezes. Distar.
10 Fedor. Jamais.
11 Serenarias (fig).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 743

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 NINGUÉM. É.	1 Nio. PROFETA.
2 Eram. Amor.	2 Bara. Sol.
3 Oboé. Cr. Rã.	3 Neoménia. Ma.
4 Amial. Isar.	4 Grei. Gana.
5 Pré. Mi. Mula.	5 Ua. América.
6 Rangel. Aa.	6 Em. Lilás. Na.
7 Iaras.	7 Sabem.
8 Anisassem.	8 Arimá. Sega.
9 És. Ac. Beira.	9 EM. SUA. Siar.
10 Tom. Anegar.	10 Oral. TERRA.
11 Alão. Amarás.	11 Araras. Ma.

Provérbio: **NINGUÉM É PROFETA EM SUA TERRA.**

SOLUCÃO DO PROBLEMA N.º 9594

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 De. Gas. Capa.	1 Dasserai. Fa.
2 Arpa. Elares.	2 Ero. Urrais.
3 Soera. Al. Pã.	3 Pequenino.
4 Qb. Tocais.	4 Garbo Asa.
5 Ou. Osa.	5 Ode
6 Rue. Rios.	6 Sé. Torce.
7 Arna. Caia.	7 Laos. Acero
8 Iris. Ecaras.	8 Calcariam.
9 Anão. Ema.	9 Ar. Iaras.
10 Fio Dor Sua.	10 Pepino Um.
11 As. Be. Ou. Ms.	11 Asas. Sósias.

cartaz de cinemas e teatros

abCINE 803055
Centro Comercial de Alvalade

SALA A

Às 14.30, 16.30, 18.30, 21.00 e 23.00
Para todos
LOUCAMENTE APAIXONADO

SALA B

As 14 45, 17 00, 19.00, 21 15 e 23 15
Int. m 13 anos
VICTOR VICTÓRIA

ALVALADE 897480
Av de Roma

Às 14.00 – 16.30 – 19.00 – 21.30
– N. ac. men. 18 a.
FANNY HILL, A SUECA ENDIABRADA
5.ª Semana

APOLO 763319
Av Julio Dinis, 10-A

Às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24
– N. ac. men. 13 a.
DO FUNDO DO CORAÇÃO
17.ª Semana

AVIS 547163
Av. Duque de Avila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– N ac men 13 a.
EU ZOMBO, TU ZOMBAS, ELA ZOMBA!

BERNA 776098
Av. Marquês de Tomar

às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
2001 ODISSEIA NO ESPAÇO
N. Acons.. m/13 anos
2.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093
Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Para Todos
O GRANDE RESTAURANTE

CASTIL 530194
Rua Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
TOOTSIE, QUANDO ELE ERA ELA

CINE 222 579460
Av Pr da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
SEGREDOS PROÍBIDOS

Às 24
O BANDO DE JESSE JAMES

CITY CINE 49999
R Tomas Ribeiro, 34

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– N. ac. men 13 a.
O ÚLTIMO METRO
Às 23.45
SANGUE SELVAGEM

CINE BLOCO 556824
Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas

Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30
N. ac men. 18 anos
MISSING

Às 24
CAÇA AO HOMEM

CINE CAMÕES 324194
Rua do Loreto, 15

Às 14, 16.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
A FORÇA DO DESTINO (HAATHI MERE SAATHI)

CONDES 322523
Av da Liberdade, 2

Às 14. 16.30 19 e 21.30
– Int. men. 18 a.
MOMENTOS ÍNTIMOS
2.ª Semana

EDEN 320768
P dos Restauradores, 21

Às 14, 16 30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
O DESAFIO DO DESTINO

ESTÚDIO 555134
Alam. Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
43.ª Semana

ESTÚDIO 444 779095
Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– Int. men. 13 a.
O DIVÓRCIO
Um filme de Pierre Baraouh

IMPÉRIO 555134/5
Al Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30 e 21.30
Maiores de 16 anos
O GRANDE FILÃO
2.ª Semana

LONDRES 801313
Av. de Roma, 7-A

Às 15.15, 18.30 e 21.30
– Int. men. 13 a
A NOITE DE VERENNES

POLITEAMA 326716
R. Portas S. Antão, 109

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
– M. 16 a.
O GRANDE FILÃO
2.ª Semana

MONTECARLO 681117
Av .Pedro Alvares Cabral, 37

As 14.15, 16.30, 18.15 e 21 30
– N. ac. men. 13 a.
O REGRESSO DA TURMA DOS MALANDROS

MONUMENTAL 555131
P. Duque de Saldanha

Às 15.15, 18.15 e 21 30
– N. ac. men. 13 a.
DOZE INDOMÁVEIS PATIFES

NIMAS 574362
Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 12 a.
O CASO DANTON

ODEON 328283/4
R. Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
Int. men. 13 anos
FÚRIA EM HONG-KONG

PATHE 821933
R. Francisco Sanches, 122

As 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
N. ac. men. 13 anos
ACIDENTE DE CAÇA

Uma cena do filme «A cidade branca». Realizado por Alain Tanner. Em exibição no Quarteto.

QUARTETO 771378
R. Flores de Lima, 16

SALA 1
Às 14, 16, 18, 20 e 23
– Int. men. 18 a.
BILÃO
Às 24
VIDA MODERNA

SALA 2
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.15
– Int. men. 13 a.
PERIGO IMINENTE
Às 23.30
TOMMY

SALA 3
Às 14, 16, 18, 20 e 22
– M. 16 a.
NEIGE (NEVE)
Às 24
O HOMEM DA MARATONA

SALA 4
Às 14.30, 16.45, 19, 21 e 23
– M. 18 a.
CIDADE BRANCA

ROMA 887778
Av. de Roma, 14 M-N

Às 15, 17, 19 e 21.30
– M. 12 a.
O PADRE E AS NUDISTAS

ROXY 548560
Av. Almirante Reis, 20

Às 15.15 e 21.30 – N. ac. men. 13 a.
BOBY

S. JORGE 579144-579344
Av. da Liberdade, 175

S. JORGE SALA 1
Às 13.45, 17.30 e 21.15
– N ac men 13 a
GANDHI
8.ª Semana

S. JORGE SALA 2
As 14 16 30 19 e 21 30
– Int men 13 a
VICTOR, VICTORIA
15.ª Semana

S. JORGE SALA 3
Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45
Int. men. 13 anos
THE GRADUATE (A PRIMEIRA NOITE)
3.ª Semana

SATÉLITE 562632
Av. Fontes Pereira de Melo, 61

Às 15, 17, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
UM DRAMA BURGUÊS

7.ª ARTE 730715
Av. República, à Est. de Entre Campos Junto ao n.º 68
Às 14 30 17 19 10 21 30 e 23 45
– N ac men 13 a
TOOTSIE, QUANDO ELE ERA ELA
Às 11.15
A FLAUTA DOS 6 STROUMPFS

STAR 804210
Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 15, 18.15 e 21 30
– N. ac. men. 13 a
A VIDA É UMA FESTA!
5.ª Semana

TERMINAL 371573
Estação do Rossio

As 11 13 15, 17, 19 21 30 e 23.30
– N ac men 13 a
TOOTSIE, E QUANDO ELE ERA ELA
6.ª semana

TIVOLI 570595
Av. da Liberdade, 188

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men 13 a.
MORTE AO SOL

VOX 880808
Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879

Às 15, 18.15 e 21.30
– Int. men. 13 a.
AS GRADES DO INFERNO

XENON 368480
Av. da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30
N. ac. men. 13 anos
O MEU PRIMO É UM ESCÂNDALO

outros cinemas

Lisboa
ALFA-1 – «Morte ao Sol», às 21.30 (13 anos)
ALFA-2 – «Scanners», às 21.30 (18 anos)
ALFA-3 – «A Fúria do Herói», às 21.45 (16 anos)
ZODÍACO – «Bonnie e Clyde», 21.30 (18 anos)
QUINTETO – «Justiça de Guerra», às 21.30 (13 anos)
CINE-ESTÚDIO ACS – «A Espada e o Feiticeiro», às 21.30 (18 anos)
RESTELO – «Os Guerreiros de Bronx», às 21.30 (16 anos)
2000 – «Enigma», às 21.30 (12 anos)
MUNDIAL – «Internato de Raparigas», às 21.30 (18 anos)
CAPITÓLIO – «Star Virgem», às 21.00 e 23.00 (18 anos)
OLÍMPIA – «O Calor das Caloiras», sessões permanentes (18 anos)
CINEMATECA PORTUGUESA – «O Segredo da Porta Fechada», às 21.30 (18 anos)
ROYAL – «Na Pista da Pantera», às 21.30 (13 anos)
PROMOTORA – «Mais Forte que Bruce Lee», às 21.30 (13 anos)

Linha de Cascais
SÃO JOÃO DO ESTORIL – Cinelândia – «Mercenários por Conta Própria», às 21.15 (18 anos)
ESTORIL – Casino – «Missing, Desaparecido», às 21.15 (18 anos)
CASCAIS – Impala – «Assim Nasce um Herói», às 21.30 (18 anos)
CASCAIS – Oxford – «Fuga para a Felicidade», às 21 30 (18 anos)

Outra banda
COSTA DE CAPARICA – Slicine – «Círculo de Mentira», às 21.30 (13 anos)
ALMADA – Cine-Estúdio – «A Felina», às 21 30 (18 anos)
ALMADA – Incrível – «A Força da Razão», às 21.15 (13 anos)
ALMADA – Academia – «Montenegro», às 21.15 (18 anos)
SETÚBAL – Júpiter – «O Pelotão Chanfrado», às 21.15 (13 anos)

Linha de Sintra
AMADORA – Cine-Plaza – «Na Calada da Noite», às 21.30 (13 anos)
AMADORA – Lido – «Brigada do Vício», às 21.30 (18 anos)
AMADORA – Cinestúdio – «Contos da Loucura Normal», às 21.30 (18 anos)
CACÉM – Cine-Estúdio Flores – «Desforra do Vietname», às 21.30 (18 anos)
ERICEIRA – Cinestúdio – «O Regresso de Shangai Joe», às 21.15 (13 anos)

Porto
VALE FORMOSO – «Os Reis do Asfalto», às 21.30 (13 anos)
OLÍMPIA – «Ator, o Implacável», às 21.30 (12 anos)
RIVOLI – «Eu Sou Minha», às 21.30 (13 anos)
BEBÉ – «As Irmãs», às 21.30 (13 anos)
SÃO JOÃO – «Morte ao Sol», às 21.30 (13 anos)
RAIONE – «O Império Contra-Ataca», às 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE – Sala L – «Conflito de Gerações», às 21.45 (13 anos)
LUMIÈRE – Sala A – «Universo em Fantasia», às 21.30 (13 anos)
TRINDADE – «Ghandi», às 21.30 (13 anos)
ÁGUIA – «Tarzoon, a Vergonha da Selva», às 21.30 (18 anos)
ESTÚDIO – «Rainha Africana», às 21.30 (18 anos)
CHARLOT – «O Regresso do Espião», às 21.30 (18 anos)
PASSOS MANUEL – «Morte ao Sol», às 21.45 (13 anos)
BATALHA – «As Freiras de St.º Arcângelo», às 21.30 (18 anos)
PEDRO CEM – «O Bar da Ultima Esperança», às 21.30 (13 anos)
JÚLIO DINIS – «A Turma dos Repetentes», às 21.30 (13 anos)
COLISEU – «Acaba com Eles e Volta Só», às 21.30 (18 anos)
FOCO – «Rolling Stones», às 21.30 (13 anos)

farmácias

Lisboa
PERMANENTE

ALAMEDA - FONTE LUMINOSA: Ibéria, R. Barão de Sabrosa, 235-235-A (T. 888277); **ALVALADE: Alvalade**, Av. da Igreja, 18-A (T. 892070); **ANJOS - LISBOA GINÁSIO CLUBE: São José**, R. dos Anjos, 41-A (T. 570730); **BAIRRO ALTO: Veritas**, R. da Misericórdia, 135 (T. 327564); **BENFICA - CHARQUINHO: Macedo**, E. Poço do Chão, 69-C (T. 703697); **CAMPO D'OURIQUE: Ivone**, R. Silva Carvalho, 232-C (T. 650760); **ESTRELA - POSSIDÓNIO SILVA: Tagus**, R. Possidónio Silva, 162-A (T. 669485); **MADRE DE DEUS -POÇO DO BISPO: Grijó**, R. do Grilo, 25 (T. 385264); **PAMPULHA: Hospital da CUF**, C. do Sacramento (T. 609111); **RESTELO - ALGÉS: Ocidental**, R. D. Jerónimo Osório, 18-D (T. 610256); **SALDANHA: Cruz Nunes**, P. Duque de Saldanha, 14-15 (T. 41845); **ALGÉS: Dias & Saraiva**, R. Major Afonso Pala, 19 (T. 2114487); **ODIVELAS: Nabais Vicente**, R. A, lote 19-A, loja, Urbanização Codivel; **PONTINHA: Leitão Ribeiro**, R. A do Falcão, 3-A (T. 993912).

REFORÇO

ALCÂNTARA: Probidade, R. de Alcântara, 15-A-B (T 638589); **ARCO DO CEGO - CHILE: São Jorge**, L. do Leão, 3-A-B (T. 534027); **AREEIRO - APEADEIRO: Nova Lisboa**, R. Guilhermina Suggia, 12 (T. 887721); **ESTRELA: Aurélio Rego**, C. da Estrela, 139 (T. 661758); **GRAÇA: Almeida Dias**, L. da Graça, 38-39 (T. 862909); **LARGO DO CAMPO PEQUENO; Miranda**, L. Campo Pequeno, 36-B (T. 770776); **LUMIAR: Central do Lumiar**, Al. das Linhas de Torres, 254-B (T. 798063); **OLIVAIS VELHO: Olivais**, R. Alves Gouveia, 19 (T. 311237); **PALHAVÃ: Curie**, Av. Madame Curie, 15-A (T. 778439); **SÃO JOSÉ - TIVOLI: Fernandes**, R. São José, 187 (T. 326476); **BRANDOA: Tavares de Matos**, R. 8, lote 308 (T. 993220); **BURACA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. Açores, 11-A (T. 910305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. Prioras (T. 2519939).

Linha de Cascais
TIRES: Guimarães, R. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. João P. Correia, 40-B (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**. Até às 22 horas; **OEIRAS: Mourão Vaz**, Av. Moçambique, 18-C (T. 247196). Até às 22 horas; **NOVA OEIRAS: Leal**, Quinta das Palmeiras, lote 24, r/c (T. 2478737). Permanente; **CARCAVELOS: Central**, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, Av. Sabóia, 29-B (T. 260085). Até às 22 horas; **PAREDE: Grincho**, Av. da República, 87-A (T. 2471204). Permanente; **MURTAL: Primavera**, R. das Parreiras, 2 (T. 2472278). Até às 22 horas; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas. Até às 22 horas; **MADORNA: Madeira**. Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anj. (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL: Ostende**, R. de Espinho, 1 (T. 260391). Até às 22 horas; **CASCAIS: A. Costa**, R. Freitas Reis, 24-C (T. 280214). Permanente.

Linha de Sintra
AMADORA: Girassol, R. Elias Garcia, 17-C (T. 974161). Permanente, **Helénica**, R. Elias Garcia, 372 (T. 933613). Até às 22 horas; **DAMAIA: Confiança**, R. Bartolomeu Dias, lote D (T. 9710231). Até às 22 horas; **QUELUZ: Correia**, L. do Mercado, 3 (T. 950906). Até às 22 horas; **CAMARATE: Nova da Charneca**, R Cidade de Lisboa, 94 (T. 2518726). Até às 19 horas; **CACÉM: Araújo e Sá**, E. de Paço de Arcos, lote 1-B (T. 9240781). Permanente; **MEM MARTINS: Química**, E de Mem Martins, 285 (T 9210012) Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA: Cargaleiro Lourenço**. Até às 22 horas; **SINTRA: Marrazes**, Estefânia (T. (°3005)). Permanente, **COLARES: Abreja** (T. 9290088).

MOSCAVIDE: Pedro Gomes, B 25 de Abril, 13 (T. 25119670). Permanente; **SACAVÉM: Lourenço**, Av. Almirante Reis, 21 (T. 2518151) Até às 22 horas; **LOURES: Saraiva**, Av. da República, 86 (T 2530027). Permanente.

Outra Banda
ALMADA: Galeno, R. Capitão Leitão, 85-B (T. 2760565) Até às 22 horas; **COVA DA PIEDADE: Rainha Santa**, R. Sociedade Fua Piedense, 50-A (T 2294182); **LARANJEIRO: Feijó**, R Borges Reg, 7, Feijó (T. 2290911). Até às 22 horas; **COSTA DE CAPARICA: Carlos**, Av. do Mar, 24-A, Quinta de Santo António (T. 2401060) Até às 19 horas; **SESIMBRA: Leão**, Av da Liberdade, 13 (T. 2233471); **BARREIRO: Normal**, Av. Alfredo da Silva, 116 (T 2073035) Permanente; **AMORA; Julieta Campos**, R. Ribatejo, 2, Cruz de Pau (T. 2211131). Até às 22 horas; **SEIXAL: Central**, E. Nacional, 9, Aldeia de Paio Pires (T. 2210365) Até às 22 horas; **MONTIJO; São Pedro**, Av. Camões, 16 (T. 2311123); **MOITA: União Moitense**, Av Dr. Teófilo Braga (T 239025); **ALHOS VEDROS: Gusmão**, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 204020); **ALCOCHETE: Nunes**, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137); **SETÚBAL: Costa**, R. da Misericórdia, 48. Permanente; **Brasil**, P. do Brasil, 14. Até às 22 horas.

Porto
DAS 9 ÀS 12 E DAS 14 ÀS 22 HORAS

PEREIRÓ, R. da Preciosa, 35; **ORDEM DA TRINDADE**, R. Heróis e Mártires de Angola; **CARNEIRO BARBOSA**, R. Firmeza, 99-A; **DA AREOSA**, R. D. Afonso Henriques, 1-5. Areosa; **ALMEIDA**, R. Castelo de Numão, 37.

DE DIA E TODA A NOITE

HERCULANO, R. Alexandre Herculano, 384; **TERREIRO**, R. da Reboleira, 21; **BARROS**, R. do Bonjardim, 1292; **VITÓRIA**, R. São Roque da Lameira, 756; **MAIA**, R. do Campo Alegre, 192

Coimbra
DAS 9 HORAS ÀS 9 DO DIA SEGUINTE

BAPTISTA, P da República, 9-10 (T. 23747); **RAINHA SANTA**, R. Figueira da Foz, 11-B (T. 24737).

teatros

Lisboa
ABC – «E Sempre a Votar», às 20 30 e 23.00 (18 anos)
VARIEDADES – «Há mas São Verdes», às 21.30 e 23.00 (18 anos)

Porto
SÁ DA BANDEIRA – «A Ratoeira», às 21.30 (13 anos)
SEIVA TRUPE – «Um Cálice de Porto», às 21.30 (13 anos)

DL

PORTE PAGO

Propriedade, Composição e Impressão:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração. Redacção. Publicidade e Serviços Técnicos:
RUA LUZ SORIANO, 44 – 1200 LISBOA
TELEFONES 321154/5 – 320271/2/3
Publicidade. 368740
Serviço de noite (depois das 21).
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3

Depósito Legal n.º 1426/82
Endereço Telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL
DELEGAÇÃO DO PORTO
Rua do Almada. 30-2.º – 4000 PORTO
Telefones: 20954/5

Distribuição: INTERPRESS
Rua do Norte. 115-1.º – 1200 LISBOA
Telefones: 322100-322204-320784

MARÉS DE HOJE
PREIA-MAR BAIXA-MAR
1.19 3,8 m 7.21 1,1 m
13.51 3,7 m 19.37 1,2 m
Dia 24
1.10 3,9 m 8.03 1,0 m
14.36 3,9 m 20.20 1,0 m

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS

VIANA DO CASTELO	9º
BRAGANÇA	5º
VILA REAL	8º
PORTO	10º
PENHAS DOURADAS	–
COIMBRA	10º
CABO CARVOEIRO	14º
PORTALEGRE	7º
LISBOA	11º
ÉVORA	9º
BEJA	6º
SAGRES	12º
FARO	12º
PONTA DELGADA	14º
FUNCHAL	16º

tempo

PREVISÃO DO TEMPO PARA AMANHÃ

Céu pouco nublado ou limpo temporariamente muito nublado durante a manhã na parte noroeste do território vento fraco moderado de Norte nebulinas matinais no litoral oeste a Norte do Cabo Mondego.

Ultimas

NUM PLENÁRIO realizado, esta manhã, no Teatro Sá da Bandeira, do Porto, os seus 110 trabalhadores aprovaram, por unanimidade, o envio de um telegrama ao PR e outros órgãos do Poder, manifestando a sua inquietação «sobre o possível encerramento do teatro por parte do presidente da Câmara» e apelando para que o assunto «seja visto com justiça de modo a não ser afectada a centena e meia de trabalhadores».

APROVEITOU-SE DA LIBERDADE que lhe foi concedida a título precário para não regressar à cadeia passados os cinco dias, e continuar a sua actividade favorita: furtar automóveis. Foi a noite passada encontra do em Odivelas dentro de uma viatura furtada na véspera. Quem o surpreendeu foi o próprio ofendido que de imediato o entregou à PSP. Esta verificou tratar-se de José do Nascimento Viegas, de 26 anos, ausente desde o dia 6 do corrente mês do Estabelecimento Prisional de Vale de Judeus, a Alcoentre.

DUAS BAILARINAS ESTRANGEIRAS hospedadas numa pensão da Rua Pinheiro Chagas, deram pelo desaparecimento das suas economias e outros valores calculados em 140 contos, levados do seu quarto por alguém que terá usado chave falsa, ou actuando como tal. As vítimas estão esperançadas em que a Judiciária esclareça o «mistério» e lhes devolva os valores.

Um tesouro na lama...

Moedas antigas descobertas em Rio Tinto

Um verdadeiro tesòuro foi descoberto, na passada sexta-feira, num terreno situado entre as ruas do Clube Atlético de Rio Tinto, e do Caneiro, no concelho de Gondomar. Logo que se soube do achado, homens, mulheres, novos e velhos, dirigiram-se, em romaria, para o local e começaram a esgravatar a terra, donde iam recolhendo os cruzados com mais de meio século. Quase todos foram contemplados com pelo menos uma moeda, quase todas de 400 réis, com a inscrição latina «in hoc signo vinces» (com este sinal vencerás), rodeando uma cruz de Cristo.

Nem a chuva que nestes últimos dias têm caído copiosamente demoveu os «pesquisadores», muitos deles enterrados até aos tornozelos na terra lamacenta, que escavavam de sachola em punho e alguns até munidos de lanternas...

Recorde-se que há cerca de seis anos numa propriedade vizinha houve idêntico achado. As moedas foram cunhadas em datas remotas e há-as de D. José I, D. João VI e D . Luís I. Depois da corrida dos «pesquisadores» tudo indica que os coleccionadores não tardarão a chegar a Rio Tinto...

"Dia da Limpeza da Cidade"

Cortejo de viaturas percorreu ruas do Porto

Dezenas de viaturas da limpeza e recolha do lixo, engalanadas com balões e dísticos de apoio à limpeza, desfilaram, ontem à tarde, pelas principais ruas do Porto, assinalando o «Dia da Limpeza da Cidade», iniciativa do Pelouro de Limpeza e Serviços Gerais da Câmara Municipal do Porto.

No cortejo, que saiu do Palácio de Cristal e que, durante mais de uma hora, desfilou pela cidade, incorporaram-se entidades civis, nomeadamente, o presidente do município e vereadores, para além de centenas de populares, associações de moradores, clubes recreativos, associações culturais e desportivas e juntas de freguesia, algumas das quais com estandartes e cartazes alusivos à campanha.

«Onde há lixo, há moscas», «O lixo polui a água do rio», «O lixo provoca maus cheiros», «O lixo retira os valores culturais», «Nunca deite lixo ao chão» e «Será feita a desratização da cidade», eram algumas das frases que se podiam ler nos carros e que a população aproveitou para entoar no cortejo.

No desfile, integraram-se, ainda, viaturas de caixa aberta com equipamento para enchimento de balões que funcionários municipais, vestidos com o novo fardamento, distribuíram à pequenada.

Nesses milhares de balões, lia-se a frase: «Porto connosco é limpinho», um dos «slogans» em que assenta esta campanha de sensibilização para o problema do lixo, e que, ontem, se iniciou.

Bandas de música e ranchos folclóricos, bem como «majoretes» e a fanfarra dos Bombeiros Voluntários Portuenses, participaram no desfile.

A população concentrou-se, depois, na Avenida dos Aliados, onde decorreu um espectáculo folclórico com grupos que se integravam no cortejo.

No local, ficaram expostas as 30 novas viaturas da limpeza urbana da cidade, tendo sido distribuídas brochuras sobre conceitos e cuidados de limpeza.

Pretende-se, com esta iniciativa, «não só sensibilizar a população para a grande tarefa que é fazer do Porto uma cidade limpa e escorreita, como, ainda, levar toda a gente a participar activamente, numa campanha que a todos beneficiará», afirmou, à ANOP, um responsável pela organização.

«Este acto cívico, que hoje se demonstrou, iniciou uma série de acções que os serviços gerais de limpeza da câmara vão desencadear, e poderá ter grande significado no desenvolvimento da campanha da limpeza que o município pretende de grande mobilização para uma questão que diz respeito a todos nós» – frisou, ainda, aquele responsável.

O «Dia da Limpeza», compreendeu, ainda, da parte da manhã, uma visita à exposição de material dos serviços nos jardins do Palácio de Cristal, onde a população assistiu, em ambiente de festa, a demonstrações de limpeza por funcionários municipais.

Seguiu-se, depois, um almoço de confraternização na Cantina do Carvalhido, onde foram entregues, pela câmara, duas medalhas de prata e cobre pelos bons serviços prestados, a dois antigos funcionários.

Passeio da "Erva Daninha"

Vou dizer os nomes de quem destrói o Porto e o seu património

— *ameaça Paulo Valada*

PORTO, 23 – «Vêem-se aí pessoas a defender certas posições, a dizer coisas quando estão em grupo, mas depois são elas mesmas que, isoladamente, destróem a cidade e o seu património. Mas eu vou para a Imprensa e vou dizer os nomes. Essas pessoas vão ter que assumir as suas responsabilidades».

Estas palavras foram proferidas ontem de manhã pelo eng. Paulo Valada, presidente da Câmara Municipal do Porto durante a visita às obras de recuperação do velho Mercado de Ferreira Borges, promovida pela associação Erva Daninha.

Atribuindo à sua acção, como primeiro responsável pela edilidade, «apenas um mérito – o de desenganar as pessoas, de lhes dizer a verdade sobre o que acontece na cidade onde vivem», o eng. Paulo Valada, o primeiro autarca a intervir, como convidado, no passeio de domingo da Erva Daninha, destacou a propósito o significado da divulgação dos valores patrimoniais do Porto para acrescentar que normalmente «o presidente da Câmara é apenas o bode expiatório da irresponsabilidade colectiva», e que a cidade «carece de uma forte opinião pública» capaz de intervir nos problemas e nas soluções.

Com a franqueza habitual do seu discurso, Paulo Valada acusou também o centralismo e o «legalismo exagerado» da nossa Administração que impedem as soluções locais adequadas, acrescentando que o legalismo chegou a um ponto «em que a legalidade já não está de acordo com a realidade», e o resultado é, por exemplo, ver destruir, por força de certos regulamentos, edifícios que resistiram séculos.

O Mercado Ferreira Borges que, prestes a desmoronar-se, não iria aguentar mais dois anos, foi apontado um exemplo na defesa de valores colectivos do Porto, já que a partir do próximo Verão será transformado em local de exposições e de actividades culturais das populações da zona histórica do Porto. O calendário até ao fim do ano está já praticamente elaborado. Recorde-se que este velho mercado, inaugurado em 1888, é uma das nossas melhores peças da arquitectura do ferro, esteve para ser demolido há anos, de acordo com um projecto camarário que pretendia instalar ali um silo-auto, tendo a campanha de protestos da Imprensa portuense levado depois ao cancelamento dessa ideia.

«Não é possível recuperar uma zona histórica se se destruir a sua ambiência e os seus hábitos» – disse depois o presidente da Câmara para acrescentar que «esta zona é para quem aqui nasceu, não é para encher de escritórios». Paulo Valada referiu-se à saída das populações locais («mudaram-se pessoas como quem muda móveis de uma lado para o outro») e salientou que «muita gente foi atirada para longe desta zona onde tinha as suas raízes».

Paulo Valada sustentou ainda a recuperação de certas actividades tradicionais e ainda de artérias portuenses historicamente ligadas a velhas profissões. «É preciso recuperar essas profissões e fazer com que as actividades culturais passem de atitudes contemplativas em relação ao passado, para serem uma coisa verdadeiramente criativa». Paulo Valada dirigiu ainda um apelo ao empenhamento das associações culturais da cidade para a sua recuperação «como centro histórico de troca, como a zona mais criativa do País», sobretudo porque a recuperação dessa tradição do Porto «não é obra desta Câmara nem de Câmara nenhuma».

José Gomes Bandeira

Esta tarde na Boa-Hora

Parteira ouve sentença

— *Carminda morreu durante o aborto*

Uma parteira poderá, esta tarde no 1.º Juízo do Tribunal da Boa Hora, ser condenada. Maria Joaquina Ferrera, parteira, fazia um aborto a Carminda Lopes, de 30 anos, que morreu durante a interrupção da gravidez.

«E logo hoje que ia de férias para Londres...» — desabafou a parteira, e isso mesmo foi contado, no Tribunal, quando ainda tentava a reanimação da Carminda Lopes. Tudo isto aconteceu em 1981. A Carminda era mulher a dias e o marido, operário da Cometna. Moravam em Cascais e tinham dois filhos, de 6 e 7 anos, que «estudavam em bons colégios». E para isso, ela trabalhava brutalmente assim como o marido. Engravidou e sem dizer nada ao marido, acompanhada da cunhada, foi à parteira. Ao marido, deu apenas uma desculpa...

Na sala estavam mais duas mulheres à espera, enquanto outra já saía, depis de ter sido **despachada.** Puseram-lhe a máscara e, a meio, a cunhada via-a muito branca e a tentar libertar-se da máscara. Avisou a parteira, segundo nos relata alguém com acesso ao processo. Afivelaram-lhe a máscara. Carminda Lopes falecia.

A cunhada, quando viu o que tinha acontecido, foi chamar o irmão. Este exigiu a presença da Polícia enquanto o corpo era enviado para o Instituto de Medicina Legal. Aí, com a autópsia, foi detectado que Carminda Lopes tinha uma insuficiência coronária.

J. H. Santos Barros morto em Espanha

Aquele que era considerado o maior poeta vivo dos Açores, J. H. Santos Barros, morreu sexta-feira passada em Espanha, perto de Mérida, num acidente de viação. A mulher, Ivone Chinita, pereceu também no desastre – um choque com outro veículo conduzido por um cidadão português, cuja identidade de momento se ignora.

Natural da Ilha Terceira, José Henrique Santos Barros revelou-sea partir de 1976, nas páginas de «Glacial», suplemento do jornal «A União», de Angra do Heroísmo.

A sua produção literária pode resumir-se nos seguintes títulos: «Imagem Fulminante» (71), «Testes e Versos para andar na rua» (73), «Vinte anos de literatura e arte nos Açores» (ensaio, 77), «Os alicates do tempo» (79), «São Mateus: outros lugares e nomes» (81) e «O lavrador das ilhas» (ensaios, 82).

Refira-se ainda que J.H. Santos Barros, que colaborou no «DL ler/escrever», foi ainda fundador e coordenador do suplemento «Contexto», do «Jornal dos Açores».

Ivone Chinita, da Cooperativa «Era Nova», publicou em 1970 «Digo fome», em 1974 «Relatório fragmentado», em 79 «Mulher em horas de ponta» e em 1980 «Outra versão da casa». Tinha um outro livro programado para sair muito brevemente.

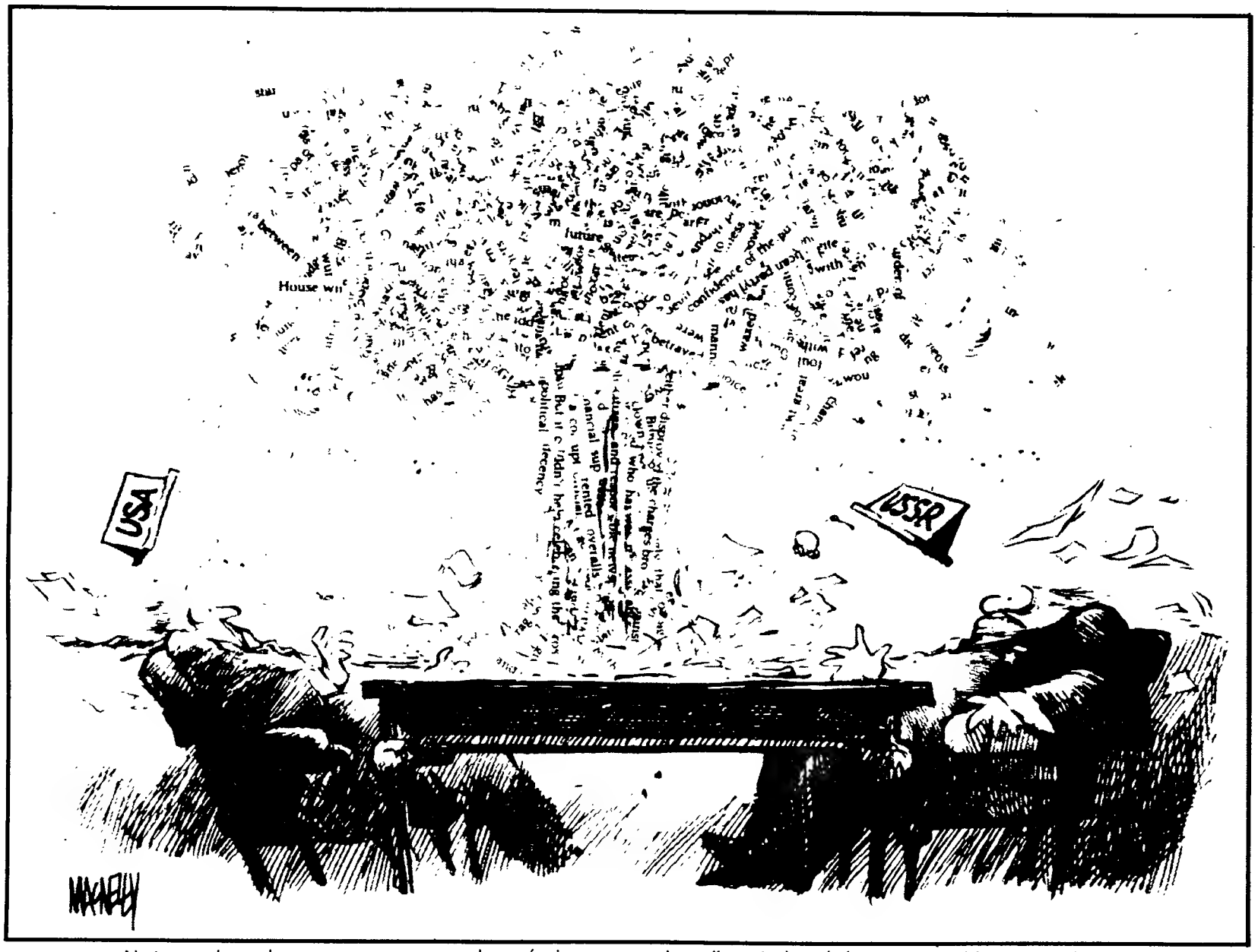
O casal deixa duas gémeas, de 10 anos. Os corpos de Santos Barros e Ivone Chinita devem chegar ainda hoje, em princípio a Lisboa.

Sete Ponto Sete

Jovens manifestantes diante do Palácio da Justiça de Monza, quando se abriu o processo de Seveso: eles propõem o boicote dos produtos Hoffmann-La Roche

Encontrados os bidons com a dioxina de Seveso

Pág. 2



No termo de um longo «suspense» por eles próprios provocado e alimentado pela imprensa, os bispos americanos enfureceram a Casa Branca tomando posição contra o incremento das armas nucleares. No mesmo período, três mil representantes de organizações pelo desarmamento reuniam-se em Berlim... e dificilmente poderiam ser acusados de agirem como maionetas de Moscovo.

De Chicago a Berlim

Págs 4 e 5

Responsável de edição, João Mendes.
Correspondência, «Diário de Lisboa»/Sete Ponto Sete, Rua Luz Soriano, 44, 1200 Lisboa

Mitos

Editorial

Terceiro acto

Na passada quinta-feira, 19 de Maio, os 41 bidons da dioxina de Seveso, que toda a Europa procurava desde há meses, foram encontrados no pátio de um antigo matadouro de Anguilcourt-le--Sart, uma aldeia de 300 habitantes no Aisne francês. O especialista em eliminação de desperdícios industriais Bernard Paringaux, de 66 anos, que os fizera desaparecer, quebrou o silêncio (a lei do «milieu») na sua prisão de Saint-Quentin, próximo do local onde acabou por abandonar os bidons.

Paringaux é um nome que os franceses vão esquecer facilmente. Mais difícil será inocentarem a Hoffmann-La Roche, o grupo sui ço responsável pela catástrofe de Seveso, e que já se tornara num alvo preferido das organizações de consumidores e dos grupos ecologistas desde que tivera um outro «azar», esse mortífero, com o pó-de-talco Morhange, produzido pela Givaudan, uma sua filial.

A Hofffmann-La Roche é o 15.° grupo químico europeu, e representa hoje 3 por cento dos fármacos em todo o mundo. Ela tentou desde o primeiro instante, em Julho de 1976, minimizar o significado do «acidente» com a fábrica de Seveso, e manteve essa posição mesmo quando o assunto saltou para as primeiras páginas da imprensa europeia e para o Parlamento e Governo italianos.

A dioxina, ou TCDD, é um herbicida muito venenoso, que os americanos usaram como desfolhante no Vietname. Inúmeras esécies animais sofrem, em diferentes graus, os seus efeitos. No homem, à falta de experiência, ignora-se a partir de que dose ela é mortal, mas sabe-se que, penetrando no organismo pela pele, pela boca e pelas narinas, ela pode atacar o coração, as células sanguíneas e provocar lesões cromossómicas irreversíveis. As mulheres de Seveso foram aconselhadas, depois do «acidente» de 1976, a «esperarem alguns anos antes de engravidarem de novo», e as 193 pessoas – entre as quais numerosas crianças – tratadas de lesões provocadas pela «nuvem de veneno» queixavam-se de queimaduras de pele, apresentavam pústulas em torno dos olhos e perturbações urinárias.

Na própria quinta-feira 19, a Hoffmann-La Roche, que se mantivera num silêncio quase total enquanto os seus bidons de Seveso eram procurados em toda a Europa, entrou ruidosamente em contacto com o governo francês, oferecendo os seus préstimos para analisar o estado do produto e para o fazer, de novo, desaparecer.

A multinacional suíça e a empresa alemã Mannesmann, encarregada de eliminar a dioxina de Seveso, e que acabou por contratar Paringaux e a sua Spelidec, de Marselha, são agora que os bidons foram encontrados, os principais «réus» dessa espécie de tribunal da opinião pública em que todo o cidadão se sentiu, nos últimos meses, um acusador público.

O primeiro acto desta história de envenenamento de populações por uma multinacional conhecida de todas as farmácias criou uma verdadeira psicose em Itália e fez cerca de 200 vítimas, felizmente não mortais. O segundo é um derivativo detectivesco, a história sórdida de uma enorme irresponsabilidade não assumida. Haverá um terceiro? Virá de facto a Hoffmann-La Roche a sentar-se perante um tribunal?

João Mendes

Michel Serres:

Roma, o livro das fundações

Chaké Matossian

GENESE, como se lembram (1), era o livro do múltiplo, o levro dos começos. **Roma** (2) é uma variação desse mesmo livro, variação como as há na marinha ou na música. Porque ainda se trata da passagem do Noroeste, dos rios a atravessar, de ilhas e da **Odisseia**. Porque ainda se trata do ruído, da disputa, da escuta, de vozes, de lamentos e de parasitas.

Roma, livre leitura de Tito--Lívio, intitula-se o livro das fundações porque indica que no começo se encontra a pedra. As multidões de Roma concretizam o múltiplo. Roma cria a relação com o objecto, e, por isso mesmo, funda o humano.

Michel Serres quer reunir aqui Demócrito e Newton. Trata-se pois de particulas disseminadas, de turbilhões e de branco. As térmitas espalham--se por pequenas bolas de terra, uma grande bola pode atrair mais facilmente outras bolas. Surge a termiteira. Mas a destribuição continua em volta, as térmitas da diáspora espalham sementes microbianas nas suas bolas e isto é o mais importante. Deixemos a termiteira. Procuremos ver só a cena, o herói e a luta. Iclinemo-nos mais para «a acumulação local das pequenas leis finas», para «a nuvem energética do caos» (p. 247), que reborda a termiteira ou a cena, na agitação construída, no **flow** necessário da história.

O objecto, o branco

Genese: no começo era o caos, a disputa, o branco, a marca do pé. **Roma:** é sob os fundamentos jazem cadáveres, porque o fundamento só pode nascer da morte violenta. Michel Serres retoma a tese de René Girard. Mais variação.

Roma só pôde ser fundada através da morte violenta do Outro e do Mesmo, dos gémeos que traziam em si o ódio, do corpo amortalhado das vestais, das máculas de Albula, rio branco que estão se torna Tibre. O corpo de Tibério marca Albula, o rio branco transforma-se em espaço determinado, Albula folha branca fica para todo o sempre impressa.

As vestais, castas guardiãs do fogo de Vesta, recebem a morte como castigo por se terem descoberto. Enterradas vivas reintegram o fogo da Terra, a caverna das origens que até então guardavam simbolicamente. Quantas vestais amortalhadas nos fundamentos de Roma?

Seria preciso, diz-nos Serres, a morte essencial da família fundadora: a mãe, vestal violada pelo deus Marte, está enterrada, um gémeo é linchado, o outro cortado em pedaços. «Romulo mata pois Remo e funda Roma (p. 19). Nós repelimos a barbárie que precede e engendra a nossa cultura: «A arrogância da nossa cultura sofre do seu barbaro início» (p. 123). Não pareceria desde então que, tal como nos romances policiais, a história só poderia ter sentido com a descoberta de um cádaver?...

Claro que é necessária essa hostilidade para atingir a hospitalidade. Roma é o exemplo concreto do jogo incessante que o homem executa nestas duas cenas. Roma concreta descobriu o objecto, o seu valor e a sua necessidade. Roma pôs em evidência que só pode haver colectivo através do objecto, que «os homens são animais que encontraram o objecto» (p. 212).

Tecer uma nova «epistemê»

O terror, a destruição, a exclusão, também têm a ver com a nossa teoria do conhecimento.

Até aqui parece que dominou o trabalho do negativo, «o esforço breve do macho» (p. 87). Estamos presos ao negativismo da análise, do tirar dos véus, do comentário, da interpretação, aceitando assim tornarmo-nos espião, detective, polícia «não somos mais do que polícias. Horror. Não fazemos mais do que procurar culpados» (p. 29).

Encontremos antes Penélope e o seu trabalho diurno, a construção e o enredar, o nó e o acto de tecer, Vesta, o seu fogo e a sua hospitalidade: «Aqui o conhecimento é feminino, a obra é no feminino. Hestia, Vesta são a deusa ou a sacerdotisa da nova epistemologia» (p. 87).

Deixemos o deus Marte e o militarismo da lógica clássica. Se, como diz Serres, «o infermo é a dialéctica» (p. 172), fujamos deste lugar hostil e troquêmo-lo por esse espaço diferente e hospitaleiro que as nossas irmãs Vesta e Penélope nos propõem.

Até aqui tivemos a ver com uma lógica do espaço duro e hirto como o mármore. Com a tecelagem trama-se uma nova relação de inclusão. Um pequeno elemento poderia conter outro maior, como o saco de pano pode conter em si outro saco de pano. A lógica dos sacos permite finalmente «encarar o caso em que o espaço é deformável» (p. 180).

O espaço tecido e deformável dessa outra lógica abre o caminho a uma epistemologia constritiva porque é móvel: «só se baseia naquilo que flui, só se baseia no tempo» (p. 276). Suponhamos o intermediário de preferência ao dialéctico, o discurso do mito e o fluxo do tempo de preferência ao espaço imóvel do aparecimento à luz crua, porque isso é um engano e ainda cega mais do que a escuridão da caverna. **Pas-de-deux** no claro-escuro, na trama do tecido. Uma malha para a frente, outra para trás, uma malha que cai: «É preciso considerar sempre, num conhecimento, o desconhecimento que lhe está associado.» (p. 81).

Qaundo procuramos ultrapassar a passagem do Noroeste poderemos, mais ainda, saberemos também enganarmo-nos «é no erro que se reconhece a ciência, mais e melhor, é no erro que se reconhece a humanidade. É na verdade constante e sem defeito que se reconhece o diabo, ou o astucioso, ou o imbecil» (p. 17)

(1) «Diário de Lisboa», 2 de Julho de 1982
(2) Michel Serres, **Rome, Le livre des fondations**, Grasset 1983
(3) De passagem vejamos um monticulo: «De que se trata na prostituição? Da procura da verdade para que ela nunca seja encontrada. Trata-se da relação sexual gramatical, em que cada mulher está no lugar da outra mulher, com o papel de mãe» (A. Verdiglione, in Spirales, n.º 24-25, 1983). ■

A loba, Rómulo e Remo

Limbos

"Neve" de Juliet Berto e Jean Roger

Um olhar afectuoso sobre a marginalidade

Lourdes Féria

Neve, um filme de Juliet Berto e Jean-Henri Roger, em exibição num cinema de Lisboa desde há dias, não tendo, no entanto, entusiasmado por aí além a crítica portuguesa. É o que se deduz da baixa classificação que lhe foi atribuída. Com efeito, trata-se de uma obra decepcionante: daquelas que reunia, à partida, condições para ser uma «grande fita» e que falha como produto final que se propunha despretencioso, imediatista, dirigido ao sentimento.

Bastante mais interessantes me pareceram os autores de «Neve», entre nós por uma semana, depois de terem sido jornalistas, de ocasião, em Cannes. Vieram do festival praticamente em branco: sem uma visão dos filmes... e cansados do trabalho em que participaram e que era a cobertura do acontecimento para a TF1, «Cahiers du Cinema», e jornal «Libération». Acharam, todavia, apaixonante a colaboração prestada a Samuel Fuller na organização de entrevistas e crónicas com que os franceses, certamente, se deleitaram.

Samuel Fuller, com a linguagem directa dos americanos e a experiência de jornalista de «fait-divers» (crimes e casos banais) impugnou essas reportagens de apetecível sabor. Não me restam dúvidas de que devem ser excelentes. Aliás, os realizadores de «Neve» confessam o gozo com que participaram em tal trabalho tanto mais que, depois do mergulho no cinema militante e das cavalgadas teóricas, se sentem, totalmente disponíveis para uma aproximação da realidade sob uma perspectiva sensorial.

Cinema militante? «Agora já não existem militantes para filmar», diz Jean-Henri, após uma militância de dez anos num projecto cultural e político hoje distante e esvaziado em que as referências ideológicas tinham a ver com a China de Mao. Foi o tempo de «La Chinoise», de «Wladimir e Rosa», de «Deux ou Trois Choses que Je Sais d'Elle», filmes em que Juliet foi actriz sob a direcção de Jean Luc Godard. Foi a crença no **Cinema-Luta**, movimento a que Jean-Henri se entregou com sectarismo e alguma febre. Foi a época em que o **Grupo Dziga Vertov** tinha, além de Godard e Gorin, seus principais animadores, o jovem Jean-Henri que, com eles, realizou «Pravda», «Lutte en Italie» e «Vent d'Est».

Desencanto

Chamaram Dziga Vertov ao grupo, numa homenagem ao cineasta soviético que revolucionou (segundo o grupo) o cinema e, ao pé do qual, Eisenstein continha já traços de revisionismo e reformismo. E depois? Provavelmente, perceberam que, quem tinha razão era Simon Jeys, na sua descrição da Revolução Cultural Chinesa, e o autor de «Revo-Cul au China-Pop» (de que não me recordo o nome) quer nos oferece uma versão, assaz grotesca, não obstante o drama, desse fenómeno chinês que, por estar tão longe, foi mitificado pela juventude europeia.

Desencantados, Juliet e Jean-Henri pensam, neste momento, que a revolução deve começar por ser feita dentro das pessoas. «Eu faço o grito... quando não se grita, é muito triste...». Afirma Juliet Berto. O seu companheiro de aventura cinematográfica, Jean-Henri, acrescenta que, com «Neve», quiseram mostrar «uma certa marginalidade que os políticos não são capazes de ver». Políticos que arrastam «o mesmo discurso, desde há quarenta anos e que ainda não entenderam que, nas metrópoles, nasceu uma cultura diferente que nada tem a ver com a Europa, ou o Terceiro Mundo. Não pertence nem a uma nem a outra destas civilizações...»

Esses políticos (sejam eles do PS, do PC, do centro, de direita ou da esquerda) tornaram-se peças de arqueologia, nas quais a juventude, cada vez menos se reconhece. «Os aparelhos políticos dizem que a juventude está despolitizada, o que é mentira. A juventude tem uma política própria... só que não há aparelho que possa exprimi-la». Eis a opinião de dois cineastas que viveram, intensamente, Maio de 68, o abalo sísmico que varreu a cultura francesa e de que a geração, a que eles pertencem, nunca mais se recompôs.

Com «Neve», quiseram conquistar um público que vibra com os filmes de Spielberg. E garantem tê-lo conseguido. Quem não gostou do filme foi a crítica de direita que «tem medo desta nova cultura». Na altura em que a fita mereceu a honra de ser seleccionada, oficialmente, para o Festival de Cannes de 81, os intelectuais de direita, nomeadamente Alain Benois (com um artigo raivoso no «Figaro Magazine»), protestaram contra «a vergonha que era para a França apresentar, num certame internacional, uma fita como 'Neve'».

Eis o que narra Jean-Henri: «São os tipos da Nova Direita, do Clube do Relógio. Alain Benois, no artigo, referia-se a «Excalibur», como o filme portador da cultura europeia, na procura do Graal... e a «Neve» como uma subcultura. É verdade. Tem toda a razão...»

«Estou-me nas tintas para aqueles que fazem coisas para museu. Estão, definitivamente, mortos, nunca mais ressuscitarão.»

Apesar de «Neve» não surgir como uma fita desembaraçada das influências de Godard e Rivette, os pais de uma geração de cineastas, o objectivo dos seus autores era fazer algo de diferente, muito mais na linha do cinema negro americano e do realismo poético que teve mestres como Renoir e Prevert. «O que marca a diferença entre «Neve» e os outros filmes franceses é o facto de trazer, à luz, pessoas que tinham desaparecido da ficção...». Sublinha Juliet Berto.

Racismo

Entre Pigalle e Barbés, a câmara capta a «má vida» dos travestis que actuam nos cabarets, dos marginais, dos vendedores de droga — de todo um mundo subterrâneo em que se cruzam emigrantes das Antilhas, do Norte de África e até da própria França. Um mosaico de indivíduos «especiais» que se identificam uns aos outros graças aos códigos que os unem. A trama desenrola-se à volta de Bobby, um **rasta** das Antilhas, cabelo às tranças, auscultadores na cabeça do transistor que solta o ritmo do «regae».

Quem é Bobby? «Representa a nova geração dos emigrantes antilheses, é um símbolo dela.

Há muitos como ele em França... gente a que os franceses chama negros». Juliet Berto concorda quando lhe faço notar o racismo dos franceses. «Sim. Há um racismo monstruoso... É a crise. Os franceses temem que os estrangeiros lhes venham tomar o lugar... que lhes venham comer a comida».

Eles, Jean-Henri e Juliet Berto, habitam no bairro «La Goutte d'Oz», onde rodaram o filme, espaço ocupado pelos bazares, cafés, pastelarias e restaurantes de tunisianos, argelinos, marroquinos. É zona perigosa, acusação que os realizadores de «Neve» refutam. Para eles, possue o «charme» de um porto mediterrânico, no estilo de Nápoles e Marselha. E, igualmente, o calor humano que esses lugares irradiam. «Os filhos dos emigrantes do Norte de África não se sentem franceses nem dos países dos seus pais. Vivem num estado de revolta, talvez um pouco adormecida pela droga. Vendem sonhos e ilusões...»

Em Barbés, conta Juliet — vê-se, normalmente, a Polícia armada de metralhadora, semblantes hostis, carregados de violência. É um bairro debaixo de permanente vigilância e controlo. «Quis mostrar o lugar onde vivo e que amo. Trabalhámos à maneira das reportagens com uma câmere escondida para certas cenas».

A propósito do cinema feminista, modelo que não pratica, mas que respeita, ela diz que não é militante de nada, nem sequer do feminismo. «Sou mais pela feminilidade. O feminismo é um conceito político e eu não quero entrar mais nesses jogos. Pelo contrário, a femenilidade será, antes, uma forma de sensibilidade». Contudo, rindo, revela que, no filme, a parte de feminilidade vem de Jean-Henri pois e,a ocupa-se «dos lados mais duros». A verdade é que ele emociona-se mais facilmente, não tem tabus dessa ordem como a maioria dos homens. «Eu zango-me com Jean porque ele chora demasiado...»

Esta mulher, durante longo tempo a comediante preferida de Godard, afirma gostar das pessoas que expõem a sua vulnerabilidade, que actuam no circo da vida sem rede. Daí que esteja empenhada num cinema de coração, de vísceras, de pele.

«não tenho nenhuma moralidade a dar. Apenas distribuo sensações como a música. Uns gostam e aceitam-nas... mas, também, há quem não goste nem aceite. Não estou interessada em ser vedeta, ou criadora... porque isso é sempre fabricado. Não é, por acaso, que ajuventude está pouco virada para o cinema, o teatro... Encontra-se na música que é o lugar possível de estar, o lugar mais vivo. E pode gostar da música francesa, da Jamaica ou do rock americano».

Juliet Berto e Jean-Henri têm mais um filme que já está programado para o Festival da Figueira da Foz. Foi rodado em Marselha e denuncia a corrupção do poder envolvido no escândalo imobiliário. «Cabe Canaille» chama-se esta fita, protagonizada por Jean Claude Brialy e que esteve no Festival de Berlim. «Durante a rodagem, o que sucedeu no Verão passado, assistimos, pelo menos, a cinco mortes nas ruas de Marselha... é a grande violência».

Do cinema português, Juliet Berto destaca «Francisca» de Manoel de Oliveira, um cineasta «genial». É, segundo ela, um dos últimos génios do cinema, porque os outros, entretanto, foram morrendo. Desaparecido Visconti, resta Oliveira, «um jovem», ainda. Mais uma pergunta: e este Maio de 83?

«É o contrário do outro. A história inverte-se. Agora os estudantes que protagonizam este Maio são muito limpos, vestem bem... são de direita. Mas «C'est pas grave». Conclui Jean-Henri Roger. ■

Sete Pon
Purgat

Pacifistas em pé-de-guerra:

A cajadada anti-nuclear dos bispos americanos

Os «Pershing» cuja instalação está em vias de se concretizar, na Europa, atingiriam alvos decisivos na União Soviética em poucos minutos. Em compensação, os SS-20 não atingiriam alvos em território americano: o seu raio de acção visa alvos europeus. Aí está uma das questões de fundo que dificultam um acordo em Genebra ou alhures. E enquanto as negociações entre americanos e soviéticos mostram a dificuldade de sair do pântano, dois factos novos vêm acrescentar-se ao cenário sobre o qual se preparam e se desenrolam essas negociações:por um lado, os bispos americanos resolvem juntar a sua voz a todos quantos aconselham a suspensão da produção de mais armas nucleares; por outro lado, três mil representantes da maioria dos movimentos desarmamentistas do Ocidente, reúnem-se em Berlim, na ausência de representantes do Leste, para sublinharem a sua oposição à instalação de novas armas no cenário europeu. Na verdade, a parada antinuclear sobe cada vez mais degraus, e a Casa Branca desespera porque, perante a diversidade dos movimentos, tornou-se difícil, para ela, persuadir a opinião pública mundial de que se trata de «ingénuos manipulados por Moscovo».

Quem são os pacifistas? No vocabulário político-estratégico não há palavra mais imprecisa. Partidários de uma causa nobre. «Ingénuos» manipulados por Moscovo? Ou uma mistura dos dois ingredientes? O grande congresso que eles fizeram em Berlim, de 9 a 14 de Maio, demonstra toda a sua diversidade. Nos Estados Unidos a atitude tomada pelo episcopado católico é antes «antinuclear», não se trata de verdadeiro pacifismo. Em todo o caso, nesta Primavera, os pacifistas estão em pé de guerra...

Dominique Dhombres

NINGUÉM ou quase ninguém se diz «pacifista» nos Estados Unidos, nesta Primavera de 1983. À excepção dos membros de alguns pequenos grupos comunistas de Nova Iorque, ou de Boston, e dos cento e vinte e cinco mil Quakers, que têm uma tradição diferente, praticamente nenhum americano aceita este qualificativo, muitas vezes entendido como uma injúria. No entanto, há três anos que um movimento que denuncia a arma nuclear, como tal, nasceu, desenvolveu-se e obteve referendos em nove Estados, e, apoiado pelo partido democrata dirige agora um tremendo desafio a Reagan. Este movimento diz-se «antinuclear» e não «pacifista». Os seus dirigentes dão como prova o consenso obtido entre eles sobre a necessidade de aumentar o esforço de armamento clássico, à custa do nuclear. A realidade é mais complexa.

Simplicidade bíblica

Tudo começou em Abril de 1980, com a publicação de um «apelo para deter a corrida aos armamentos nucleares», redigido por uma mulher enérgica, a senhora Randall Forsberg, então investigadora no Massachusetts Institute Of Technology (M. I. T), e que criou depois o seu próprio organismo, o Instituto para os estudos de defesa e desarmamento. O texto da senhora Forsberg, parcialmente refeito é a vulgata de todos os antinucleares e serviu de base à resolução votada no dia 4 de Maio pela Câmara dos representantes. A senhora Forsberg forjou o conceito de «congelamento recíproco e verificável» que está em voga e é adoptado por todos os candidatos democratas (sem excepção) na Casa Branca.

A senhora Forsberg propõe que os Estados Unidos e a URSS «congelem simultaneamente» a produção e o desenvolvimento de todas as armas nucleares. Isto implica em especial «a paragem do fabrico de material fissivel (plutonium) para fins militares e da junção das cabeças nucleares, assim como dos mísseis, e aviões, destinados a transportá-los.» O autor do projecto parece confiar nos satélites de vigilância, para a verificação dessa congelação. A simplicidade quase bíblica deste projecto seduziu numerosos americanos mesmo que tenha indisposto os especialistas do desarmamento que trazem muitas vezes no bolso «planos» infinitamente mais sofisticados.

Saído das universidades e dos institutos de investigação de Nova Inglaterra, na Primavera de 1980, o movimento propagou-se, sem grande ruído, nos meios intelectuais e científicos quando em 1980 a eleição de Reagan lhe deu um impulso decisivo e lhe permitiu uma implantação através de todo o país. Todos aqueles que receavam os supostos «aventureirismo» e «belicismo» do antigo actor de Hollywood viram as suas preocupações confirmadas pelo programa estratégico do novo presidente.

Na verdade Reagan não invoca coisa alguma, contentando-se em dar luz verde aos projectos interrompidos (missil, MX, Bombardeiro B-1) ou deixados à espera (bomba de neutrões) pelo seu predecessor (1). Mas a impressão geral era a de que o seu Governo se lançava de cabeça baixa num esforço nuclear geral.

Os bispos americanos adoptaram uma atitude semelhante e foram imediatamente iluminados pelos projectores da actualidade. A lentidão eclesiástica com que redigiram os seus projectos sucessivos de carta pastoral sobre a arma nuclear, mesmo que ela tenha por origem as controversias suscitadas no interior do episcopado pela empresa em si, foi, como é evidente, um maravilhoso **golpe** publicitário. O alto clero fazia esquecer a espinhosa questão do aborto e, a cada nova operação, logo publicada e analisada, chamava a atenção dos **medias** e as reacções, por vezes vivas, da administração Reagan que, por seu lado, alimentava o debate.

A versão autorizada, isto é, o texto final da carta pastoral sobre a guerra nuclear e a **resposta** da Igreja Católica, provocou o furor da administração Reagan, visto este documento, adoptado no dia 3 de Maio em Chicago, pedir **a paragem das experiências da produção e do desenvolvimento das armas nucleares.** Os bispos tomam partido pelo congelamento das armas nucleares mesmo que evitem pronunciar esta palavra, demasiado utilizada pela oposição democrática. De passagem, o episcopado condena a doutrina tradicional da NATO segundo a qual os aliados se reservam o direito de utilizar em primeiro lugar a arma nuclear, em caso de ataque convencional soviético na Europa.

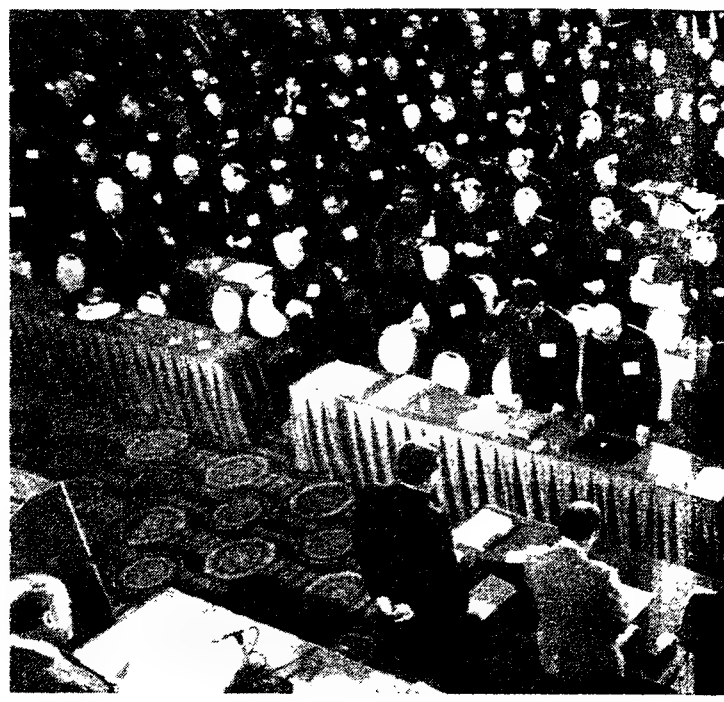
Pela primeira vez na sua história a Igreja americana tomou uma posição não conformista sobre um assunto político-militar. Depois de uma reflexão teológica muito desenvolvida, em que se misturam as referências bíblicas e as citações dos padres da Igreja, o episcopado correu os seus riscos. As pressões da administração Reagan já actuaram. Os bispos estavam dispostos a numerosas cedências, como o mostra a última versão do seu projecto de carta pastoral, quando a Casa Branca, ao felicitá-los pelos seus **progressos** lhes mudou a direcção. Eles optaram por um texto **duro,** embora reconhecendo, de modo contraditório, ou, pelo menos, ambíguo, o fundamento de várias teses defendidas pela Casa Branca e pelo Pentágono.

À frente das suas ovelhas

De qualquer modo os bispos estão claramente adiante das suas ovelhas que manifestaram um certo descontentamento perante as suas reflexões teológicas. As Igrejas protestantes, muito descentralizadas e muito pouco hierarquizadas não tiveram os mesmos problemas.

De facto a oposição de princípio à arma nuclear, que está no centro do movimento, é essencialmente um fenómeno laico, mesmo que os padres se sintam tentados, por convicção ou oportunismo, a surgir como **compagnons de route.** Originariamente intelectual e científico, o movimento atingiu numerosas camadas de profissões liberais, tais como médicos, advogados e professores, sem nunca penetrar entre os colarinhos azuis (a classe operária) nem mesmo entre os colarinhos brancos (os empregados). A personalidade da senhora Forsberg, apaixonada pelos problemas do desarmamento, que fazia os seus estudos superiores de ciências políticas no MIT, quando se tornou célebre graças ao seu **apelo,** é reveladora. É uma revolta tão lógica como moral que a anima contra a arma nuclear.

Por princípio os médicos são mais conservadores, mas num tema como este, a sua actividade profissional leva-os a tomar uma posição, digamos, de centro esquerda. Os riscos que as armas nucleares fazem correr à humanidade



A conferência dos bispos em Chicago: desafiando a Casa Branca a tom
'o perigo dos nossos tempos'

desencadeiam neles um reflexo de medicina preventiva, explica por sua vez a senhora Jeane Wales que foi secretária de Estado adjunto encarregado dos problemas de Informação no tempo de Carter, e que é hoje dirigente da associação **Os médicos por uma responsabilidade social.** Essa organização, nos seus modestos princípios, nos anos 60, começou por denunciar os efeitos dos testes nucleares, em particular a fixação do estroncio 90 nos ossos das crianças a eles expostas. Defendeu vigorosamente o tratado de 1963 que proibia os ensaios nucleares na atmosfera.

Estávamos um pouco adormecidos quando foi do fracasso do SALT 2, mas a chegada de Reagan acordou-nos. De 1970 para hoje passámos de 100 000 membros para 30 000 prossegue a senhora Wales.

Os que vêm da era Carter

Os advogados e os professores criaram associações idênticas à da senhora Wales: a Aliança dos Advogados para o controlo do armamento nuclear (presidida por Paul Warnke, que, no tempo de Carter, levou a efeito as negociações sobre o desarmamento com os soviéticos) e a Associação dos educadores socialmente responsáveis. Todos estes grupos de pressão instalados em Washington e têm importantes meios financeiros, têm um papel decisivo ao publicar uma literatura abundante e ao levar a Câmara dos Representantes a votar uma resolução em favor da «congelação».

Numerosas pessoas dm tempo da administração Carter encontraram refúgio nestas associações, que até então se deixavam viver, dando-lhes um novo impulso. Assim, Roger Molander, que era encarregado das questões estratégicas no Conselho Nacional de Segurança durante o mandato de Carter, dirige hoje **Ground Zero,** uma associação criada em 1980 **para informar o público sobre os perigos da guerra nuclear.**

Titular de um doutorado de Estado em física nuclear, obtido em Berkeley (Califórnia), Molander quere mostrar que um conflito nuclear é mais de recear a partir de uma «escalada» diplomático-militar do que de um «acidente» puramente técnico. As suas funções presentes levam-no a uma reflexão sobre a atitude da administração precedente. **Jimmy Carter tinha mais receio de uma corrida aos armamentos do que de uma guerra nuclear. A nossa atitude é exactamente inversa. E Jimmy Carter consagrou demasiado tempo ao controlo dos armamentos, e não tempo suficiente às relações com a URSS. Quanto a nós, queremos ensinar o nosso povo a conhecer melhor a URSS, a fim de acabar com os mistérios e com os mitos** explica ele. **Ground Zero** acaba precisamente de lançar um livro de bolso, **Qu'en est-il des Russes et de la guerra nucléaire?** que descreve a vida quotidiana na URSS e a mentalidade soviética.

Uma «organização guarda-chuva»

Nem todos os antinucleares passam o limiar ultrapassado por Molander, que separa a denúncia de uma arma considerada perigosa, da tentativa de compreender as motivações do adversário potencial. Mas muitos se sentem tentados por esse caminho, e consequentemente, desenvolvem temas que, na Europa, seriam qualificados de «pacifistas»: é preciso ter em conta a «mentalidade de cerco» que seria a da URSS, evitar tudo o que podia passar por uma provocação e, em primeiro lugar, deter, ou, em todo o caso, re-

OS

a tomar medidas decisivas contra

frear o armamento estratégico, empreendido por Reagan, e que pode perturbar os soviéticos.

Tanto uns como outros (o leque vai da extrema-esquerda aos republicanos moderados encontram-se no entanto, no seio de uma «organização guarda-chuva», a **Nuclear Weapon Freeze Clearing House**, cuja sede se encontra no centro do país, em Saint-Louis (Missouri) e que é dirigida por um antigo aluno de Harvard e que pertenceu à corporação da Paz, Randy Kehler. Uma vez por mês os representantes de todas as associações membros (confessionais, profissionais ou simplesmente militantes) encontram-se em Saint Louis. Mas trata-se mais de um parlamento do movimento do que de instância de decisão.

A palavra de ordem do congelamento nuclear foi um maravilhoso instrumento de unificaçao para personalidades e organizações muito diferentes. Os que dantes se opunham à guerra do Vietname estão junto dos que foram os «gestionários» dessa mesma guerra, antes de tomar as suas distâncias. Entre eles encontram-se McNamara, McGeorge Bundi e Coldi. Os técnicos do controle dos armamentos, como por exemplo Hornke, que se sentem atraídos por um desarmanento unilateral, coabitam com militantes para os quais uma tal eventualidade não parece ser escandalosa.

Todos eles têm, no entanto, dois traços comuns: acham que o actual nível de dissuasão nuclear americano é suficiente, e têm medo de Reagan. Este último, responde-lhes, e vê, na sua acção o principal obstáculo ao **grande desígnio** da sua presidência: rearmar a América.

(1) Lembremos que a decisão de a NATO desenvolver, a partir de 1983, 572 mísseis de cruzeiro e Pershing 2 na Europa Ocidental, foi tomada em Dezembro de 1979, quando Carter era presidente. ■

"Por uma Europa desnuclearizada da Polónia a Portugal"
...Três mil participantes sem "o lado de lá"

A reunião de Berlim-Oeste:
Um Não-Alinhamento de geometria variável

Claire Tréan

É algo banal, essa internacional pacifista reunida em Berlim Ocidental entre 9 e 14 de Maio. A bandeirola, à entrada do Centro dos congressos, proclama o objectivo dos três mil participantes: **Por uma Europa desnuclearizada da Polónia a Portugal**. Então, instintivamente, procurámos aqueles que ao que se diz, lutam pelo desarmamento nuclear no lado Leste e não os encontrámos. Foram convidados mas não puderam ou não quiseram vir. Ken Coates, representante da Fundação Russel, cujo apelo de Abril de 1981, por uma Europa desnuclearisada serve de texto de base a essa conferência, em tal ausência um prejuízo mínimo. **O essencial**, diz ele, **é que estas três mil pessoas que representam dezenas de milhões da Europa e dos Estados Unidos, tenham vindo a Berlim discutir o seu problema comum imediato e concreto: o da instalação dos novos mísseis da NATO na Europa, no fim deste ano. É esse o acontecimento.**

Pelo menos, as peripécias que presidiram à organização da conferência terão incitado o movimento pacifista ocidental a pôr, pela primeira vez, directamente, o problema das suas relações com os movimentos dissidentes dos países de Leste. Em Dezembro de 1982, os organizadores dessa manifestação e uns mil quinhentos militantes do movimento ocidental para a paz, tinham, com efeito, recebido uma carta de Youri Joukov, na qual o presidente do comité soviético de defesa da paz se mostrava irritado por os ver colocar no mesmo palao as duas grandes potencias nucleares, em vez de se referir só aos Estados Unidos. E depois, mais nada.

Apesar da zanga

As entidades oficiais dos países de Leste estiveram pois ausentes da manifestação de Berlim, limitando-se a enviar grande número de jornalistas. Quanto aos militantes do movimento antimilitarista da Alemanha de Leste, da **Carta 77** e dos movimentos dissidentes pela paz, húngaros e soviéticos, ainda estão à espera do seu visto de saída. Se tanto uns como os outros enviaram mensagens de simpatia à Conferência, os Polacos do **Solidariedade** parecem, é certo, muito menos convictos da utilidade do Movimento, como prova o texto de um deles, publicado no princípio da semana pelo jornal berlinense **Tageszeitung**.

A conferência terá pois servido, entre outras coisas, para marcar a independência do movimento em relação à União Soviética. Resta o facto de apesar da zanga actual e do diferendo sobre os princípios, as análises sobre o problema urgente dos mísseis da NATO, agradar a Moscovo. **Não temos ilusões**, diz Ken Coates, **e nunca pensámos que um importante movimento pela paz possa organizar-se no Leste sem a concordância das autoridades. Mas o problema está em saber qual é a posição das autoridades.** A corrida aos armamentos obedece, segundo ele, a uma lógica própria, independentemente das lutas de influência política ou económica entre superpotências. O objectivo do movimento pela paz é quebrar essa lógica, essa espiral na qual a União Soviética é, de certo modo, arrastada, mesmo contra vontade, visto ser a Oeste que se desencadeia o processo de escalada. Dos relatórios apresentados pelos peritos que se sucederam durante os três primeiros dias, surge a ideia de que não há relação interna entre os Pershing e os SS 20, os primeiros arma de primeiro ataque, introduzindo uma problemática inteiramente nova que obrigará a URSS a responder.

A outra convicção que parece ser partilhada pela maioria dos representantes dessas quatro organizações a favor da paz, é a de só o desanuviamento pode permitir com o tempo, uma melhoria da sorte reservada aos movimentos de oposição democrática, nos países de Leste: **Não temos uma solução a curto prazo, a propor**, diz um membro do comité internacional de ligação. **Mas parece-nos evidente que a implantação de novas armas ocidentais, só pode endurecer as tensões e agravar a situação destes movimentos. O melhor que podemos fazer por eles é por isso, de momento, opormo-nos a essas armas. Os húngaros e os membros da Carta 77 deram-nos muito claramente o seu apoio neste sentido.**

A maioria dos participantes também estão convencidos de que as negociações de Genebra não conseguirão muito e de que o estacionamento dos mísseis vai começar no Outono. **A contagem decrescente começou**, diz Egon Bahr, um dos dirigentes da SPD, cuja participação na organização dessa conferência parece indicar que a **linha Schmidt** sobre os problemas da defesa, perdeu decididamente terreno com a passagem do partido para a oposição. **Se os dois grandes**, diz Bahr, **não se decidem até fins de Junho, ou princípios de Julho, a aproximar os seus pontos de vista, não haverá tempo para realizar o acordo que permitiria evitar a instalação dos Pershing antes do fim do ano.**

As «comunas desnuclearizadas»

Estamos, pois, mais do que nunca, na hora da mobilização e era esse o objectivo essencial desta reunião que não pretendia construir uma organização centralizada dos movimentos europeus, mas sim dar lugar a uma troca de modalidades práticas da **resistência.**

Essa resistência é antes de mais, simbólica e pôde medir-se a extensão do movimento das **comunas desnuclearizadas.** Nascido na Holanda, este movimento conquistou aí uma dezena de municípios, que recusam receber armas atómicas no seu território. A Grã-Bretanha seguiu o exemplo de Manchester (que deu o sinal em 1980), assim como a Bélgica (onde duzentas e oitenta comunas são declaradas zonas desnuclearizadas), e a RFA.

Representantes de Greenham Common, de Florenne, perto de Charleroi e de Comiso, na Sicília, onde devem ser instalados mísseis da NATO, vieram dar testemunho do seu alinhamento, em campos para a paz construídos próximos das bases de implantação. Estas acções só têm, evidentemente, um valor simbólico e viu-se, na Grã-Bretanha, que uma intervenção policial logo venceu uma delas. Mas contribuem para mobilizar os espíritos e para tentar destruir a ideia de que os problemas de defesa são da exclusiva competência dos governos, mais ainda, dos dirigentes das duas superpotências. É este tipo de intervenção a que chamam **desarmamento pela base**, que os organizadores partidários da resistência procuram encorajar.

Quando aos prolongamentos institucionais destas acções, visto estar o SPD agora na oposição, o partido trabalhista ter poucas possibilidades e em Junho retomar, o poderem Londres, e o Partido Socialista francês ter **traído**, é sobre tudo dos Estados Unidos que eles são esperados. Randall Forsberg, do movimento americano para a congelação nuclear, sublinhou, que o partido democrata precisará da legitimação das massas europeias para fugir à acusação de ser antieuropeu e hostil à aliança quando a Câmara dos Representantes discutir, no Outono, o financiamento dos mísseis.

A ideia de uma zona desnuclearizada na Europa, não data de ontem. Ela foi formulada pela primeira vez em 1957 pelo ministro polaco dos negócios estrangeiros, Rapacki; sob outra forma pela Escandinávia, em 1963 pela voz do presidente Kekkonen e, depois, várias vezes por Ceausescu (em nome dos Balcãs), antes, de, em 1982, a Comissão Palme e a RDA a terem formulado por seu lado em novas e diferentes versões.

A ideia de uma Europa não alinhada também não data de ontem. Ela animou uma parte do Velho Continente nos anos 50. Terá hoje mais possibilidades? Para tal é necessário que os países se entendam numa formulação comum, o que não parece ser objecto da Conferência de Berlim. **Nós somos uma grande igreja**, reconhece o próprio Coates, **e é evidente que o não-alinhamento não tem o mesmo sentido para todos nós.** ■

Carter e Brejnev de acordo na assinatura dois SALT II: a parada, hoje, tem mais directamente a ver com o cenário militar europeu

Ópticas fixas

Elementos para uma reflexão sobre o estilo fotográfico

«Se tudo fosse irregular, ou tudo regular, não haveria pensamento, pois este é apenas uma tentativa de passar da desordem à ordem precisando de ocasiões desordenadas e de modelos de ordem»

(Introdução ao método de Leonardo da Vinci, Paul Valéry)

Emídio Rosa de Oliveira

PARA tentar perceber intuitivamente o que constitui a natureza estética da imagem fotográfica — começaremos por rejeitar o universo imaginário de determinadas concepções de estilo, que até hoje têm vigorado na apreciação da produção artística. Uma delas consiste em atribuir «solipsisticamente» toda a consistência significante da obra à pessoa do seu produtor. Uma outra, não menos ingénua, reduz todo o alcance da obra a um poder operante de ordem mágica, cuja influência transforma o artista numa espécie de autómato, ou «espantalho transcendental», através do qual este, hipnótica ou misticamente, se põe a disposição de uma inspiração de ordem superior. Nem uma nem outra destas versões nos servem — ambas limitam-se de modo diverso a retratar um só e mesmo cenário — uma só e mesma lógica.

A primeira, acentuando uma concepção de estilo de natureza personalística e humanista, na qual o homem figuraria como o Detentor Central de todo o processo de significação, o exemplo acabado da célebre fórmula estilo é o homem»; a segunda sublinharia a natureza transcendental e metafísica do estilo — o estilo seria considerado como um Dom que actuaria (infusamente) no interior de um ser completamente «Passivado» — transmissor de uma sugestão, ou de um ditado automático de natureza telepática ou profética. Ao artista era exigida uma Retirada Ascética — condição requerida para que a obra se manifestasse fora do condicionalismo espácio-temporal e dos requisitos contaminantes de ordem material e física. A obra acabaria por ser o que brilha na ausência e pela ausência de estorvo — e denotaria, o que não cessa de escapar à «maîtrise».

Daí a emergência de um pacto fantasmagórico entre a obra e a sua inscrição invisível e a relação «Necessitosa de Dívida ou de Mérito» contraída pelo artista em relação a este deus anónimo, ou a esta «black box», figura do o(culto).

Perante estas duas versões excessivas, cabe-nos fazer prosseguir um outro tipo de reflexão genérica sobre o estilo.

O estilo como ficção reflexiva

A história, no seu conjunto, surge-nos marcada por um **processo arítmico** de formas variadas e avariadas em competição, confrontando-se em permanente a um movimento uniformemente acelerado, ou à força cega de um destino regido e ancorado ciclicamente na Repetição. A repetição, este núcleo duro do real, ao mesmo tempo que estagna o processo em estrutura, possibilita-nos o acesso a uma Fenomenologia, sem a qual o visível pura e simplesmente nos escaparia. Posto isto, só nos é possível apanhar por dentro, ou compreender o alcance vertiginoso e translúcido da luz, bem como o carácter especulativo do «cogito» ou dos pensares, se os submetermos a uma «contrainte» de Ordem Física ou Gramatical, a partir da qual o processo se veja obrigado a auto-reflexionar-se, ou seja a imaginar-se outro. Compreender-se-á assim que o processo se torna explícito para nós, desde o momento em que ele opera um «retorno sobre si próprio». Para tal o acidente ou o obstáculo surgidos no regime do «Kairos» (ocasião), ou no regime «evenementiel», transcrevem ontologicamente por efeito de recorrência, toda a instabilidade ambivalente que caracteriza, à partida, a imanência arítmica da estrutura. A representação, um pouco como a fotografia, só nos conseguem fornecer duplicatas de um Ponto estacionário do processo ou do posiçionamento geométrico de uma dada configuração. A descontinuidade subjacente a todo este processo morfológico de figuração, faz apelo a uma dinâmica interna, visto que a descontinuidade não está «dissociada» das forças contínuas que a geram» (1).

O que é pois um remoinho senão o lugar geométrico instável (actuado por forças várias) à beira de um sistema de implosão — o que é o pensar senão o impedir que a memória venha a submergir catastroficamente os «cogitanda» (coisas pensadas) na forma implosiva do esquecimento — o que é a luz senão a combinação limite constrastada (claro/escuro) à qual mimeticamente o olho se adapta para poder ver-se — o que é o estilo senão a conjugação perigosa oscilante entre a repetição e a diferença, entre o visto e o não visto, o velho e o novo. Em todos estes exemplos, a mecânica é a mesma. O que nos leva a formular que a intuição ou o estilo é uma FICÇÃO não criativa mas REFLEXIVA, uma ficção que não parte do nada — mas que acusa já à partida um DADO CONSTITUTIVO e em CONSTITUIÇÃO. O estilo será pois uma elaboração.

Edward Weston: «Nu», 1936.

Será que o que caracteriza o estilo de pensar seja sempre uma perda de velocidade resultante de uma (paragem-/estacionamento) provocado por um obstáculo?

Será que a luz ser-nos-ia mais visível se ela não incluísse o obstáculo gerador de sombra, espécie de medicamento ou de filtro para a vista?

O que nos cega tanto ao nível do pensar, como ao nível do ver é a tendência racional constante em querer destrinçar à viva força o que por natureza é **misturado e híbrido.** O nosso estilo de percepção e de conjectura em virtude desta predisposição para a clareza é comanditado pela clarividência de um ideário de razão através do qual é postulado ou mesmo até reivindicado o **único** como a categoria da totalidade — anseio metafísico ao qual a história responde lamechamente que a todo o percurso corresponde um ponto de chegada. O comboio da razão ao partir chegará ao seu destino e para cúmulo de segurança e de previsibilidade Hegel espera-o no «terminus» — erigindo por este acto o tribunal da razão em instância terminal (suprema) de todos os percursos e obrigando a que todos os trajectos passem inevitavelmente pelo mesmo ponto, o que implica que a dialéctica se encarregue de resolver a catástrofe.

O estilo fotográfico

Em vez de afirmarmos que o estilo é o homem ou mesmo que ele é constitutivo do humano, interessa-nos antes pôr em relevo a ideia de que o estilo se prende com a maneira singular de combinar «vários equilíbrios em competição» (2), ou vários elementos em jogo. A componente lúdica permite articular o estilo a um trabalho inventivo, ou a uma «ERGOLOGIA TRANSCENDENTAL» (3) sem a fenomenologia da qual a estilística depressa resvalaria para uma espécie de metafísica, do artista. Por outro lado interessa-nos circunscrever o estilo numa área precisa e ligá-lo a uma prática artística específica a da FOTOGRAFIA, a fim de que se possam analisar em pormenor todos os ingredientes que de perto ou de longe têm retardado ou contaminado a reflexão sobre o estilo fotográfico. Falar de estilo em fotografia só tem sentido no interior dos limites impostos pela prática; limites que se materializam quer na natureza tecnológica do «medium», quer nas regras surgidas no decorrer desta prática artística, quer ainda nas MODULAÇÕES ou nas marcas deixadas na fotografia, resultantes do cálculo inventivo ligado ao trabalho singular do artista.

Comecemos pela primeira limitação: A NATUREZA DO MEDIUM TECNOLÓGICO. A máquina fotográfica «opera sempre com o seu próprio inconsciente tecnológico, uma estruturação da imagem segundo uma série de conceitos que são característicos do homem ocidental perante o espaço, o tempo, a representação e a memória» (4). No justo momento do disparo fotográfico precipitar-se-iam os seguintes elementos: o inconsciente tecnológico do medium — o inconsciente social e todas as formas de inconsciente localizadas na pessoa do fotógrafo e finalmente a motivação consciente. Isto levar-nos-á a perceber o que W. Benjamin diz a respeito da especificidade ligada ao INCONSCIENTE ÓPTICO: a natureza que fala à câmara é diferente daquela que fala ao olho, diferente sobretudo pelo facto de que em vez de um espaço elaborado pela consciência, é um espaço elaborado inconscientemente que intervém. É pois por intermédio da câmara que nós chegamos a conhecer algo ligado ao inconsciente óptico. Ao inconsciente óptico de Benjamim polarizado no humano junta-se o inconsciente tecnológico polarizado no instrumento. Uma primeira conclusão a que chegamos será a de que a fotografia resulta em parte de uma acção estruturante do inconsciente tecnológico.

O segundo elemento a ponderar é que será impossível falar de estilo ou de desvio sem tomar em consideração as normas ou as CONVENÇÕES ESTABELECIDAS pela tradição artística e presentes tanto na consciência dos artistas como na dos receptores. De outro modo, a obra não seria percebida como «produção artística». Daí a importância de situar o artista num contexto de época ou de estilo e de o colocar frente a toda uma série histórica de olhares projectados sobre o mundo. Parece-me indispensável pensar que é no vaivém incessante entre a estrutura e a variação que reveste corpo a figuração (estética) e que o estilo no dar forma à flutuância adquire rosto. É o estilo que estrutura provisoriamente e corta num dado momento o real em visibilidade — é por ele que a foto se torna linguagem.

O terceiro elemento situa-se ao lado do fotógrafo, ou dos efeitos calculados de estilo ligados ao seu trabalho: é pelo TRATAMENTO DO FOTÓGRAFO que estes dois elementos anteriores nos surgem INDIVIDUADOS em estilo. No dizer de Moholy-Nagy as intervenções do fotógrafo têm que ver com a «arte de ESTRUTURAR a luz»: é a partir do conceito de MODULAÇÃO operada na luz que convém analisar o toque ou a «dedada» artística.

A reflexão estilística em fotografia começa pela constatação que a fotografia se articula com um «matériau» luminoso («art sans matériau») através do qual o real deixa rasto. Rasto ou MARCA INDICAIL que é trabalhada ou captada através de uma série de expedientes técnicos artísticos e outros (incidências angulares, jogos e efeitos de focagem, diafragmentação, escala de planos). A foto é feita de MARCAS luminosas onde o real fica nem sempre da mesma maneira, umas vezes de maneira transparente, outras vezes de maneira problemática — isto porque entre a máquina e a POLIVALÊNCIA DO REAL se intromete ou interpõe um outro olhar capaz de fazer oscilar a imagem e de tornar visível as semiestruturações latentes que dão consistência à visibilidade que corre efemeramente na superfície da foto.

(1) — THOM, René, Conferência proferida em Grenoble, 10/Jan.º 1978
(2) — PETITOT, Jean, Conferência proferida na Univ. Nova de Lisboa 16/Maio 1983.
(3) — GRANGER, G., «Essai d'une Philosophie du Style», 1968.
(4) — VACCARI, F., «La Photographie et l'inconscient technologique», 1981. ■

Paraísos

Michael Harrington: um político "made in USA" na "ala esquerda do possível"

Os Estados parecem alérgicos ao socialismo. E, no entanto, os socialistas existem. Marxista, Michael Harrington anima um movimento que milita na ala esquerda do partido democrático.

Por que razão o socialismo nunca se impôs nos Estados Unidos? Por que razão são, pelo contrário, tão fortes os movimentos de massa (as lutas pelos direitos cívicos dos Negros, a resistência contra a guerra do Vietname, o movimento anti-nuclear?) Que pode hoje pensar-se da «nova esquerda americana» dos anos 60? As forças progressistas têm algum futuro na América de Reagan ou do pós reaganismo?

É a estas perguntas que responde Michael Harrington, presidente dos Democratas Socialistas da América.

Quem são os socialistas americanos? Em número não contam. No entanto, estão no centro de toda e qualquer inflexão democrática: eles agrupam tudo o que há de progressista nos sindicatos, o partido democrata e os movimentos sociais. A sua esperança é criar uma dinâmica a partir da aliança dessas forças que fazem muitas vezes combates paralelos.

Harrington é o homem da síntese. Há um quarto de século que participa nos movimentos da massa que sacodem a América, anima a ala esquerda do partido democrata, dialoga com as centrais sindicais. É também o homem da ludidez. Nos anos 60, em pleno período da opulência, revela a existência de uma outra América(1), a América da pobreza. A descoberta da pobreza é um choque que marca a América de Kennedy, tanto como o lançamento do Sputnik.

★
★ ★

Os progressistas não são raros nos Estados Unidos e as manifestações populares são por vezes imponentes. Ontem eram organizadas contra a guerra do Vietname, hoje, pela paz no mundo. No entanto, as ideias socialistas são mal aceites. Por que não há socialismo no novo mundo?

6 As explicações são numerosas e igualmente convincentes. O nível de vida elevado dos trabalhadores americanos seria responsável por essa ausência. Mas, por um lado, a classe operária mericana sempre foi «dual», dilacerada entre trabalhadores superexplorados, negros ou imigrantes recentes, e outros correctamente tatados. Por outro lado, o socialismo não se desenvolveu primeiro, por exemplo na Europa, entre os trabalhadores mais bem pagos antes de atingir os mais desfavorecidos?

A outra explicação tradicional está ligada à «fronteira» — o espírito e realidade da fronteira. A possibilidade de os trabalhadores adquirirem terras no século passado, teria abafado a luta de clases. Uma tal tese é contrariada pelas estatísticas que mostram que, muito cedo, o número de camponeses que se tornaram operários é mais alto do que o de operários que se tornaram camponeses. Para mais, os Estados do Oeste, perto da fronteira — como o Oklahoma — são, nos anos 1880 e 1890, o berço do radicalismo agrário, em parte socialista.

A teceira teoria — muito mais fundamental — repousa na heterogeneidade e na fragmentação da classe operária americana. Ontem, Negros, Brancos, Amarelos, Judeus, Protestantes e Católicos. Hoje também hispânicos e Asiáticos. «Golas azuis» e O.S. de bata branca em indústrias de ponta. A América está profundamente dividida segundo as raças, as culturas, as etnias e as religiões. A consciência de classe tem dificuldades em vir à superfície. O trabalhador é, antes de mais, um «étnico» — irlandês ou porto-riquenho. A consciência de classe é substituída pela consciência de interesses de categoria, a consciência de um alinhamento sindical.

Outro factor é a persistência do mito americano da igualdade. É certo que os cidadãos americanos podem votar numa altura em que a primeira reivindicação de classe, na Europa, é precisamente o direito de voto. Pode dizer-se que o operários americano obtém do «excepcionalismo» americano aquilo que o opérário europeu arranca graças às lutas socialistas. Não haveria pois necessidade de socialismo no país da igualdade.

Mas este mito fundador da América dá origem a uma poderosa máquina de guerra cujo objectivo é identificar socialismo e estalinismo. O anti-socialismo não serve para reprimir um vasto movimento socialista que não existe. É uma arma ideológica que se utiliza como toda e qualquer reforma liberal ou progressita. Há uma oposição a determinado projecto nacional de segurança social porque ele evoca a socialização da medicina o socialismo, o totalitarismo. A ironia é que numerosos trabalhadores americanos são socialistas sem o saberem.

Um novo tipo de políticos

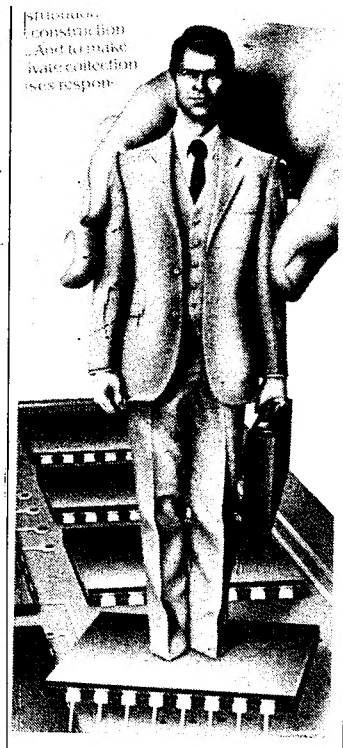
— Alguns socialistas franceses desconfiam da «nova esquerda americana» dos anos 60 e 70. Demasiado centrada nos movimentos sociais, ela seria ambígua teria falta de rigor, evitaria as análises de classe. Você que se considera marxista e que participou activamente nos movimentos, como avalia essa esquerda americana?

— Durante os últimos vinte e cinco anos a esquerda esteve implicada em quatro ou cinco movimentos, Efectivamente nenhum se centrou directamente na classe operária. No entanto, é preciso ter certas «nuances» na avaliação dessas lutas. O movimento negro dos anos 50 e 60, nascido no Sul, é essencialmente rural; mas o seu desenvolvimento está ligado à urbanização dos negros. Algumas tentativas, pouco frutuosas, foram feitas para agrupar os sindicatos negros, como tais. O ponto de partida é a Igreja, única instituição controlada pelos negros. Mas Martin Luther King, conseguiu radicalizar essa consciência religiosa, e adaptar as tácticas de não violência à luta contra o racismo.

Embora dirigido por pastores,médicos e advogados negros, embora seja a expressão da classe média negra (é certo que mais desfavorecida que a classe média branca), trata-se, em última análise, de um movimento de massas e de esquerda que deixa marcas profundas políticas, económicas e sociais. O direito de voto dá aos negros o controlo de grande número de cidades importantes — Chicago é o último exemplo. As leis sobre igualdade asseguram o acesso às escolas e às profissões até agora reservadas. Não é significativo que o grupo parlamentar mais progressista do Congresso seja aquele que reúne os deputados negros?

No que diz respeito ao movimento contra a guerra do Vietname, ele foi dominado até 1966-67 pela classe média e pela «nova classe». A primeira é constituída pelos pequenos proprietários e pelas profissões liberais. A segunda pelos empregados das grandes administrações públicas e privadas, por vezes cheios de diplomas. A retórica desses militantes privilegiados irrita os «golas azuis» mas o número de opositores aumenta. As manifestações chegam a reunir 750 000 pessoas.

A partir das eleições primárias de 1967-1968, Bob Kennedy obtém o apoio da classe operária (e dos negros) para a política que faz contra a guerra. Um terço dos delegados à convenção nacional do partido democrático são agora hostis ao intervencionismo americano. Vê-se claramente que, se a esquerda burguesa, liberal, antimilitar, se alia com o centro, pode decidir a



escolha do candidato democrático à presidência. Fê-lo em 1968. Pode fazê-lo de novo.

O movimento feminista começa no interior da esquerda: as mulheres servem para fazer cozinha, amor e dactilografia. No Sul, correm por vezes os mesmos perigos que os homens. A Polícia tem mesmo tendência para ser mais brutal com as mulheres integracionistas — não é verdade que elas dormem com os pretos? Em 1966 quatro dessas mulheres difundem — anonimamente — um documento sobre a maneira como são tratadas pelos seus camaradas. O movimento desenvolve-se muito depressa, porque o papel económico das mulheres mudou: durante a segunda guerra a sua participação na força de trabalho não deixou de aumentar. Durante a segunda guerra substituem na fábrica os homens mobilizados. Depois da guerra a sua participação na força de trabalho não cessa de aumentar. Em 1960, a família mítica americana — com o homem a trabalhar e a mulher e os filhos em casa — deixou de ser o modelo dominante.

O movimento ainda é aí dirigido por mulheres que pertencem à classe média — a nova ou a antiga. Ele dirige-se, antes de mais aos problemas das camadas sociais menos desfavorecidas. Mas as vitórias tocam a massa das mulheres. Veja, por exemplo, os processos que as feministas põem — e ganham — contra a companhia dos telefones, para que a igualdade das mulheres se torne uma realidade. A empresa gastou uma fortuna em indemnizações. As mulheres ascendem às categorias superiores. Hoje, o trabalho de telefonista, já não é simplesmente reservado às mulheres.

É a mesma complexidade que caracteriza o movimento ecológico. Os seus dirigentes, igualmente surtos da burguesia, sofrem muitas vezes de uma certa miopia social:

Eles recusam admitir que, se determinada fábrica produz o cancro ela produz também postos de trabalho. Mas a sua análise põe em questão o sistema económico, e as suas ideias, segundo as sondagens, são apoiadas por uma maioria de americanos. O nosso papel — como socialistas — consiste em aproximar os camaradas progressistas. Levar os ecologistas a tomar consciência dos problemas económicos postos pelos sindicatos. Aumentar, nos sindicalistas, a consciência do meio ambiente, das mulheres, dos negros, da Paz.

O risco está em aumentar diariamente o fosso entre os problemas económicos e os que dizem respeito à sociedade. Um novo tipo de políticos está a nascer: as suas posições são correctas sobre o aborto, os direitos das mulheres, e mesmo o controlo do armamento, mas são muito conservadoras no plano económico. Jerry Brown, o antigo governador da Califórnia é o seu primeiro representante. Anderson, durante as últimas presidenciais, foi o segredo. Os novos liberais agrupados em volta dos senadores Gary Hart e Paul Tsongas propõem um realinhamento político em bases comparáveis.

Na ala esquerda do possível

— Quais são os componentes da esquerda dos anos 80 e em que bases podem desenvolver-se as alianças progressistas?

— As três componentes principais são os sindicatos, as mulheres, as minorias. Estas últimas são constituídas pelos negros, mas também pelos hispânicos (mais de 50% em Los Angeles) e os asiáticos (mais de 25% dos estudantes de Berkeley). Também é preciso ter em conta os ecologistas, os antinucleares (muito numerosos embora mal organizados) e grupos tais como os homossexuais, cujo peso político não é de desprezar, como o mostra a participação do candidato Mondale num jantar organizado pela Associação nacional dos homossexuais.

É preciso multiplicar os elos entre os movimentos sociais e o velho liberalismo sindical. Já existem numerosos pontos: a organização feminista das Mulheres Trabalhadoras (Working Women) opera em cooperação com o sindicato nacional dos empregados municipais (Service Employee International Union). A manifestação de solidariedade de Setembro de 1981 atrai a Washington um milhão de americanos que pertencem aos sindicatos, mas também aos vários movimentos sindicais e às formações políticas de esquerda. Nada disto é utópico. Situamo-nos na ala esquerda do possível.

— Qual pode ser, nestas coligações, o papel dos socialistas americanos e, mais particularmente, do grupo que anima no interior do partido democrata, os socialistas democratas da América?

— O DSA (Democratic Socialist of America) só tem um ano. Nasceu em Maio de 1982, da fusão de duas organizações de esquerda: NAM (New American Movement) e DESOC (Democratic Socialist Organizing Committee). O NAM era constituído por antigos militantes dos anos 60 e 70, que não se tinham tornado agentes de seguros nem terroristas e que desde então se tinham consagrado a problemas locais como a luta contra o aumento de tarifas da electricidade e do telefone. O DESOC agrupava socialistas que vinham da tradição americana de um Norman Thomas e de um Eugene Debbs, assim como católicos progressistas. Os socialistas democratas da América formam pois um grupo ideologicamente heterogéneo cujo objectivo comum é trabalhar em conjunto — no plano eleitoral — dentro do partido democrata.

Não esqueça que à parte os grupúsculos trotzkistas ou socialistas e o Partido Comunista Americano, o mais estalinista do mundo — o partido democrata é a única organização para a qual podem voltar-se os trabalhadores americanos que têm uma consciência política. O partido democrata contém uma parte do que há de pior — racistas, anti-sindicalistas, partidários da nova guerra fria, sexistas, etc. Mas também contém tudo o que há de melhor nos Estados Unidos. É uma instituição contraditória, desconsoladora, ambígua, no interior da qual é preciso trabalhar, até para a reformar. É de dentro que convém inflectir a política do partido. Já o fizemos e continuamos a fazê-lo.

Quanto ao problema de fundo — a saída da crise — o reaganismo económico é incapaz de o resolver, o que não significa que, politicamente Reagan esteja condenado. Os novos reformistas apostam demasiado exclusivamente nas tecnologias de ponta, e o tipo de planificação que eles encaram só servirá às grandes empresas. Quanto a nós, pensamos que convém modernizar a América mas a nova estratégia não deve fazer-se nas costas dos trabalhadores, especialmente nas indústrias tradicionais. A planificação é essencial, mas não deve ser tecnocrática. Deve caminhar de baixo para cima. Numa palavra, deve ser democrática.

(1) Michael Harrington, **L'autre Amérique,** NRF, Paris.

(2) **Towards a democratic left,** Mc Millan, Nova Iorque 1968; **Socialism,** Saturday Review Press, Nova Iorque 1972; **The Twilight of Capitalism,** Simon e Schuster, Nova Iorque 1976; Michael Harrington: **The Vast Majority,** Simon e Schuster, 1978; **Decade of Decision,** Simon e Schuster, 1980; e, a vir à estampa em Setembro de 1983, **The Politics of God's Funeral,** Holt, Rinehart e Winson, Nova Iorque. ■

doces crónicas

"A passividade na vivência estudantil"

Quinta-feira próxima, antes de ir ouvir Amália Rodrigues ou John Mayall (ver Clip de hoje), participe no debate sobre «A passividade na vivência estudantil», no salão de teatro da Faculdade de Ciências Humanas da UNL, à Avenida de Berna. É uma iniciativa de um grupo de alunos de Sociologia, com a colaboração de grupos autónomos de estudantes universitários e associações de estudantes.

O texto de lançamento do debate intitula-se «Eu cá não me meto nisso» e diz, sobre os que assim falam da sua acção, que «... a estes é difícil decidi-los a não reflectirem os problemas individualmente. Como estudantes universitários que somos, e tendo participado mais ou menos directamente em actividades realizadas neste âmbito, sentimos a necessidade de dialogar a um nível mais amplo acerca de uma questão que não parece passar despercebida do mundo estudantil: *a passividade na vivência universitária.*»

Eis como continua o apelo à participação no debate:

«Queremos participar de uma reflexão conjunta com colegas e outros interessados de modo a que a diversidade de experiências e interesses ultrapasse o desabafo cochichado dos pátios da Faculdade. Que esta reflexão se concretize num encontro de situações diferentes que, aparentemente isoladas, exclusivas, particulares, nos permita a serena discussão deste problema!

Para nós, a passividade significa a inexistência de iniciativas pontuais ou consequentes que ultrapassem os trâmites estabelecidos no rigor do aproveitamento curricular. Assim, toda a expectativa de encontrar na Universidade um espaço privilegiado de formação e reflexão, tal como de comunicação e de criação, se vai diluindo em trabalhos didácticos, testes, exames e diplomas...

Não podemos reduzir esta discussão aos muros da Faculdade. Constantemente somos levados a referenciar o estudante universitário como cidadão, como membro de direito a participar e decidir na sociedade em que vive. Existe, cremos, um espaço de actividade que não é vivido pelo indivíduo no seu quotidiano.

Desencantado de muitas das formas de organização existentes, como responde o cidadão às solicitações à participação?

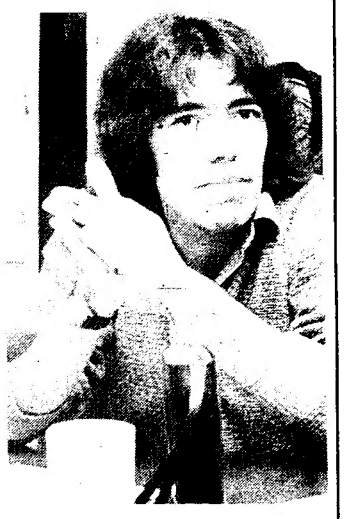
Persiste em tentar nelas participar?

Consegue criar *novas* formas de organização?

Ou recusando-a, age autonomamente?

Ou ainda, simplesmente, encolhe os ombros e sorri?...» ■

Clip



É esta semana — tudo indica que a partir de quarta-feira — que é posto á venda o último álbum de **Sérgio Godinho, «Coincidências».** Praticamente desaparecido desde o seu regresso da «aventura» brasileira, Sérgio Godinho, de quem se sabe que prefere o palco e que produz um difícil trabalho visando quase sempre a «aparência de facilidade», parece ter feito em «Coincidências» algo de bem diferente de muito do seu anterior trajecto. Não perca esta primeira prensagem. Mas quando o veremos de novo, ao vivo?

Também na quarta-feira, **José Afonso** leva ao Porto o seu **espectáculo do Coliseu.** No dia seguinte estará em Coimbra...Se não conseguiu bilhetes para o espectáculo de Lisboa e está no Porto ou em Coimbra, tem a sua oportunidade de não o falhar, ali...Mas terá de apressar-se, porque as vendas estão em fase muito adiantada.

Na quinta-feira, às 21 e 30, e não no princípio do mês, como erradamente noticiámos num dos primeiros «Clip», **Amália Rodrigues na Aula Magna** da Reitoria. Afinal estarão com ela António Variações e Né Ladeiras, que há pouco lançou o seu «Sonho Azul» anos quarenta.

Mas também na quinta-feira à noite, no estádio do Belenenses, vindo de França, **John Mayall,** que no dia seguinte —na noite seguinte irá até ao Infante de Sagres, do Porto, repetir o espectáculo. Será curioso saber qual é o público actual do «velho» mito do blues britânico — mas a experiência francesa, acabadinha de fazer, é um supreendente êxito. Mayall vem a Portugal com Mick Taylor (guitarra), Steve Thompson (baixo) e Collin Allen (bateria). Do mesmo modo que anunciámos que o concerto de Joan Baez seria uma festa a não perder, também agora lhe dizemos que Mayall valerá, decerto, a pena — e de «pena» em parte se trata, dado o cenário relativamente inóspito que para ele escolheram.

E chega de música, desta vez. Lembramos-lhe que está a correr, até 22 de Junho, o prazo para apresentação de candidaturas a **bolsas de estudo no estrangeiro** nos domínios da protecção do património, animação sociocultural, arqueologia, biblioteconomia, arquivo e documentação, artes plásticas, dança, fotografia, cinema, audiovisuais, literatura, música e museologia. As candidaturas devem ser entregues no Ministério da Cultura, Gabinete das Relações Culturais Internacionais. ■